

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL

BEATRIZ GALHARDO OLIVA SANCHES

**Comunicação em Educação Profissional: percepções docentes no Ensino Técnico na
Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

São Paulo
Março/2019

BEATRIZ GALHARDO OLIVA SANCHES

**Comunicação em Educação Profissional: percepções docentes no Ensino Técnico na
Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação, sob a orientação da Profa. Dra. Helena Gemignani Peterossi e coorientação do Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez

São Paulo

Março/2019

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS – CRB8-8281

S194c Sanches, Beatriz Galhardo Oliva
Comunicação em Educação Profissional: percepções docentes no Ensino Técnico na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) / Beatriz Galhardo Oliva Sanches. – São Paulo: CPS, 2019. 107 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Gemignani Peterossi
Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2019.

1. Educação Profissional. 2. Comunicação Profissional. 3. Educação de Jovens e Adultos. 4. Percepção Docente. I. Peterossi, Helena Gemignani. II. Ramirez, Rodrigo Avella. III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. IV. Título.

BEATRIZ GALHARDO OLIVA SANCHES

**Comunicação em Educação Profissional: percepções docentes no Ensino Técnico na
Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Profa. Dra. Helena Gemignani Peterossi (orientadora)

Profa. Dra. Maria de Fátima Ramos de Andrade

Profa. Dra. Rosália Maria Netto Prados

São Paulo, 28 de março de 2019

Para as professoras Clarice Sanches Oliva
e Maria do Desterro Ribeiro Sóstena,
saudades “imperecíveis”

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional que me acompanharam nessa caminhada, em especial minha orientadora Profa. Dra. Helena Gemignani Peterossi, pelo acolhimento, pelas suas valiosas contribuições e encorajamento dados.

Agradeço, imensamente, ao Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez, pelo apoio, auxílio e orientação que me transmitiram segurança para o desenvolvimento deste trabalho.

Às orientadoras da Banca de Qualificação e Defesa: Profa. Dra. Maria de Fátima Ramos de Andrade e Profa. Dra. Rosália Maria Netto Prados, primeiramente pelo aceite ao convite e pelos preciosos apontamentos que foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

Aos amigos e funcionários do Mestrado, pela convivência e amizade, das quais me lembrarei com carinho.

À ETEC Benedito Storani, e aos meus colegas de profissão que tanto me incentivaram e colaboraram imensamente para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e por me proporcionarem o refúgio nos dias mais difíceis que coincidiram com meu ingresso neste Programa de Mestrado.

Às minhas irmãs, por abrirem suas casas na “Terra da Garoa” e por me proporcionarem bons e necessários momentos de descontração nesses últimos dois anos.

Ao meu noivo, pelo amor, companheirismo e paciência constante. Meu maior exemplo de luta, fé e coragem.

Aos meus demais familiares e amigos por compreenderem minha ausência e entenderem os motivos de tantos convites recusados.

Por fim, agradeço aos meus alunos, agora egressos, do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pela oportunidade de vivenciar essa experiência pedagógica e acompanhá-los durante essa importante etapa de suas vidas.

RESUMO

SANCHES, B. G. O. **Comunicação em Educação Profissional: percepções docentes no Ensino Técnico na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)** 102f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019.

A Educação Profissional, mais especificamente a de nível médio integrada à modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), é um campo marcado pela falta de regularidade, carente de estudos em que muitas questões surgem e se fazem necessárias. Neste cenário, de alunos que não tiveram acesso ao ensino médio na idade própria, o presente estudo surgiu como uma reflexão sobre a Educação Profissional e Tecnológica e o papel dos docentes na formação dos sujeitos tendo em vista seus marcos legais no Brasil, em especial as iniciativas e programas para o Ensino Técnico Integrado ao Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do Centro Paula Souza. Esta pesquisa tem por objetivo examinar a percepção dos docentes quanto aos desafios profissionais que o componente curricular “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional” propõe. Buscou-se fundamentação teórica nos marcos históricos e legais, em documentos institucionais e em teóricos da formação do formador e teorias da comunicação. A pesquisa se caracteriza como estudo de caso de natureza exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa, por meio de levantamento bibliográfico, documental e legislativo, além da exploração de dados e de resultados demonstrados por questionários com alunos e entrevistas. Para tal a experiência de uma Escola Técnica Estadual (Etec) é investigada através de questionários com os alunos e relatos orais de docentes e coordenadores. Os resultados obtidos indicam que os docentes têm consciência dos desafios, mas necessitam suporte para melhor enfrentá-los. Dessa forma, o presente estudo visa não só o levantamento de algumas das características dos docentes que atuam na modalidade de Educação Profissional de Jovens e Adultos mas, também, oferecer subsídios para que tais desafios possam ser melhor enfrentados.

Palavras-chave: Educação Profissional. Comunicação Profissional. Educação de Jovens e Adultos. Percepção Docente.

ABSTRACT

SANCHES, B. G. O. **Communication in Vocational Education: The practitioner's perception for Youth and Adult Education (YAE)**. 102p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019.

Vocational Education, more specifically the secondary level integrated to the Youth and Adult Education (EJA), is a field marked by lack of regularity, lacking studies in which many issues arise and become necessary. In this scenario, of students who did not have access to high school at proper age, the present study emerged as a reflection on Vocational and Technological Education and the role of teachers in the training of subjects in view of the legal frameworks in Brazil, in particular initiatives and programs for Integrated Technical Education to the in the modality of Youth and Adult Education (EJA) in the context of the Paula Souza Center. This research aims to examine the teachers' perception of the professional challenges that the curriculum component "Portuguese Language, Literature and Professional Communication" proposes. Theoretical background was sought in the historical and legal frameworks, in institutional documents and in theorists of the teacher education and theories of communication. The research is characterized as an exploratory-descriptive case study, with a qualitative approach, through a bibliographical, documentary and legislative survey, as well as the exploration of data and results demonstrated by questionnaires with students and interviews. To that end, the experience of a State Technical School (Etec) is investigated through questionnaires with students and oral reports of teachers and coordinators. The results indicate that teachers are aware of the challenges but need support to better face them. In this sense, the present study aims not only to examine some traits of the teachers who work with Vocational Education of Young and Adults, but also offer guidance and assistance so that such challenges can be better faced.

Keywords: Vocational Education. Professional Communication. Youth and Adult Education; Practitioner's Perception

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Itinerário formativo EJA – Cozinha	45
-----------	--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Percentual de habitantes por anos de estudo A	35
Figura 2:	Percentual de habitantes por anos de estudo B	36
Figura 3:	Porcentagem de matrículas de Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio, integradas à Educação Profissional	39
Figura 4:	Total de vagas, matrículas e evasão – EJA Cozinha	41
Figura 5:	Distribuição dos alunos por faixa etária – EJA Cozinha	41

LISTA DE SIGLAS

CEB	Câmara de Educação Básica
CEETEPS	Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNE	Conselho Nacional de Educação
DOE	Diário Oficial Eletrônico
EAF	Escola Agrotécnica Federal
EFT	Escola Técnica Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ETEC	Escola Técnica Estadual
ETIM	Ensino Técnico Integrado ao Médio
FATEC	Faculdade de Tecnologia
GFAC	Grupo de Formulação e Análises Curriculares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LPLCP	Língua Portuguesa Literatura e Comunicação Profissional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Programa Nacional de Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PTD	Plano de Trabalho Docente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – EJA: BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E MARCOS LEGAIS	19
1.1 Os cursos de Madureza e Supletivo	22
1.2 A EJA nos anos de 1990 e no início do século XXI	24
CAPÍTULO 2 – O PAPEL DA ESCOLA E DO ENSINO PROFISSIONAL PARA JOVENS E ADULTOS	26
2.1 Os objetivos do Ensino Médio Integrado: Integração ou Fragmentação Curricular	29
2.2 Currículos integrados no Ensino Médio e na Educação Profissional: destaques na legislação	30
CAPÍTULO 3 – A EXPERIÊNCIA DO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	33
3.1 O Centro Paula Souza	33
3.2 O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – O PROEJA	34
3.3 EJA integrada à Educação Profissional e o PNE	37
3.4 A ETEC Benedito Storani e o perfil dos alunos do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA)	40
3.5 O Plano e Curso para o Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA)	42
3.6 Componente Curricular: Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional	46
CAPÍTULO 4 -COMUNICAÇÃO	49
4.1 Teorias da Comunicação	50
4.2 Comunicação Profissional	52
4.3 Desafios para o docente	54
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO	56
5.1 O dilema do professor entre o real e o ideal	57
5.2 A carga-horária do curso e dos componentes curriculares	58
5.3 A percepção da ideia de Comunicação e Comunicação Profissional	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66

APÊNDICES	70
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar proporciona aos seus atores uma riqueza de experiências ao passo que não se encontram muitos espaços para uma atenção mais profunda sobre, principalmente, a prática docente. Raros são os momentos dedicados ao estudo mais aprofundado, por exemplo, da função da escola, do papel e da formação do docente de ensino técnico ou, ainda, da legislação que regulamenta e determina as diretrizes específicas para Educação Profissional e Tecnológica. Esse espaço e momentos foram proporcionados à esta pesquisadora dentro do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional ofertado pela Unidade de Pós-graduação, Extensão e Pesquisa do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

A Educação Profissional carrega o compromisso de formar sujeitos capacitados para o mundo do trabalho e, portanto, é responsável por proporcionar aos seus alunos os conhecimentos necessários, desenvolver as competências e habilidades exigidas por esse “mundo”. Considera-se que esta seria uma das definições mais comuns sobre a Educação Profissional, no entanto, à medida que se pretende entender esta modalidade e observa-se algumas de suas especificidades as declarações assumidas como ponto de partida convertem-se mais em indagações do que em novas afirmações: o que se entende por Educação Profissional?

“Mundo do trabalho”? Quem são esses sujeitos? O que podemos compreender como formação, capacitação, qualificação, competências e habilidades? Qual a função da escola e mais especificamente as escolas de ensino técnico? Quais são os conhecimentos que ela deve difundir?

Ao se levar em conta não só a modalidade da Educação Profissional, mas também a considerada “Tradicional”, ou propedêutica, nota-se, à margem de ambas, a esfera da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em seus níveis: fundamental, médio e médio integrado ao Ensino Técnico. São terrenos quase que desconhecidos, carentes de estudos em que muitas outras questões surgem e se fazem necessárias. Neste contexto de questionamentos, o presente estudo surge como uma reflexão sobre a Educação Profissional e Tecnológica, seu papel na formação dos sujeitos tendo em vista seus marcos legais em nosso país, em especial as iniciativas e programas para o Ensino Técnico Integrado ao Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do Centro Paula Souza.

Outro aspecto importante para o desenvolvimento desta pesquisa foi pontuar a questão da comunicação como um dos objetos de análise e estudo. A comunicação faz parte do cotidiano, no entanto, eventualmente ocorre alguma reflexão sobre o nosso idioma e sua importância no mundo do trabalho. Assim, levando-se em consideração a importância da comunicação e a função do docente de Língua Portuguesa para a Educação de Jovens Adultos, esta pesquisa surgiu como uma tentativa de observar a dinâmica que ocorre desde o entendimento da formulação do componente, documentado no Plano de Trabalho Docente (PTD) às concepções que o docente que o recebe tem e, mais além, como ele percebe seu papel como professor da área de Comunicação na Educação Profissional e, especialmente, para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

O primeiro capítulo foi organizado de forma a trazer elementos históricos e legais que marcaram a modalidade EJA em nosso país, desde os tempos da colonização e seus avanços até o início do século XXI. Alguns aspectos históricos e marcos legais foram elencados para análise e como elementos de estudo para a compreensão da esfera da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em seus níveis: fundamental, médio e médio integrado ao Ensino Técnico, mais especialmente esta última. Esse resgate histórico e de seus principais marcos legais se faz necessário para a compreensão da situação atual desta modalidade e, especialmente, na esfera da Educação Profissional.

Algumas observações sobre o papel da escola e do ensino profissional para a EJA são retratadas no capítulo 2. Tais observações levaram a outros questionamentos e reflexões sobre os currículos integrados para a educação profissional de nível médio.

O capítulo 3 apresenta o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), a proposta e os objetivos para o curso que foi oferecido na modalidade EJA bem como as afinidades deste com o Documento Base do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – o PROEJA. Ainda nesse capítulo são descritos o perfil dos alunos e o Plano de Curso (PTD) recomendado para o curso Técnico em Cozinha na modalidade em questão.

O capítulo 3, também, compreende o detalhamento do componente curricular: “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”, que evidencia a questão da Comunicação como ponto de partida para a questão desta pesquisa.

Na sequência, no capítulo 4, foram elencadas algumas das principais teorias da Comunicação e seu desdobramento, Comunicação Profissional, para que seguissem as

discussões acerca da terminologia utilizada no nome do componente curricular aqui estudado. A importância da reflexão sobre as práticas docentes para a disciplina de Língua Portuguesa na EJA é apresentada neste mesmo capítulo.

Por fim, o capítulo 5 se dedica a analisar as entrevistas com os docentes e coordenadores do curso escolhido como objeto deste estudo. As análises das entrevistas possibilitaram o levantamento de três grandes temas que são discutidos a partir de recortes dos relatos dos entrevistados.

Questão de pesquisa

O questionamento que norteou esta pesquisa, advém da vivência da pesquisadora nos cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico (ETIM) e, a partir do segundo semestre de 2016, em um Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) – Cozinha – e a sua observação do ingresso de um novo perfil de aluno na unidade em que leciona.

O corpo docente é eminentemente composto por professores licenciados em Letras, ou seja, oriundos da academia e que neste momento se veem responsáveis por uma disciplina que demanda conhecimentos do “mundo do trabalho” o que ocasionou um estranhamento inicial entre a formação do docente e conteúdo da disciplina. Além da inexperiência em ministrar aulas em um curso novo na unidade, com alunos e necessidades diferenciadas. A nomenclatura e a estrutura curricular da disciplina: “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”, configuraram-se como o ponto de partida e, portanto, do questionamento norteador desta pesquisa. Dessa forma, percebe-se um conflito e a necessidade de entendimento entre o que o plano de curso determina e quais seriam as concepções dos docentes que ministram as aulas de “Comunicação”, ou mais especificamente, “Comunicação Profissional” na Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante.

Assim, levando-se em consideração a importância da comunicação e a função do docente de Língua Portuguesa para a Educação de Jovens Adultos apresentamos a seguinte questão: quais as percepções dos professores sobre o componente curricular: Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional no contexto do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens Adultos (EJA)?

Objetivos Geral

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como esses docentes refletem sobre suas práticas e compreendem a definição da expressão “Comunicação Profissional” proposta pela disciplina.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos forma: analisar as modalidades: Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio integrado à Capacitação Profissional suas origens e legislação vigente; descrever as características e o perfil dos alunos do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) oferecido em uma das unidades do Centro Paula Souza; verificar no programa e currículo do curso em questão como se deu a formulação da disciplina Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional para a Educação de Jovens e Adultos integrada ao Ensino Médio; realizar entrevistas com professores de Língua Portuguesa, da Base Técnica e coordenadores que atuaram nesta modalidade para analisar as suas concepções acerca do curso e da ideia de Comunicação; aplicar um questionário para verificar e comparar a quão próxima é a percepção de alunos e professores sobre o curso e propor formas de equipar o docente da modalidade em questão.

Metodologia

Este trabalho é composto por uma análise bibliográfica e documental de caráter descritivo no que diz respeito à legislação para a Educação de Jovens e Adultos e demais documentos como os planos dos cursos técnicos em Cozinha Integrados ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do CEETEPS. Para melhor compreender a clientela dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) se fez necessário um mapeamento através da análise quantitativa exploratória seguida do tratamento estatístico e gráfico dos dados obtidos. E, em um segundo, momento alguns professores inseridos nesta realidade foram selecionados (amostragem por conveniência) para a participação de entrevistas.

A ferramenta para a coleta de dados dos alunos foi um questionário estruturado, conforme o apêndice D. O recurso escolhido para os docentes foi o da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas, através da qual fosse possível adaptar as questões de acordo com cada entrevistado e com a autorização dos mesmos conforme Anexo D. Os roteiros básicos das entrevistas, apêndices A, B e C, foram organizados de forma que atendessem à questão de pesquisa.

1. EJA: BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E MARCOS LEGAIS

A educação de jovens e adultos (EJA) é um campo em que muitas questões surgem e se fazem necessárias, visto que este modelo é complexo porque apresenta especificidades que vão além das propostas “tradicionais” de ensino. Muitos debates acerca desta modalidade manifestam-se nas iniciativas de se oferecer instrução para os excluídos do sistema “regular” de ensino e os esforços concentraram-se, principalmente, nos processos de alfabetização (ler e escrever) dos jovens e adultos. Dessa forma, recorremos, em um primeiro momento, a um breve histórico da educação sobre jovens e adultos em nosso país como uma forma de resgatar as origens para assim buscar uma melhor compreensão do cenário atual dessa modalidade. Os primeiros registros datam no período colonial, no qual os jesuítas exerciam e direcionavam suas atividades de catequese não só às crianças, mas “indígenas adultos foram também submetidos a uma intensa ação cultural e educacional” como apontam Stephanou e Bastos (2005, p. 259). A missão da Companhia de Jesus era a iniciação à fé cristã dos nativos e alfabetizá-los na língua portuguesa.

Sander (2005, p.93) esmiúça este momento de “encontro”, entendendo-o mais como um “desencontro” entre os “donos da casa” e dos “visitantes”. O autor traz a sugestiva ideia de um “sintoma mais amplo” chamado de “processo de *globalatinização*”, termo apresentado por Jacques Derrida que, por sua vez, transcende os já desgastados “processos civilizador ou colonizador”.

Diferentemente das autoras Stephanou e Bastos (2005), a leitura que Sander (2005) traz desse momento aparenta um olhar mais sensível, inclusive para com as escolhas dos vocábulos e dos autores que orientam este seu olhar. O que anteriormente foi retratado como uma “intensa ação cultural e educacional” e “iniciação à fé cristã” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 259) no texto de Sander é colocado como

Um movimento histórico da humanidade e está associado a poderosos processos de expansão e *mundialização* [...] conquista econômica, política e cultural – conquista cultural, que engloba a *educação*, mediante a *transplantação sistemática dos valores e das práticas religiosas do cristianismo* e das expressões artísticas e tradições educacionais dos países dominados pela cultura latina da Europa continental para o Novo Mundo.[...] No campo específico do ensino [...] o latim tornou-se, também, em decorrência do processo de *globalatinização*, a língua oficial de ensino [...] ou seja, o *nativo* deu lugar ao *latino* (SANDER, 2005, p.93).

Os séculos que seguiram o período colonial demonstram que somente uma minoria da elite e do clero tinha acesso à escola e não havia vontade política por parte da Família Real no sentido de ampliar as oportunidades educacionais para o povo. A política pública era de caráter confessional e os representantes da igreja eram os responsáveis pela transmissão dos conhecimentos através da submissão e o respeito a Deus e das autoridades vigentes (SANDER, 2005, p.95).

Assim, no período do Império, a educação se limitava às classes mais altas da sociedade, especificamente, aos filhos dos colonizadores portugueses. Nesse período, já havia sinais de debates sobre como inserir as classes inferiores e com a promulgação do Ato Constitucional de 1834, a instrução primária e secundária passou a ser responsabilidade das províncias, e a educação de jovens e adultos era pouco divulgada e não se configurava como um direito, mas possuía, ainda, um caráter missionário e “solidário”: “era preciso ‘iluminar’ as mentes que viviam nas trevas da ignorância para que houvesse progresso” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.261). Entende-se como educação, neste momento, o letramento dessas pessoas consideradas degeneradas e, portanto, à margem da sociedade.

Essa concepção do analfabeto como um ser marginalizado e, portanto, dependente revela-se em 1879 com a Reforma Leôncio de Carvalho que foi fortalecida em 1881 com a lei Saraiva que limitava o direito ao voto somente àqueles que eram alfabetizados. Tal imposição estava na contramão desse momento pré-República, com o desenvolvimento econômico no ciclo do café, sobretudo na Província de São Paulo, os grupos urbanos começaram a clamar por maior participação na vida política do país, pela substituição do sistema eleitoral indireto pelo direto e pelo fim do voto censitário (LEÃO, 2012, p.2).

A primeira República, e a primeira Constituição, influenciada pelos princípios positivistas, mantiveram no âmbito educacional práticas normativas e modelos que revelam a continuidade da ordem, disciplina, controle e uniformização de comportamentos sem chances de uma “educação para a liberdade, criatividade, consciência crítica e a cidadania responsável” (SANDER, 2005, p.97). Aqui, e em outros pontos do ensaio, o referido autor demonstra sua preocupação com a educação distante dos princípios de liberdade, democracia e cidadania.

Adiantando o exame dessa “linha do tempo” chegamos ao início do século 20, período de ebulição em diversos setores. Sander (2005, p.98) sinaliza como o momento em que se instalou no Brasil um genuíno movimento nacional de reação às teorias sociais que então dominavam o pensamento e a produção intelectual na Europa e nos Estados Unidos. Em 1915 foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia lutar contra a

ignorância para estabilizar a grandeza das instituições republicanas. Na Associação Brasileira de Educação (ABE), as discussões giravam em torno de uma luta contra esta calamidade pública que tinha se instalado. O analfabetismo era considerado uma praga que deveria ser exterminada e era necessário tornar a pessoa analfabeta um ser produtivo que contribuísse para o desenvolvimento econômico do país (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.262-264). Manfredi (1981, p.26) aponta que em 1920 a taxa de analfabetismo chegou a um total de 72%. Ainda, de acordo com a autora, o nosso sistema até então agrário-exportador passa por mudanças e estimula-se, também, o investimento no setor industrial. Começou-se, assim, a culpar as pessoas analfabetas da situação de subdesenvolvimento do Brasil.

Temos como alguns destaques deste período a Semana de Arte Moderna em 1922, o surgimento da “Escola Nova” em 1928, por outro lado a crise de 1929 e, consequentemente, a crise cafeeira no Brasil. Ressalta-se, ainda, a Lei Francisco de Campos de 1931 e o *Manifesto dos Pioneiros da Educação* de 1932, marcado como movimento de renovação educacional.

Em 1938, foi criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e a partir de suas pesquisas e estudos, foi fundando em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário com o objetivo de realizar programas que ampliasse e incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1945, este fundo foi regulamentado, estabelecendo que 25% dos recursos fossem empregados na educação de adolescentes e adultos (MEDEIROS, 1999, p.182).

Em 1946, surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, e em 1947 surgiu um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos). A finalidade do SEA era de reorientar e coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. Esse movimento, que durou até fins da década de 50, foi denominado de Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. Foram criados guias de leituras, que possuíam em seu conteúdo, pequenas frases e textos sobre comportamento moral e com informações sobre saúde, técnicas de trabalho e higiene.

Deste modo, até meados do século passado a grande taxa de analfabetismo entre jovens e adultos ainda era elevada e, portanto, essa era a grande questão que motivou as iniciativas e programas de ensino voltados para este público. Os cursos que seguem a educação primária começaram a se estabelecer oficialmente nas décadas de 50 e 60, os chamados Cursos de Madureza, que deram lugar aos Supletivos anos mais tarde – destinados àqueles que encontravam-se fora da série escolar apropriada para a faixa etária.

1.1 Os Cursos de Madureza e Supletivo

São poucos os registros e trabalhos acadêmicos específicos sobre os cursos chamados “Madureza”, entretanto, muitos estudos citam este período, principalmente, devido à questão dos exames e da certificação que eram oferecidos.

Segundo a definição no portal “EducaBrasil”, proposta por Menezes e Santos (2001), uma das especificidades dos Cursos denominados *Madureza Ginásial* e *Madureza Colegial* era a possibilidade da obtenção de certificações através de exames finais de aprovação do curso – que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Fixava em 16 e 19 anos as idades mínimas para o início dos cursos, respectivamente, de Madureza Ginásial e de Madureza Colegial. Exigia, porém, um prazo de dois a três anos para a sua conclusão em cada ciclo, exigência essa abolida posteriormente pelo Decreto-Lei nº 709/69. Isso ocorreu porque a clientela dos exames de madureza era formada, na sua maioria, de autodidatas que tentavam suprir a formação escolar dentro de suas próprias condições de vida e de trabalho. Para estas pessoas somente o exame interessava.

Menezes e Santos (2001) ainda apontam que através de um acordo com o Ministério da Educação, a TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta, produziu o primeiro Curso de Madureza Ginásial da televisão brasileira que contou com uma rede de telepostos em vários municípios paulistas, com a finalidade de atender às necessidades da massa de indivíduos marginalizados da rede escolar, utilizando para tanto os recursos propiciados pelo rádio e televisão. Em 1971, o Curso de Madureza foi substituído pelo Projeto Minerva e, posteriormente, pelo curso Supletivo.

Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p.62) destacam que com a lei federal 5.692, de 1971, pela primeira vez, regras básicas para a organização e estabelecimento da educação supletiva foram estabelecidas e, assim, a educação direcionada à esse perfil de alunos começou a de distinguir entre: a suplência (relativa à reposição de escolaridade), o suprimento (relativa ao aperfeiçoamento ou atualização) e a aprendizagem e qualificação (referentes à formação para o trabalho e profissionalização).

Deste modo a lei 5.692/71 viabilizou o atendimento educativo àqueles que, não só não tiveram a oportunidade de ter acesso à educação, mas também, àqueles que não completaram na idade própria a escolaridade além da flexibilidade na organização do ensino em várias modalidades: cursos supletivos, centros de estudo e ensino a distância, por exemplo. A lei, ainda, manteve o sistema de exames como mecanismos de certificação,

contudo não demandavam matrícula ou frequência dos alunos atualizando, de certa forma, os Cursos de Madureza (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.62 - p.63).

Neste panorama, a lei não caracterizava como obrigatória a oferta e, portanto, o direito à educação básica para jovens e adultos. Somente com a Constituição Federal de 1988 teve-se a concessão para este público de direitos mais amplos à escolaridade. O artigo 208 preconizava que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I- ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Vale ressaltar que no relatório: *Diagnóstico dos estudos e pesquisas sobre políticas, estrutura e funcionamento do ensino supletivo – função suplência*, de autoria de Siqueira e Haddad, realizado nesse mesmo ano, já apontava que o ensino supletivo estava instaurado no Brasil, de modo desigual e heterogêneo.

Pierro, Joia e Ribeiro (2001) sinalizaram um outro aspecto relevante da educação supletiva a partir desse período: o ingresso e atendimento de um público mais jovem e urbano. Os autores também apontaram as razões que levaram a este fenômeno denominado como “juvenilização da clientela”:

Nesse sentido, mais do que uma “escola nova”, voltada a um novo público, antes não atendido pela escola básica insuficiente, a educação supletiva converteu-se também em mecanismo de “aceleração de estudos” para adolescentes e jovens com baixo desempenho na escola regular. As conhecidas deficiências do sistema escolar regular público são, sem dúvida, responsáveis por parte da demanda do público mais jovem sobre os programas de ensino supletivo [...] A entrada precoce dos adolescentes das camadas mais pobres no mercado de trabalho formal ou informal provocou a sua transferência para os programas de educação originalmente destinados à uma população adulta [...] Nesse contexto a suplência passou a constituir-se em oportunidade educativa para um largo segmento da população, com três trajetórias escolares básicas: para os que iniciam a escolaridade já na condição de adultos trabalhadores; para adolescentes e adultos jovens que ingressaram na escola regular e abandonaram há algum tempo, frequentemente motivados pelo ingresso no trabalho ou em razão de movimentos migratórios e, finalmente, para adolescentes que ingressaram e cursaram recentemente a escola regular, mas acumularam aí grandes defasagens entre a idade e a série cursada (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.64-65).

A década de 1990 foi marcada pela estagnação e ausência do governo nos projetos e programas para a Educação de Jovens e Adultos conferidos, então, ao terceiro setor, ou outros espaços como sindicatos, igrejas e associações de bairro.

1.2 A EJA nos anos de 1990 e início do século XXI

Pierro e Haddad (2015, p.199) revelaram o sentimento de frustração diante da constatação de que os esforços por colocar a EJA na agenda dos governos não transformaram-se em avanços significativos nesse período. Os referidos autores fizeram um resgate das transformações das políticas de Educação de Jovens e Adultos no início do século XXI e, para tanto, elencaram as que consideram as três principais referências internacionais do final da década de 1990: a Declaração de Hamburgo e a Agenda para o Futuro firmadas em 1997, na Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confitea); as Metas de Educação para Todos (EPT), concebidas em 1990, porém renovadas em 2000, e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), acordo assinado, também, em 2000. Tais formulações e seus objetivos foram avaliados pelos pesquisadores como “desafios tímidos” e criticados por não se comprometerem com a universalidade do direito dos adultos à alfabetização e à educação ao longo da vida, ou ainda, por não serem amparados pela gratuidade (PIERRO; HADDAD, 2015, p. 204-205).

Em âmbito nacional, a Lei de Diretrizes (LDBEN) de 1996, assegura em seu Art.4º, o direito público dos jovens, adultos e idosos ao estudo:

VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;(BRASIL, 1996)

A LDBEN ainda dispõe da seção V, específica para EJA, e o Capítulo III que dispõe sobre a Educação Profissional e, somente no início da década seguinte, a partir do reaparecimento de novos programas e iniciativas de governo, com destaque para o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), lançado em 2005, despontam os debates acerca desta modalidade integrada à formação profissional.

Contudo outra marca importante a ser lembrada é a questão dos recursos destinados à essa modalidade. Tal objeto não será profundamente analisado nesta pesquisa mas influencia sobremaneira na concretização dos efeitos da lei:

Os recursos destinados à educação básica de jovens e adultos tiveram, durante muitos anos, um caráter de excepcionalidade, originários de incentivos da receita federal, pela indicação voluntária de porcentagem do imposto de renda das pessoas jurídicas e para a formação profissional em empresas. Nota-se, mais recentemente, uma ausência de critérios públicos para alocação de recursos financeiros e um claro processo de redução dos seus montantes.

(GADOTTI; ROMÃO, 2011, p. 144)

Ressalta-se que a LDBEN e o PROEJA serão melhor discutidos no Capítulo 3, passando-se, assim para a questão da função da escola e mais, especificamente as que oferecem o Ensino Profissional para a modalidade em questão.

2. O PAPEL DA ESCOLA E DO ENSINO PROFISSIONAL PARA JOVENS E ADULTOS

Zabala (1998, p.27) nos convida a refletir sobre a função social do ensino e das atribuições da escola através de questionamentos desafiadores: “o papel da escola deve ser seletivo e propedêutico? Ou deve cumprir outras funções? [...] Quais são as nossas intenções educacionais? O que pretendemos que nossos alunos consigam?”. O autor explicita que dentre as diversas atividades do professor cabe a este saber identificar os fatores que incidem no crescimento dos alunos e, também, avaliar se a intervenção realizada é coerente com a ideia de que ele tem da função da escola, e, portanto, da sua função social como educador.

Para entender melhor tal processo, Zabala (1998) recorre à proposta de classificar as capacidades do ser humano propostas por C. Coll (capacidades cognitivas ou intelectuais, motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção e atuação social) e, novamente, pondera sobre quais delas são de fato priorizadas no ensino “regular” ou “tradicional” e quais o sistema educativo deveria dar importância. O autor afirma que:

A resposta a estas perguntas é a chave para determinar qualquer atuação educacional [...] Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas. [...] A capacidade de uma pessoa se relacionar depende das experiências que vive e as instituições educacionais são um dos locais [...] para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais. A posição dos adultos frente à vida [...] a forma de estabelecer as comunicações na aula, o tipo de regras de jogo e de convivência incidem em todas as capacidades da pessoa (ZABALA, 1998, p.28).

Desta forma cabe ao professor buscar o entendimento e a influência que tais experiências carregam e intervir para que sejam as mais positivas possíveis para o desenvolvimento dos alunos o que, nos remete, novamente, a ideia de coerência que se configura como tarefa indissociável das práticas docentes. Ressalta-se a preocupação de Zabala com a comunicação docente, outro tema que esta pesquisa pretende examinar através das entrevistas com docentes e alunos selecionados.

Para Peterossi e Menino (2017, p.105) a escola técnica tem uma finalidade “socioprofissional” e

Seu papel é permitir o acesso aos saberes e às habilidades tal como requisitados socialmente. Ora, em nossa sociedade altamente tecnológica, a escola deve apresentar uma integração orgânica entre formação técnica e a formação escolar geral, de modo a estabelecer uma significação cultural com os valores formativos inerentes aos saberes e às práticas dos profissionais a serem por ela formados. (PETEROSS, MENINO, 2017, p.105).

Os autores, dessa forma, trazem à discussão a conhecida tensão na esfera da educação profissional: a função dessa escola é formar para “o saber” ou “formar para o trabalho” e a preocupação em criar “mecanismos de ação” mais do que “de problematizações”.

Em relação à Educação de Jovens e Adultos, a questão essencial refere-se às concepções de ensino e aprendizagem adequadas à continuidade da formação escolar do trabalhador (PONTUSCHA, 2013, p.131). Retoma-se, assim, a questão desta pesquisa que pretende trazer a reflexão dos docentes sobre suas práticas e, considerando como ponto de partida a afirmação de Pontuscha, quais seriam “as concepções de ensino e aprendizagem adequadas à continuidade da formação escolar do trabalhador”? Destaca-se que no contexto escolhido para análise não são todos os alunos que encontram-se inseridos no mercado de trabalho considerado “formal”, neste cenário o que pode-se admitir como “adequado” frente ao perfil dos alunos, ao currículo proposto pela instituição e às ferramentas disponíveis aos docentes e discentes?

Acredita-se que não há respostas finalizadas para estas indagações e, deste modo, admite-se que pode-se obter, com as ponderações e avaliações dos professores coletadas nas futuras entrevistas, algumas possibilidades para uma compreensão desta modalidade (EJA) em sua prática, bem como dos valores esperados que as escolas fomentem.

Barato (2015, p.13) desenvolveu um extenso estudo sobre Valores em Educação Profissional e declara que “boa parte do desenvolvimento de valores ocorre no âmbito do currículo oculto [...] Todas as atividades escolares refletem valores e promovem visões de mundo que positiva ou negativamente contribuem para o desenvolvimento socioafetivo”.

A modalidade EJA constitui-se como o agrupamento de alunos que se encontram fora da série adequada para a idade devido aos mais diversos motivos, com diferentes trajetórias de vida e ao longo dos anos acumularam diferentes experiências no sustento de suas famílias, em seus trabalhos e nas relações com familiares e amigos. Logo, estabelece-se um diálogo entre as reflexões anteriores mais gerais sobre a importância das experiências com o discurso de Pontuscha (2013) que salienta o papel do professor para a clientela em questão:

O conjunto dessas experiências diferencia profundamente a educação daquela de crianças e adolescentes e precisa ser considerada pelo professor ao pensar o seu *plano de curso*. Não é conveniente utilizar metodologias que os infantilizem e concorram para excluí-los da escola, em vez de aproveitar o seu conhecimento como ponto de partida para ampliá-lo no relacionamento com os saberes escolares (PONTUSCHA, 2013, p.131).

Podemos afirmar que há praticamente um consenso entre as teorias que discorrem sobre a relação entre professor-aluno a ideia de que quando o professor considera os saberes acumulados (prévios), está fazendo que o aluno se sinta importante e valorizado como cidadão. É preciso, porém, pensar que o acesso ao saber acadêmico, por parte dos alunos, implica inclusão em todo um universo de conhecimentos e também em um redimensionamento dos próprios conhecimentos (PONTUSCHA, 2013, p.133).

Novamente percebe-se o parecer da autora quanto à adequação que agora volta-se para o plano de curso. O propósito deste estudo não é realizar uma extensa descrição dos programas e currículos, mas alguns pontos do Plano de Trabalho Docente (PTD) foram elencados para uma breve descrição e análise no terceiro capítulo.

Barato (2015, p.14) revela que seu estudo nasceu de casos de insucesso e que no caso da educação profissional e tecnológica, mais especificamente, o tratamento dos valores ignora, muitas vezes as práticas sociais significativas presentes em atividades de trabalho. Em outras palavras, a EPT é fortemente marcada pela divisão entre teoria x prática e no campo dos valores a oposição se dá entre técnica x humanismo.

Tendo em vista esse processo de encontro com o saber acadêmico e técnico, os alunos que retornam aos bancos escolares já adultos ou fora da série escolar buscam a inserção social que a formação (além das certificações) confere. Portanto, “falar e escrever bem” podem ser um mecanismo que reforça a autoconfiança desses alunos. Compreender ideias alheias e expressar verbalmente ideias próprias requer a assimilação de um saber acadêmico ou “escolar”:

Se considerarmos, como fins da escola a preparação do aluno para a vida, incluindo nela a preparação para o trabalho, o papel da educação escolar passa a ser o de desenvolvimento de capacidades fundamentais para o autodesenvolvimento, a relação interpessoal, a vida em sociedade e o trabalho produtivo [...] Há interdependência entre formação integral do cidadão e a educação profissional. De um lado, o alcance dos objetivos da educação geral desenvolve habilidades e fornece conhecimentos que são úteis para a sua formação profissional. Por outro lado, a educação profissional específica também concorre para a *formação integral* do aluno (MORAES; KÜELLER, 2016, p.40-42).

Conclui-se, desta forma, que a função da escola, e, portanto, da educação profissional, não pode limitar-se a exposição dos alunos aos conhecimentos científicos, ou “saberessistematizados”: Assim, acredita-se que sejam necessárias algumas considerações sobre o que entende-se como formação integral ou, ainda, quais são os objetivos do Ensino Médio Integrado.

2.1 Os objetivos do Ensino Médio Integrado: Integração ou Fragmentação Curricular?

O que é integrar? Para Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012, p.17) a questão central deveria partir da reflexão sobre o que seria, de fato, uma educação integrada e como a educação geral pode tornar-se parte inseparável da educação profissional. Os autores, mais especificamente, analisam as possibilidades e desafios na organização do currículo integrado e salientam que um projeto de ensino médio integrado ao ensino técnico, tendo como eixos o trabalho a ciência e a cultura, necessita superar o histórico conflito existente em torno do papel da escola, de formar para a cidadania ou para o trabalho produtivo (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012, p.17).

Moraes e Küeller (2016) atentam para a fragmentação dos currículos de ensino médio e educação profissional:

No currículo tradicional, a educação geral compreende o conjunto sistematizado e organizado didaticamente dos campos de conhecimento (ciências e disciplinas) que todos devem conhecer. A educação profissional diz respeito ao conhecimento sistematizado necessário ao exercício de uma profissão específica [...] A educação geral se distingue da profissional pelos conteúdos distintos que ensinam. Usualmente, uma e outra organizam o conhecimento a ser transmitido em blocos de conteúdos desintegrados” (MORAES; KÜELLER, 2016, p.39).

Os autores detalham em suas pesquisas um panorama internacional das reformas educacionais, da integração curricular e apontam a indefinição e a falta de consistência quanto as finalidades e enfoques como aspecto comum ao ensino médio na maioria dos países. Desta maneira, prossegue-se a experiência do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos no Centro Paula Souza e a proposta curricular para este curso. Acredita-se, deste modo, que as entrevistas propostas por esta pesquisa ajudarão a apreender como o professor percebe e lida com a integração, uma vez

que, os docentes de Língua Portuguesa são, habitualmente, classificados como pertencentes à Base Comum.

A partir da questão da integração outros temas surgem e serão apresentados aos entrevistados como, por exemplo, se eles se sentem integrados com outros colegas, especialmente os que lecionam os componentes técnicos, se há condições para redirecionar a ementa da sua disciplina, recomendada pelo PTD, no intuito de fazer conexões entre a Base Comum e a área técnica de cozinha e, ainda, se é possível perceber se os alunos conseguem relacionar essas diferentes áreas.

Antes de destacar a experiência do EJA no contexto do Centro Paula Souza, faz-se necessário apresentar os marcos legais que orientam a elaboração dos currículos para a modalidade do Ensino Médio integrado à Educação Profissional.

2.2 Currículos integrados no Ensino Médio e na Educação Profissional: Destaques da Legislação

A Constituição Federal, em seu art.205, expressa que a “educação é direito de todos e dever do Estado e da família”, a qual será “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Tal princípio é recuperado no art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei Federal nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que incorpora a “formação para o trabalho”. Essa “formação para o trabalho”, por sua vez, é retratada no art.227 da Constituição Federal como um direito que deve ser garantido

“com absoluta prioridade” em termos de direito “à profissionalização”, o qual é situado, junto com o “direito à vida”, na confluência de dois dos direitos fundamentais do cidadão, ou seja, o direito à educação e o direito ao trabalho. Vale ressaltar que o art. 6º da atual Carta Magna brasileira já registra entre os direitos sociais do cidadão, o direito à educação e o direito ao trabalho.

O Parecer CNE/CEB nº16/1999, que fundamentou a edição das primeiras diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), para a educação profissional técnica pela Resolução CNE/CEB nº 4/1999, já sinalizava a educação para o trabalho, caracterizada como qualificação ou como formação.

Assim, a versão da LDBEN de 1996, já contemplava a educação profissional em um capítulo inserido no Título V “Dos níveis e das modalidades de educação e ensino”. Já a Lei Federal nº 11.741, de julho de 2008, incluiu a seção IV-A “Da educação profissional técnica de nível médio”, em complementação à seção IV, específica “Do ensino médio”. Essa fase de consolidação da educação básica é objeto da Resolução CNE/CEB nº 2/2012, que “define diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio”, com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 5/2011, articuladamente, com as “Diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica”, definidas pela Resolução CNE/CEB nº 4/2010, fundamentada no Parecer CNE/CEB nº 4/2010.

Dessa forma, tem-se o atual art. 39 da LDBEN que estabelece que “a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” e o art. 36-A assinala que “o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício das profissões técnicas”. O mesmo artigo ainda define que “a preparação para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional”. Na sequência o art. 36-B determina que “a educação profissional técnica de ensino médio será desenvolvida nas seguintes formas: I – articulada com o ensino médio; II – subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio”. A educação profissional técnica de nível médio, desenvolvida na forma articulada com o ensino médio, nos termos do art. 36-C, poderá ser ofertada na *forma integrada*, “somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno”. Destaca-se, aqui, que está é uma das modalidades oferecidas pelo Centro Paula Souza e que se assemelha à proposta para Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens Adultos (EJA). A outra forma seria a *concomitante* “oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso”. (BRASIL, 1996)

Retomando o art. 39, os termos do §1º definem a organização dos cursos de educação profissional “por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas nas normas do respectivo sistema e nível de ensino”. Seguidamente, os art. 40 e 41 da mesma LDBEN estabelecem respectivamente que “a educação profissional

será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas em ambiente de trabalho” e que “o conhecimento na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação, para prosseguimento ou conclusão de estudos”.

De acordo com o §3º no art.37 acrescentado à Lei Federal nº11.742/08, em complemento à Lei Federal nº9.394/96, na seção V do Capítulo II, “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” situados, assim, em confluência com o art. 42 da mesma Lei Federal que aponta que “as instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade”.

A complexidade de todo esse novo ordenamento legal reflete no entendimento e na compreensão dos objetivos do ensino médio, como este deve ser organizado e quais as formas e mecanismos de integração com a educação profissional, em especial na modalidade para jovens e adultos. Portanto, este trabalho propõe-se a verificar, também, o quão o professor de Língua Portuguesa e Comunicação está informado a respeito das especificidades da modalidade EJA, seu histórico e a sobre a legislação que embasa sua atuação.

3. A EXPERIÊNCIA DO TÉCNICO EM COZINHA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS (EJA) – ETEC BENEDITO STORANI (JUNDIAÍ, SP)

A escolha do objeto de estudo advém da vivência da pesquisadora nos cursos de Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) e, a partir do segundo semestre de 2016, em um Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) – Cozinha – e a sua observação do ingresso de um novo perfil de aluno na unidade em que leciona: a Escola Técnica Estadual Benedito Storani, que pertence ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS).

3.1 O Centro Paula Souza

O Centro Estadual de Educação Técnica e Tecnológica Paula Souza (CEETPS) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, e conta, atualmente com 221 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) e 71 Faculdades de Tecnologias (Fatecs) distribuídas em aproximadamente 300 municípios. As Etecs atendem mais de 207 mil estudantes nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio, com 140 cursos técnicos para os setores industrial, agropecuário e de serviços, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, online, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica.

Desde 2014, a instituição oferece Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA). Os cursos abrangem, concomitantemente, habilidades específicas do ensino técnico e conteúdos do Ensino Médio, buscando a interdisciplinaridade. De acordo com a descrição no Portal do CEETEPS, o objetivo é oferecer a jovens e adultos trabalhadores oportunidades de escolarização que aliem a educação básica em nível médio à educação profissional, com desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do aluno como cidadão e como profissional de qualidade.

Tal descrição e objetivo apresentados pelo Centro Paula Souza fundamentam-se no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - O PROEJA que, conforme anteriormente mencionado, será melhor apresentado neste momento.

3.2 O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - O PROEJA (considerações sobre o Documento Base)

Através das alterações promovidas no Decreto nº 5.840/2006 (documento base) o PROEJA transformou-se em um Programa Nacional de Integração da Educação Básica na modalidade EJA e pode ser ofertado pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs; Escolas Técnicas Federais – EFTs, Escolas Agrotécnicas Federais – EAFs e Escolas Técnicas vinculadas às Universidade Federais), pelas esferas estaduais e municipais e por entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional vinculadas ao sistema sindical (Sistema S).

Cabe destacar que algumas dessas instituições foram *convocadas* a implantar o PROEJA – como a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, pois como assumem os autores Moura e Henrique (2012, p. 116), algumas características dessa Rede potencializam a função que as instituições a ela vinculadas podem assumir nesse processo tais como: a presença em quase todos os estados da federação e a tradição vinculada à qualidade já reconhecidas no ensino médio e na educação profissional técnica de nível médio.

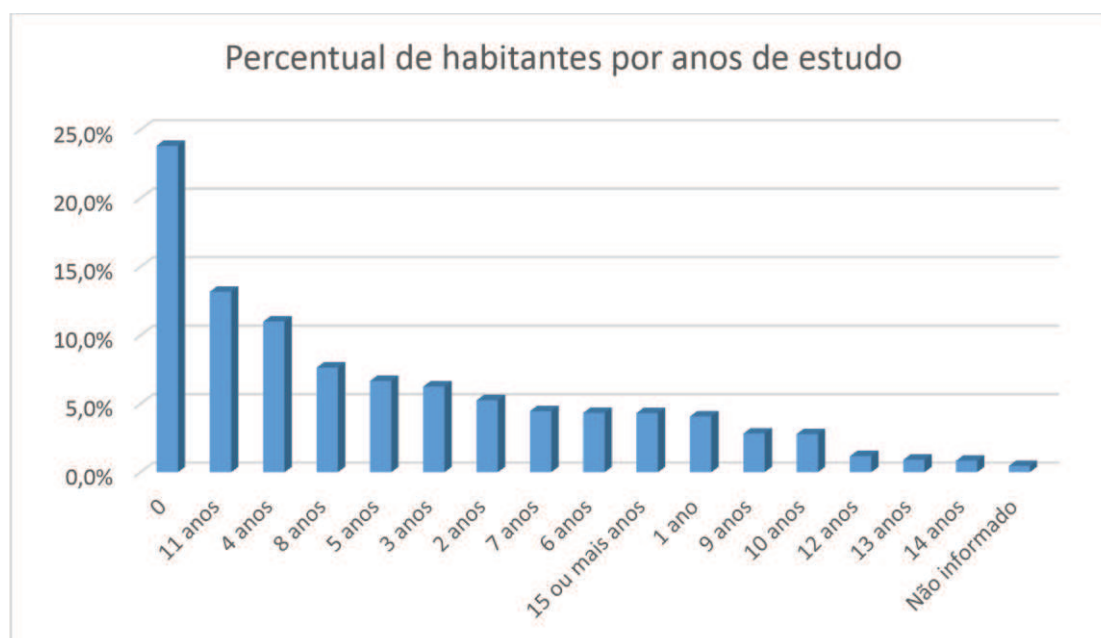
Por esse motivo, provavelmente, a maioria dos estudos de tal modalidade circular no contexto dos CEFETs e outras instituições pertencentes à Rede Federal – talvez a obrigatoriedade desta implantação instituiu reformulações e novas reflexões acerca do tema nesses ambientes. Desta maneira, portanto, este trabalho se justifica uma vez identificada a ausência de estudos de como os Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) foram concebidos e incorporados pelo Centro Paula Souza.

O surgimento do PROEJA, em 2006, apontava, de acordo, com os documentos oficiais, duas finalidades sendo elas: enfrentar as descontinuidades e o voluntarismo que marcam a modalidade EJA em nosso país, e integrar à educação básica uma formação profissional que contribua para a integração socioeconômica de qualidade do coletivo de jovens e adultos. (MOURA; HENRIQUE, 2012, p.116).

Contudo, os autores, de forma taxativa, constataam que é pouca ou quase nenhuma a experiência da mencionada Rede no que se refere ao trabalho com a modalidade Educação de Jovens e Adultos, o que resulta em diversas limitações ao processo de implantação do programa.

O Documento Base do PROEJA (BRASIL, 2007, p.14) fornece uma tabela com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que foram organizados em gráficos apresentados nas Figuras 1 e 2. Em 2003, conforme a Figura 1, o total de habitantes chegava a quase 174 milhões e apesar do destaque para as quase 23 milhões de pessoas que possuíam 11 anos de estudo e, portanto, concluíram o Ensino Médio, esse contingente representava apenas 13% do total da população do país:

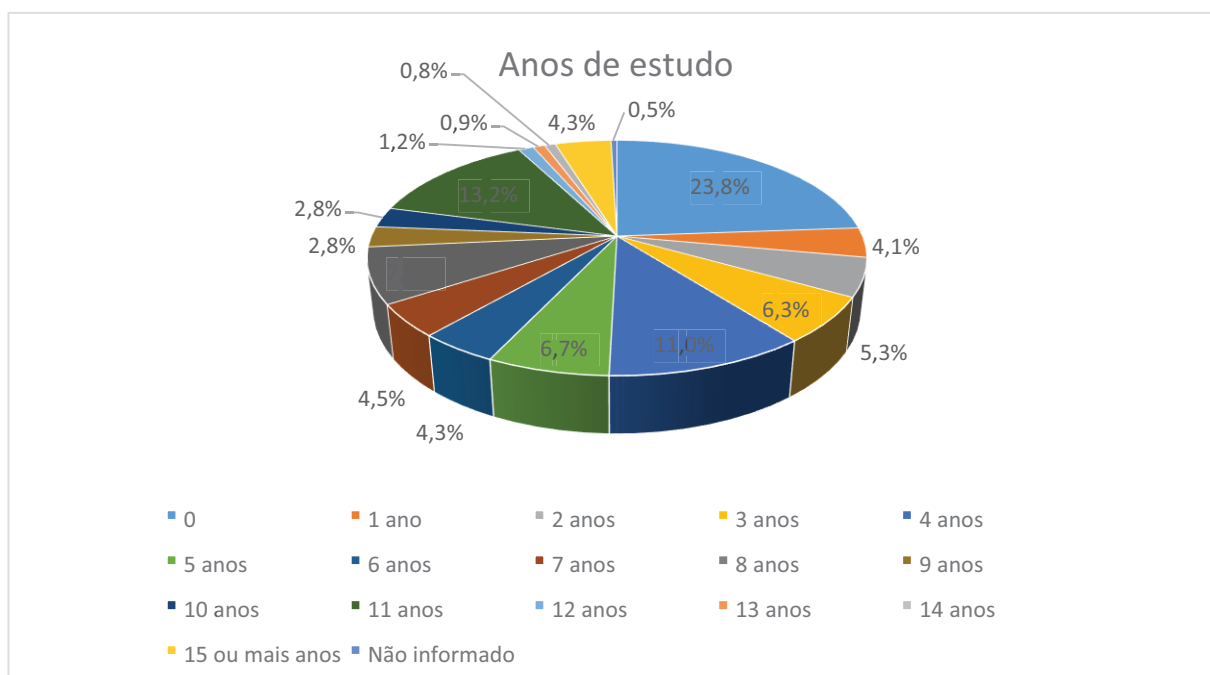
Figura 1 – Percentual de habitantes por anos de estudo A



Fonte: IBGE/PNAD – 2003

Nota: Dados trabalhados pela autora

No entanto, o percentual mais elevado, e que representa quase um quarto da população encontrava-se na faixa correspondente a zero anos de estudo:

Figura 2 – Percentual de habitantes por anos de estudo B

Fonte: IBGE/PNAD – 2003

Nota: Dados trabalhados pela autora

De acordo com Manfredi (*In*: BRASIL, 2007, p.47), citada no Documento Base em questão, além de expressar uma decisão política de garantia de direitos o Proeja, epistemologicamente, está fundamentado em um projeto educativo com fundamentos políticopedagógicos emancipatórios e democráticos: a) A integração curricular visando à qualificação social e profissional articulada à elevação da escolaridade, construída a partir de um processo democrático e participativo de discussão coletiva; b) A escola formadora de sujeitos articulada a um projeto coletivo de emancipação humana; c) A valorização dos diferentes saberes no processo educativo; d) A compreensão e consideração dos tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem; e) A escola vinculada à realidade dos sujeitos; f) A autonomia e colaboração entre os sujeitos e o sistema nacional de ensino; g) O trabalho como princípio educativo.

O Documento Base do Proeja, alicerçado nos fundamentos acima transcritos, considera que a Educação Profissional tem uma dimensão social intrínseca, ela extrapola a simples preparação para uma ocupação específica no mundo do trabalho e “postula a vinculação entre a formação técnica e uma sólida base científica, numa perspectiva social e histórico-crítica, integrando a preparação para o trabalho à formação de nível médio” (MANFREDI, 2016, p. 57).

Quanto à legalidade dos programas de Educação e Jovens e Adultos concomitantes com a Educação Profissional, ressaltamos, o Plano Nacional de Educação (PNE) o qual estabelece, que municípios e unidades da federação devem ter seus planos de Educação aprovados em consonância com suas respectivas Metas e Estratégias propostas dentro do período estabelecido.

3.3 EJA integrada à Educação Profissional e o PNE

O Plano Nacional de Educação (PNE), lei nº 13005, de 2014, é uma lei ordinária com vigência de dez anos a partir de 26/06/2014, prevista no artigo 214 da Constituição Federal estabelece diretrizes, metas e estratégias de concretização no campo da Educação:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à: I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - melhoria da qualidade do ensino; IV - formação para o trabalho e V - promoção humanística, científica e tecnológica do País (BRASIL, 2014).

O Plano Nacional de Educação (PNE) propõe 20 metas, sendo a número 10 específica para a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio integrada à Educação Profissional. De acordo com o anexo da lei nº 13.005, de junho de 2014, a Meta 10 visa: oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. Para tanto, onze estratégias foram estipuladas. Dentre elas destacam-se as estratégias 6 e 7:

[...] 10.6) estimular a diversificação curricular da educação de jovens e adultos, articulando a formação básica e a preparação para o mundo do trabalho e estabelecendo inter-relações entre teoria e prática, nos eixos da ciência, do trabalho, da tecnologia e da cultura e cidadania, de forma a organizar o tempo e o espaço pedagógicos adequados às características desses alunos e alunas; 10.7) fomentar a produção de material didático, o desenvolvimento de currículos e metodologias específicas, os instrumentos de avaliação, o acesso a equipamentos e laboratórios e a formação continuada de docentes das redes públicas que atuam na educação de jovens e adultos articulada à educação profissional; [...] (BRASIL, 2014).

A diversificação curricular que deve atender aos “tempos e espaços pedagógicos”, apresentada na estratégia 10.6, requer um programa não só adaptado ao perfil dos alunos desta modalidade, mas também à duração e ambientes designados para o curso.

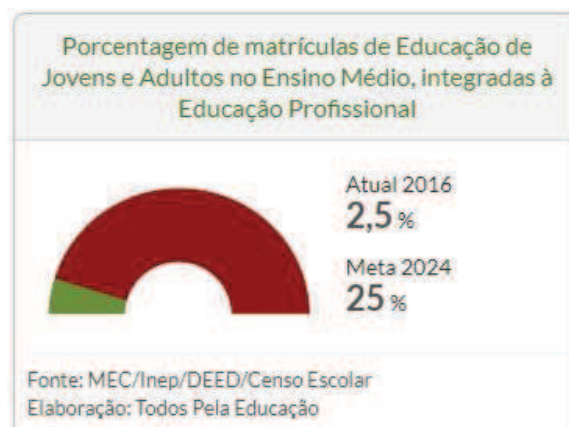
Verifica-se que, de acordo com a Matriz Curricular (Anexo B) do curso escolhido, para a análise neste trabalho os ajustes acontecem, em certa medida. O Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio, na Modalidade EJA, tem duração de cinco semestres (dois anos e meio), diferentemente do Ensino Técnico Integrado ao Médio “regular” que compreende o período de seis semestres (três anos). Para tanto, algumas disciplinas da base comum, exceto Língua Portuguesa e Matemática que tem carga horária em todos os módulos, têm duração de um a três semestres como observa-se em: Artes (um semestre); História, Geografia, Biologia, Física, Química e Língua Estrangeira Moderna – Inglês (dois semestres), Filosofia e Ética (três semestres), enquanto no Ensino Técnico Integrado ao Médio “regular” as mesmas ocorrem ao longo dos três anos, salvo Artes que é trabalhada em dois semestres.

O presente estudo não se aprofundará na questão dos “espaços pedagógicos”, porém, ressalta-se que a escola Técnica Benedito Storani, escolhida como objeto de análise, já contava com os cursos nas modalidades “modulares” e integrados ao Ensino Médio de Técnico em Agropecuária, Alimentos e Técnico em Nutrição e Dietética, que necessitam de instalações como cozinha industrial, laboratórios de nutrição e panificação, além de ter passado por uma reestruturação em 2014 na qual um novo bloco de salas de aula foi construído. Desta forma, a Modalidade EJA foi aprovada e passou a ser oferecida nesta unidade no segundo semestre de 2016.

A estratégia 10.7 ressalta a importância do material didático, das formas de avaliação e aponta para a formação do docente que atuará nesta modalidade. Mais adiante a formação deste professor será retomada e melhor examinada no contexto escolhido para este trabalho. Entretanto, vale lembrar que o Centro Paula Souza investe na formação pedagógica de docentes para o Ensino Técnico. A instituição conta com um departamento de qualificação docente, a Cetec – Capacitações que já ofereceu cursos de atualização em Ensino e Aprendizagem de Jovens e Adultos com destaque, em 2011, para o curso de Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, modalidade de Aperfeiçoamento, em parceria com sua unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa.

Além das metas e estratégias, o portal Observatório do PNE apresenta os resultados obtidos até o presente momento de cada uma de suas metas propostas como podemos observar de acordo com a figura a seguir:

Figura 3 – Porcentagem de matrículas de Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio, integradas à Educação Profissional



Cada uma das estratégias pode, também, ser acompanhada e há uma recorrência nas descrições o apontamento de que os resultados ainda se mostram poucos expressivos.

Outro fator a ser considerado nesta modalidade não é só a dificuldade em aumentar o número de matrículas dessas pessoas que não tiveram acesso à educação na idade certa mas a permanência destes nos bancos escolares. O elevado índice de abandono ocasionado, entre outros motivos, pela inadequação das propostas curriculares às especificidades pode ser constatado nos dados coletados na unidade escolhida para esta pesquisa: na fase de inscrições o curso em questão contava com 50 inscritos para um total de 40 vagas. Entretanto apenas 31 vagas foram efetivamente preenchidas sendo que no último semestre apenas 14 alunos concluíram o curso.

Nessa breve análise, da meta 10 e suas estratégias, feita através dos dados disponíveis no portal Observatório do PNE, observamos que a Educação de Jovens e Adultos faz parte de uma vasta relação de Programas de Governo, que são marcados pela falta de regularidade e os marcadores estabelecidos para que se atinjam os objetivos se mostram irreais frente à esta situação

Pierro e Haddad (2015, p.206) já assinalavam os resultados insatisfatórios do I Plano Nacional de Educação 2001-2010, que fixou, àquela época, metas já ousadas e, por outro lado não detalhou meios para atingi-las e nem previu mecanismos de responsabilização no caso do descumprimento, o que contribuiu para que o primeiro plano já fosse ineficiente.

Compreende-se que o PNE, dentre as suas 20 metas, propôs-se a acompanhar, sob um determinado ângulo, a Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional. Mesmo que os dados sejam incipientes destaca-se, também, que a Formação Docente para Educação Profissional está presente na estratégia nº 15.13, que compõe a meta nº 15, o que

assinala que mesmo sendo este um terreno inconstante a formação do docente, especialmente o que atua ou atuará na educação profissional, igualmente vem despontando e mostrando-se como tema necessário e que deve estar na pauta das discussões sobre a educação em nosso país.

Quanto à experiência do Centro Paula Souza, através deste pequeno recorte aqui apresentado com Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade EJA, algumas das questões que aqui foram expostas, serão retomadas e exploradas mais adiante por uma análise de determinados aspectos do Plano de Trabalho Docente (PTD) além de outras observações e das entrevistas com os docentes e dados obtidos com os questionários aplicados aos alunos.

3.4 A ETEC Benedito Storani e o perfil dos alunos do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA)

A Escola Técnica Estadual Benedito Storani possui uma importante história e tradição dentro da cidade de Jundiaí. Em 6 de julho de 1945, a Secretaria de Agricultura de São Paulo, instalou a Escola Prática de Horticultura de Jundiaí, momento que, a princípio, a fazenda deu espaço para a Escola. Em 8 de novembro de 1975 com a publicação do projeto de lei número 559/75, denominou-se Escola Estadual de 2º Grau “Benedito Storani” e, desde então, passou por grandes transformações e está, atualmente, vinculada ao Centro Paula Souza e à Secretaria de Tecnologia Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo.

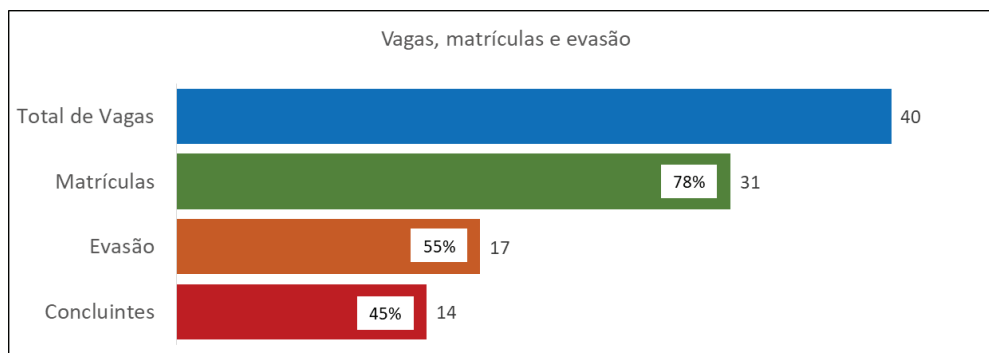
Privilegiada quanto à sua localização no Município de Jundiaí, SP, a Escola se encontra em área de preservação ambiental anexa à Serra do Japi. A “ETEC BeSt”, como é popularmente conhecida, está implantada numa área de 300 hectares (3.000.000 m², possui diversos setores agropecuários, conta com laboratórios e cozinhas disponíveis para os cursos nas áreas de Agropecuária, Alimentos, Cozinha, Nutrição e Química.

O curso de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi oferecido pela primeira vez na Etec Benedito Storani no segundo semestre de 2016 no período noturno. Ao final da etapa de divulgação a Escola obteve o total de 50 inscritos para 40 vagas, o que representou uma demanda de 1,25 candidatos/vaga, e os alunos ingressaram através de aprovação no sistema de “vestibulinho”.

Apenas 31 candidatos efetuaram a matrícula e, destes, somente 14 chegaram ao último semestre e estão em fase encerramento do curso. Dessa forma, durante as matrículas 78% das

vagas foram preenchidas, sendo que destes 45% concluirão o curso e, portanto, verifica-se uma taxa de 55% de evasão ao longo dos 5 semestres conforme revela a Figura 4:

Figura 4 – Total de vagas, matrículas e evasão – EJA Cozinha



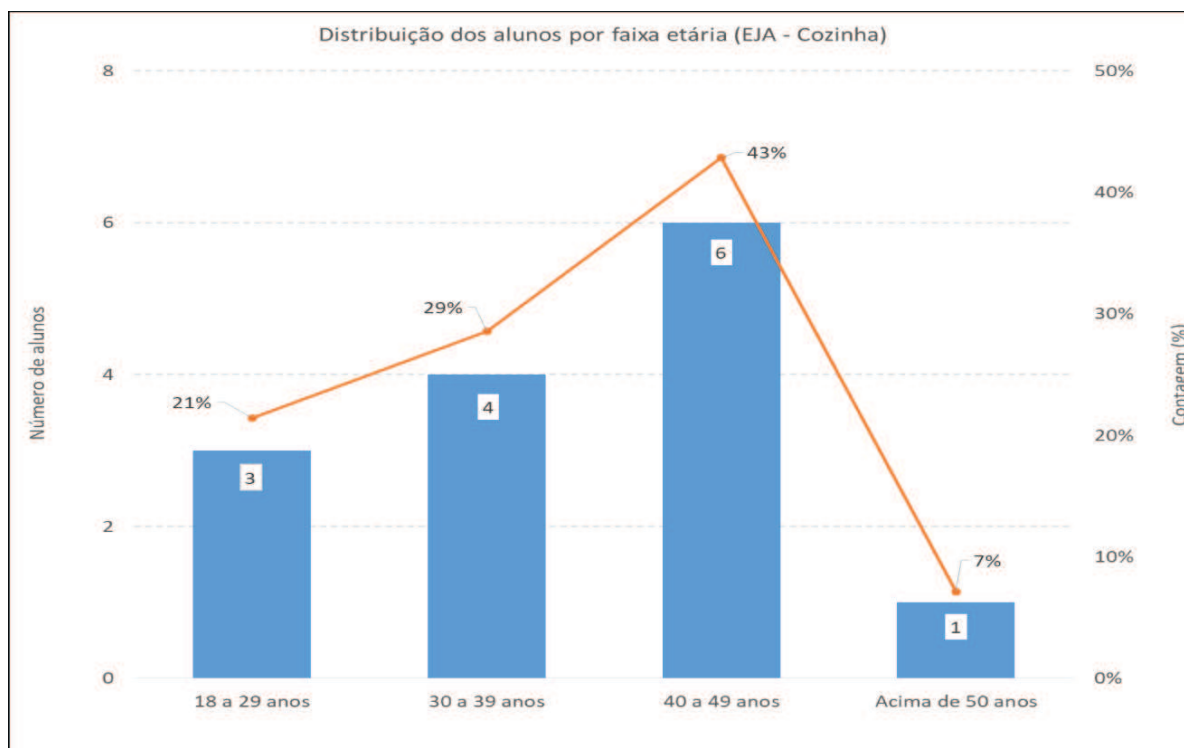
Fonte: Centro Paula Souza/ Etec Benedito Storani Jundiaí 2016-2018

Nota: Dados trabalhados pela autora

Devido a este alto índice de evasão o curso nesta modalidade não será mais ofertado na Etec Benedito Storani.

A idade dos alunos remanescentes varia entre 22 a 56 anos conforme a figura 5 abaixo:

Figura 5 – Distribuição dos alunos por faixa etária – EJA Cozinha



Fonte: Centro Paula Souza/ Etec Benedito Storani Jundiaí 2018

Nota: Dados trabalhados pela autora

O gráfico revela que 72% dos estudantes concentram-se na faixa dos 30 aos 49 anos, contando com três alunos na faixa do 18 aos 20 e apenas um acima de 50. Logo, verifica-se que o curso atende, assim a Emenda Constitucional nº 59 da Constituição Federal, de 11 de novembro de 2009, que prevê em seu art. 208 uma das características primordiais da EJA: a oferta de educação gratuita ao aluno que se encontra fora da série escolar apropriada para a sua faixa etária. Pode-se, também, ampliar esta observação uma vez que neste quadro não contatase a já citada “juvenilização da clientela” como um traço dos cursos supletivos durante, principalmente, os anos de 1980 e 1990.

Após aprovação do Comitê de Ética do Programa de Mestrado Profissional em Gestão Escolar o questionário será aplicado, e acredita-se que o perfil destes alunos poderá ser melhor descrito nesta seção.

Uma vez que um dos propósitos desta pesquisa é melhor compreender a modalidade EJA integrada ao Ensino Técnico de Nível Médio, no contexto do Centro Paula Souza, e o perfil dos alunos ingressantes, alguns itens do Plano de Curso, elaborado pelo Grupo de Formulação e Análises Curriculares (Gfac), serão apresentados na sequência.

3.5 O Plano de Curso para o Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Os Planos de Curso do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza encontram-se disponíveis em seu portal eletrônico e o acesso é restrito aos profissionais da Instituição uma vez que o *login* somente pode ser feito por meio de senha privada.

O Plano de Curso do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pertence ao Eixo Tecnológico de “Turismo, Hospitalidade e Lazer, foi designado para análise em 03 de dezembro de 2015 conforme solicitação do Coordenador do Ensino Médio e Técnico, Almério Melquíades de Araújo, conforme o Anexo A. A aprovação do curso pela Supervisão Educacional se deu pela Resolução nº78, de 07 de novembro de 2008, fundamentada pelo item 14.5 da Indicação CEE 08/2000, de acordo com o Anexo B, autorizando a implantação do curso na rede de escolas do Ceeteps e publicado no DOE de 19 de dezembro de 2015.

O documento é composto por 165 páginas, divididos em 9 capítulos, dentre os quais destacaremos os capítulos 1, 3 e 4: Justificativa e Objetivos, Perfil Profissional de Conclusão e a Organização Curricular, respetivamente.

O Plano de Curso do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) reitera os objetivos gerais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo esta uma modalidade de ensino da Educação Básica que garante a pessoas com idade a partir de 18 anos a oportunidade de concluir os estudos. Aliada ao ensino técnico, que tem por finalidade capacitar e oferecer melhores oportunidades de inserção no contexto social e no mercado de trabalho, a modalidade vai ao encontro das necessidades de uma importante parte da sociedade que, por fatores diversos, não terminou seus estudos, mas requer uma formação profissional para ingressar, manter-se ou ampliar suas possibilidades de empregabilidade no mundo do trabalho.

Quanto ao eixo tecnológico escolhido para integrar à modalidade em questão o documento argumenta que a arte de cozinhar compreende todas as técnicas e métodos utilizados para preparar e transformar os alimentos que a natureza oferece, bem como apresentá-los de uma maneira agradável e que constituam um prazer ao paladar e aos sentidos. O interesse pela arte de cozinhar ou gastronomia é cada vez maior. O documento (CENTRO PAULA SOUZA, 2015, p.7) ainda ressalta que há necessidade crescente de formação de profissionais para atuar na área e que o mercado de trabalho prima pela qualidade da mão de obra.

Dessa forma, o futuro Técnico em Cozinha deverá possuir qualidades profissionais éticas nas relações interpessoais, tendo em vista as exigências, o crescimento e a diversidade do mercado de trabalho no campo gastronômico. A habilitação técnica em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem por objetivo proporcionar aos estudantes conhecimentos e práticas que os levem a apropriarem-se de tecnologias em uma condição de excelência, articulando conceitos e metodologias, estratégias e avanços técnico-mercadológicos adicionados a novos recursos humanos, a fim de corresponder, de maneira eficiente, a critérios, normas e sistemas específicos presentes nos segmentos desse setor.

Dentre os objetivos do plano destaca-se para a análise neste trabalho a capacitação do aluno para expressar-se adequadamente com autonomia, clareza e precisão, conforme o contexto em que se dá a situação comunicativa (CENTRO PAULA SOUZA, 2015, p. 8).

Segundo o Plano de Curso o Técnico em Cozinha (CENTRO PAULA SOUZA, 2015, p.12), é o profissional que: planeja, organiza e executa o trabalho em serviços de alimentação; atua na organização da cozinha, na elaboração do *mise en place* e seleciona a matéria-prima; participa da elaboração e organização dos pratos do cardápio; executa cortes e métodos de cocção, utilizando as práticas de manipulação de alimentos; opera e mantém em bom estado

os utensílios, equipamentos e maquinário de cozinha e armazena os gêneros alimentícios, controla estoque, consumo e custos.

Destacam-se, dentre as competências gerais que devem ser construídas ao concluir a Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA): interpretar e aplicar as normas de higiene e de segurança alimentar de acordo com as portarias vigentes; contextualizar dados e informações para resolver situações-problema; organizar informações e conhecimentos para a construção de argumentos significativos e adotar postura ética, com linguagem adequada na comunicação com clientes e grupos de trabalho.

O programa aponta, ainda, como uma das “áreas de atividades” do Técnico em Cozinha o item: “Comunicar-se em Contextos Profissionais” que determina as seguintes atribuições: comunicar-se com os fornecedores e superiores; utilizar linguagem técnica; interpretar e encaminhar pedidos e comandas; executar os manuais de Boas Práticas.; elaborar treinamento para a equipe de trabalho.; listar necessidades de matérias-primas e comunicar-se adequadamente com a equipe na organização da rotina de trabalho (CENTRO PAULA SOUZA, 2015, p.15). Este item será resgatado para uma análise mais detalhada no capítulo sobre a Comunicação Profissional.

A estrutura curricular da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi organizada dando atendimento ao que determinam as legislações: Lei Federal n.º 9394, de 20-12-1996; Lei Federal n.º 11741/2008; Resolução CNE/CEB n.º 1, de 5-12-2014; Resolução CNE/CEB n.º 6, de 20-9-2012; Resolução CNE/CEB n.º 2, de 30-1-2012; Resolução CNE/CEB n.º 4, de 13-7-2010; Resolução SE n.º 78, de 7-11-2008; Decreto Federal n.º 5154, de 23-7-2004, assim como as competências profissionais identificadas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica e Profissional (Ceeteps), com a participação da comunidade escolar e de representantes do mundo do trabalho. A organização curricular da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) está organizada de acordo com o Eixo Tecnológico de “Turismo, Hospitalidade e Lazer”, em 5 semestres articulados correspondentes às qualificações profissionais técnicas de nível médio identificadas no mercado de trabalho. Com a integração do Ensino Médio e Técnico, o currículo do Curso de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), estruturado na forma de oferecimento Integrada ao Ensino Médio é constituído por: componentes curriculares da Formação Geral; componentes curriculares da Formação Profissional; As funções e as

competências referentes aos componentes curriculares da Formação Geral (Base Nacional Comum e Parte Diversificada) são direcionadas para: o desenvolvimento do aluno em seus aspectos físico, intelectual, emocional e moral; a formação da sua identidade pessoal e social; a sua inclusão como cidadão participativo nas comunidades onde atuará; a incorporação dos bens do patrimônio cultural da humanidade em seu acervo cultural pessoal; a fruição das artes, da literatura, da ciência e das tecnologias; o preparo para escolher uma profissão e atuar de maneira produtiva e solidária junto à sociedade.

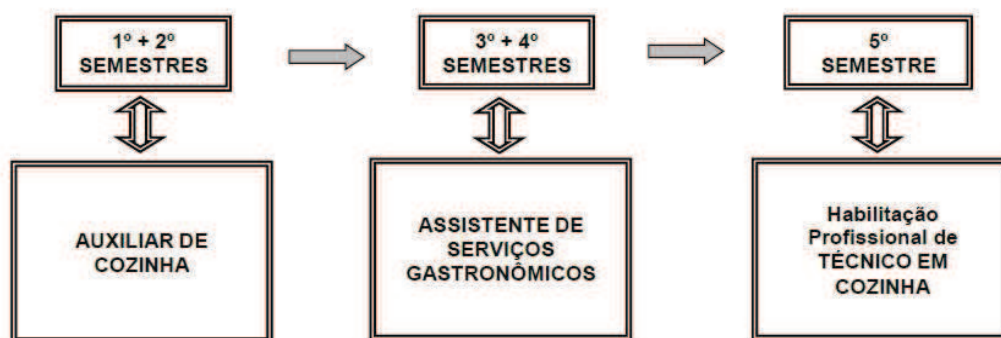
O currículo da Base Nacional Comum de Ensino Médio foi organizado visando ao desenvolvimento de competências e de habilidades de cada componente (disciplina) curricular dentro de suas áreas de conhecimento. Os conhecimentos de cada uma das áreas em seus componentes curriculares devem priorizar o desenvolvimento das competências e das habilidades profissionais, bem como valores e atitudes pertinentes à formação cidadã e profissional.

A organização curricular compreende a seção mais extensa do documento, com um total de 92 páginas, que apresenta 12 subcapítulos, dentre os quais destacam-se para este: Itinerário

Formativo; Componente curricular: “Língua Portuguesa Literatura e Comunicação Profissional”; Metodologia de Integração e Enfoque Pedagógico.

O Curso de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) é composto por cinco semestres articulados, com terminalidade correspondente à ocupação (ou conjunto de cargos/ocupações) identificada no mercado de trabalho, como ilustra o quadro a seguir:

Quadro 1 - itinerário formativo EJA - Cozinha



Fonte: Centro Paula Souza

Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio Na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (2015, p.21)

O aluno que cursar o 1º e o 2º semestre concluirá a Qualificação Técnica de Nível Médio de Auxiliar de Cozinha. O aluno que perfazer os dois semestres seguintes, o 3º e o 4º, obterá a Qualificação Técnica de Nível Médio de Assistente de Serviços Gastronômicos. Finalmente, ao completar os cinco semestres, com aproveitamento em todos os componentes curriculares, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que lhe dará o direito de exercer a profissão de Técnico (Habilitação Profissional) e o prosseguimento de estudos (Ensino Médio) em nível de Educação Superior.

As três certificações oferecidas ao longo do curso contemplam habilitações da área técnica: auxiliar, assistente e técnico. Entretanto, para obtenção do certificado de conclusão do Ensino Médio o aluno deverá completar os cinco semestres e ser aprovado em todos os componentes curriculares. Deste modo, faz-se necessário investigar, dada a alta taxa de evasão, se os que deixaram o curso receberam as certificações intermediárias e se estas já seriam consideradas por eles suficientes e, portanto, não sentiram-se incentivados a conquistar os demais certificados. Um questionário será proposto para os alunos que permaneceram e concluirão o curso e um dos temas a ser examinado com esta ferramenta será se eles perceberam se as disciplinas, não só as técnicas, os prepararam para o mercado de trabalho e, ainda, quais os fatores que os fizeram permanecer até o fim garantindo não só os certificados técnicos mas também o diploma de conclusão de Ensino Médio.

3.6 Componente curricular: “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”

O componente curricular Língua Portuguesa Literatura e Comunicação Profissional será brevemente descrito nesta etapa e pretende-se retornar a ele nas entrevistas não só com os professores que ministram ou ministraram esta disciplina na modalidade EJA como, também, com os demais docentes para buscar compreender o papel da comunicação profissional no contexto escolhido.

O Plano de curso observado está atualizado de acordo com a matriz curricular homologada para o 2º semestre de 2016. O componente curricular tem a duração total de 272 horas e está presente nos cinco semestres do curso, conforme a Matriz Curricular, Anexo C.

No 1º semestre as competências e conhecimentos elencados são respectivamente: Analisar a língua portuguesa como língua materna e geradora de significado; análise e

interpretação textual: identificação do tema, elaboração de síntese e organização de ideias. Estabelecimento de relações de elementos relevantes, interpretação de dados e fatos apresentados, levantamento de hipóteses para fundamentar a análise de texto. Ortografia e pontuação.

Para o 2º semestre, as competências e conhecimentos que devem ser trabalhados são: análise dos recursos linguísticos da produção textual oral e escrita, relacionando textos e contextos midiáticos mediante a função, organização e estrutura, bem como as condições de produção e recepção. Concordância nominal. A articulação textual: coesão e coerência. A interlocução e o discurso. Morfologia: classes variáveis. Os gêneros discursivos: relato e relatório. Escola literária: Barroco; principais características e representantes.

Espera-se, no 3º semestre, que sejam abordados as seguintes competências e conhecimentos: utilizar a língua portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, reconhecendo os impactos tecnológicos nos processos comunicativos de leitura e de produção textual. Os elementos da comunicação. Os gêneros discursivos: carta comercial, redação escolar e e-mail. Articulação textual. Introdução às figuras de linguagem. Morfologia: classes invariáveis. Concordância verbal. Escola literária: Romantismo – principais características e representantes.

As competências e conteúdos atribuídos para o 4º semestre são: analisar textos técnicos, administrativos e comerciais da área de Cozinha, por meio de indicadores linguísticos e de indicadores extralinguísticos. Analisar os recursos linguísticos da produção textual, oral e escrita, considerando a organização e estrutura, bem como as condições de produção e recepção. Texto dissertativo-argumentativo. Os gêneros discursivos: carta de apresentação, redação escolar, cronograma, fluxograma. Articulação textual. Variações linguísticas. Noções de regência verbal e nominal. Escola literária: Realismo ao Pré-Modernismo – principais características e representantes.

Finalmente, para o 5º semestre, as competências e conhecimentos são: utilizar a língua portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, reconhecendo os impactos tecnológicos nos processos comunicativos de leitura e de produção textual. Sintaxe – a partir da análise e interpretação textual. Regência verbal e nominal; Gênero discursivo com ênfase no texto publicitário e argumentativo; Escolas literárias: Modernismo e tendências contemporâneas – principais características e representantes. Produção e análise textual: contratos, currículo, carta-currículo e redação técnica. Técnicas de apresentações.

O PTD assinala que o ensino-aprendizagem, na forma de oferecimento do Ensino

Técnico Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), deverá priorizar a integração, em todos os sentidos, entre a Formação Profissional (Ensino Técnico) e a Formação Geral (Ensino Médio), de modo a otimizar o tempo e os esforços de professores e alunos e os recursos disponíveis, para o objetivo comum de trabalhar as competências conjuntamente, de tal modo que elas se complementem e se inter-relacionem, por meio de projetos interdisciplinares e de diferentes tipos de atividades, nas quais as habilidades, conhecimentos e valores desenvolvidos nos componentes curriculares referentes à Formação Geral (Ensino Médio) sejam contextualizados e exercitados nas práticas da formação profissional.

O fortalecimento das competências relativas à Língua Portuguesa e à Comunicação Profissional em Língua Materna deve ser trabalhado não só no componente curricular Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional, mas nas especificidades das outras disciplinas. As competências-chave de analisar, interpretar e produzir textos técnicos das diversas áreas profissionais devem desenvolvidas nos outros componentes, de acordo com as respectivas terminologias técnicas e científicas, nas modalidades oral e escrita de comunicação, visando à elaboração de gêneros textuais como cartas comerciais e oficiais, relatórios técnicos, memoriais, comunicados, protocolos, entre outros gêneros, considerando as características de cada área de atuação.

Por fim, o Plano de Trabalho Docente disponibiliza uma bibliografia para a formação geral e outra para a formação profissional. Resgata-se, assim, a questão da adequação e dos ajustes, apresentados nos capítulos anteriores, que estão previstos no PNE e são reforçados nos estudos de Pontuscha (2013) e Barato (2015), que trazem olhares mais específicos sobre a EPT e a EJA no Brasil, além das passagens de Shön (1992) e Zabala (1998), que instigam a reflexão sobre o papel da escola e da formação docente de uma forma mais ampla. Portanto, acredita-se que as entrevistas com os docentes podem revelar a sua percepção quanto a esta organização curricular e se suas diretrizes contribuem para suas práticas, se os títulos sugeridos são condizentes e utilizados por eles, na preparação de suas aulas e, finalmente, se está “ajustada” ao perfil dos alunos.

Observou-se que os recortes do PTD, aqui apresentados, direcionam o trabalho docente para que este se dê de forma interdisciplinar e que, também, promova as relações interpessoais e as inter-relações entre teoria e prática. Em outras palavras, a Comunicação, neste âmbito, não se resume à transmissão de conhecimentos, mas compreende estruturas mais complexas que este estudo se dedica a explorar no seguinte capítulo.

4. COMUNICAÇÃO

Antes de apresentar os estudos sobre Comunicação Profissional, que é fonte dos primeiros questionamentos que motivaram esta pesquisa, faz-se necessário resgatar algumas noções e conceitos sobre Comunicação de uma forma mais ampla e as principais Teorias da Comunicação. Não se pretende, porém, concentrar-se nas diversas correntes e teorias sobre a Comunicação.

Definir ou conceituar Comunicação não é uma tarefa fácil. A própria terminologia e seu emprego são motivadoras de outras indagações as quais não serão tratadas neste momento. Da mesma forma as teorias apontam para muitos caminhos, que ora se complementam e ora se dispersam, e que são pouco discutidas e abordadas sob diferentes aspectos ou à sombra de outras áreas do conhecimento. Figaro (2012), destaca a urgência do “letramento” nos discursos da Comunicação e sobre os meios de comunicação, uma vez que este configura-se como um campo científico transdisciplinar:

A Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a História, a Linguística, as Artes e os saberes técnicos e profissionais foram sendo amalgamados no percurso dos meios de comunicação, em consonância com a sociedade moderna, urbana e industrial, em proveito da formação desse novo campo do conhecimento (FIGARO, 2012, p.9).

Nota-se a preocupação da pesquisadora em elencar os “saberes técnicos e profissionais” no rol das demais áreas do conhecimento, sendo este o principal interesse e origem dos questionamentos do presente estudo.

A autora, também, resgata algumas noções iniciais que despontaram na primeira metade do século XX, advindas da Teoria Matemática da Comunicação (ou Teoria da Informação) e da Psicologia Behaviorista. Estas estavam limitadas à ideia de que a comunicação é a transmissão de informação e que a elaboração da mensagem e da sua transmissão efetiva bastava para que a comunicação e o entendimento ocorressem. Tais abordagens evoluíram e permitiram novos desdobramentos como o entendimento de Wolton (2011, p.89) que afirma que “comunicar é conviver”, ou seja, a comunicação é pressuposto para a convivência em sociedade.

Logo, a Comunicação é característica constitutiva do ser humano, e efetiva-se pelas linguagens sobretudo por meio da linguagem verbal. A linguagem verbal – como expressão do movimento dialético entre atividade, interação e comunicação – estrutura o pensamento

conceitual. A linguagem verbal nos traz o mundo e nos leva a ele, nos capacita a atuar nele e a transformá-lo (FIGARO, 2008, p.86)

Em linhas gerais o campo da Comunicação tem por objetivo conhecer o processo comunicativo, ou seja, as interações que se dão entre os sujeitos históricos e os modos de produção/ recepção de técnicas, estéticas e sentidos dessas inter-relações.

4.1 Teorias da Comunicação

O objetivo desta etapa é traçar um breve panorama de algumas das teorias da comunicação e mais adiante estabelecer paralelos com a Comunicação Profissional e o papel do docente deste componente na Escola Técnica de nível Médio Integrado à Modalidade EJA.

Silva (2011) expõe uma extensa e detalhada apresentação das diversas teorias da comunicação existentes, segundo autor, e desta destacam-se algumas das escolas mais relevantes para esta pesquisa. Ressalta-se, outra vez, a dificuldade do pesquisador, e dos demais aos quais ele recorre, em definir e conceituar Comunicação dado que as nomenclaturas são utilizadas de forma indistinta e a definição do conceito de Comunicação é feita com pouco cuidado. O autor ainda aponta para a dificuldade que os pesquisadores têm em identificar as teorias da comunicação uma vez que não se encontra a devida preocupação com a definição de comunicação e teoria, bem como os critérios para estabelecer qual teoria é uma teoria da comunicação (SILVA, 2011, p. 9 - 10).

Dada esta condição de que não há um consenso acerca das teorias da Comunicação e a dificuldade entre pesquisadores e estudiosos para defini-la os docentes, também, compartilham das mesmas questões, o que justifica o interesse em investigar como o professor conceitua o tema “Comunicação Profissional” proposto pela sua disciplina. Desta forma, o presente estudo buscará examinar qual o conceito de Comunicação que este docente possui e qual o conceito a disciplina exige que seja trabalhado.

Vale lembrar que outros dois autores Nery e Temer (2009) dividem as teorias da Comunicação em paradigmas, dos quais destacamos o Paradigma Funcionalista Pragmático que tem como base teórica o positivismo e a sua proposta é tentar compreender a sociedade segundo as suas trocas e relações sociais entre os indivíduos e grupos (TEMER; NERY, 2009, p.37).

No início do século XX, surge nos Estados Unidos um grupo de teóricos que começa a refletir sobre o uso da comunicação de forma acadêmica, científica, o que sugere uma possibilidade de se elaborar uma ciência social com bases empíricas. A tese destes estudiosos entende que “a sociedade apenas pode ser estudada, a partir dos processos de interação entre as pessoas, sendo constituído simbolicamente pela comunicação, o que se convencionou a chamar de interacionismo simbólico” (SILVA, 2011, p.12). Interacionismo simbólico tem por base 3 premissas: 1) os seres humanos atuam no mundo de acordo com os significados que lhes são oferecidos (o indivíduo age segundo as normas e os sentidos que já estão em vigor no ambiente social que está inserido); 2) esses significados são provenientes ou provocado pelas relações de interação das pessoas, o que sugere que à medida que elas interagem, os significados podem ser criados ou alterados; 3) esses significados são manipulados pelo processo interpretativo que uma pessoa tem ao entrar em contato com esses elementos, e diante dessa nova interpretação poderá surgir um novo entendimento ou se adicionará um complemento ao seu sentido.

A Escola Americana pode ser dividida em três fases, com destaque para a segunda delas que se apresenta como uma forma mais consolidada da pesquisa em comunicação, fortemente marcada pela questão social, conhecida como Corrente Funcionalista ou Funcionalismo.

De acordo com a teoria é no ambiente social que a Comunicação adquire um papel fundamental para a troca de informações, na indicação das posturas e condutas de convívio social, e estabelecer relacionamentos entre os atores sociais (SILVA, 2011, p. 15).

DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p.188) descreveram uma série de explicações para o processo de comunicação de massa e quando agrupadas ficaram conhecidas como as teorias das influências seletivas. Os referidos autores propõem três formulações baseadas em modelos de comportamento individual e em grupo, cujo objetivo é a compreensão da atuação dos meios de comunicação junto às pessoas, e de que forma elas são atingidas. Destacamos, para este trabalho a segunda e a terceira formulações: 1) A segunda é Teoria da Diferenciação Social cuja proposta afirma que a comunicação é o ponto principal para evidenciar as características comuns dos indivíduos e dos grupos; 2) A terceira é Teoria dos Relacionamentos Sociais na qual a preocupação está na relação entre pessoas de um mesmo grupo social e na importância do vínculo entre elas. Como as pessoas podem ser influenciadas pelos seus pares nos seus respectivos grupos sociais, e como a mídia enxerga esses grupos – para comunicar e interagir com eles. A comunicação é a maneira pela qual os relacionamentos podem ser criados e mantidos pelos indivíduos enquanto atores sociais em seu ambiente.

Um grupo de pesquisadores de diferentes formações conceberam a Escola de Palo Alto, nos anos de 1940, e para eles não é possível não se comunicar, uma vez que se entende que todos os indivíduos estão se comunicando a todo momento, no entanto obedecem às regras de comunicação, mesmo que de forma inconsciente. Os pesquisadores de Palo Alto entendem que o receptor é tão importante quanto o emissor dentro do processo comunicativo. A primeira hipótese formulada traz a ideia que a essência da Comunicação reside nos processos relacionais e interacionais, o que implica dizer que a comunicação reside na relação com o outro, e por meio da interação entre ambos. (SILVA, 2011, p.19 - 20).

Retomamos que o estudo de Silva (2011) esmiúça as teorias e outros paradigmas numa forma de apresentar o “estado da arte” sobre o tema e que nos fornece um roteiro para tentar conectar os nossos questionamentos sobre Comunicação, em especial a Profissional.

Os termos interação e inter-relação já anteriormente mencionados e destacados nos encaminham para o próximo estágio o de relacioná-los com a definição de pedagogia proposta por Tardif (2014).

4.2 Comunicação Profissional

Tardif (2014) propõe uma definição de pedagogia enquanto “tecnologia da interação humana” e uma análise do trabalho dos professores em função de um modelo interativo. Desta forma o autor enuncia a pedagogia nos seguintes termos:

A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao seu objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução) (TARDIF, 2014, p.117).

O autor enfatiza que o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre as pessoas.

Em suma, se o ensino é mesmo uma atividade instrumental, trata-se de uma atividade que se manifesta concretamente no âmbito das interações humanas e traz consigo, inevitavelmente, a marca das relações humanas que a constituem. Nesse caso o professor é um “trabalhador interativo” (TARDIF, 2014, p.118).

Citelli (2004) buscou aproximar os debates em torno da produção de sentidos no âmbito da comunicação paralelamente com o tópico da educação. A escola está sendo pensada, assim, como espaço meditativo cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneo (CITELLI, 2004, p.83). Ainda, de acordo com o autor

[...] a escola deve ser um espaço de trabalho onde ocorre a passagem do lugarcomum para o conhecimento elaborado, num movimento que visa fazer da matéria empírica conceito. E que, igualmente, ensina o sujeito a reconhecer-se no processo de transformação, transformando-se. Por isso, a necessidade de o aluno ser entendido como sujeito com linguagem que exercita um discurso central para a efetivação do ato pedagógica. (CITELLI, 2004, p.111).

As interações com os alunos não constituem um campo periférico, elas são o núcleo do trabalho dos professores e, por essa razão determinam a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia.

Figaro (2008) parte da ideia que o campo científico da comunicação é o responsável para explicar a realidade da sociedade contemporânea e suas formas de expressão: para tratar da comunicação desta perspectiva, estudamos o binômio comunicação e trabalho tendo como hipótese teórica que o mundo do trabalho é mediação fundamental nas relações de comunicação (FIGARO, 2008, p.18).

A autora ampara-se nos Estudos da Recepção que buscam entender as mediações que permeiam o processo comunicativo:

De que maneira a comunicação se processa como interação, como e em que conjunto de relações ela constrói sentidos e em que esferas, grupos e situações tais sentidos são construídos. É esta uma tarefa complexa, pois, os sentidos, como construções de um corpo social determinado, não deixam de ser assimétricos, afeitos à intempestividade das diferentes realidades dos grupos sociais, das culturas locais e particulares, das práticas sociais do cotidiano, dos interesses pontuais dos grupos por identidade e das subjetividades (FIGARO, 2008, p.19).

A autora destaca que a comunicação ocupa lugar de relevância na constituição do ser social, destacando-se inclusive, como aspecto que se soma às ordenações do mundo do trabalho, transformando instrumentos, práticas e rotinas, atuando, muitas vezes, inclusive também como ferramenta. Em suma, a comunicação é sinônimo de interação humana e é, portanto, entendida em relação intrínseca ao trabalho, à fala, à cultura, aspectos fundantes da

sociedade humana. Logo, o ser humano é um ser de comunicação e a linguagem está dialeticamente vinculada à atividade do homem na sociedade (FIGARO, 2008, p.86).

Se o domínio da linguagem verbal (“falar e escrever bem” como já pontuado anteriormente) pode ser um mecanismo que reforça a autoconfiança dos alunos da modalidade EJA é a própria linguagem verbal que segundo Figaro (2008, p.86) “que nos traz o mundo e nos leva a ele, nos capacita a atuar nele e a transformá-lo”. Outro aspecto destacado pela pesquisadora é que a palavra é, para o comunicador o “fulcro da sua prática profissional”.

Dada a natureza da disciplina, as considerações acima, reforçam a relevância da percepção do professor sobre a sua prática docente que é guiada basicamente pelo conceito de Comunicação que ele possui.

4.3 Desafios para o docente

Acreditamos que são muitos os desafios que o docente pode encontrar na tarefa de trabalhar o componente curricular Língua Portuguesa nesta modalidade de ensino. As questões podem ser as mais diversas, descompassos ligados ao processo de alfabetização desses alunos ou angústias e medos trazidos pelos mesmos. Dessa maneira, a questão pressuposta como o grande desafio para Pereira (2014) é como encontrar a maneira apropriada para, sem perder a essência, sem abandonar os postulados e pressupostos que a definem, estudar a Língua Portuguesa com os alunos da EJA? A autora, entretanto, aponta para possíveis caminhos para solucionar a questão:

A primeira atitude para contextualizar a Língua Portuguesa é estabelecer sua adequada relação com a língua que falamos para promover o imprescindível diálogo [...]. A segunda é ensinar dando aos alunos condições para que dominem a língua escrita, não só como um conjunto de leis que regem a correta grafia das palavras e um conjunto de regras sintáticas que orientam a estrutura da frase, mas também como um complexo histórico-cultural que produz interpretação dos textos (re)conhecidos como significativos para a constituição da história expressa nessa língua escrita (PEREIRA, 2014, n.p.).

Pontuschka (2013) afirma que a linguagem é histórica e conecta presente, passado e futuro. A autora, também, nos sugere possibilidades para lidar com a Língua Portuguesa nesse mesmo cenário:

Nessa perspectiva, aprender e decorar não serão considerados dicotômicos uma vez que o memorizar, o aprender e o decorar fazem parte do aprendizado dos grupos humanos. Numa sala em que os estudantes são adultos trabalhadores, é fundamental o exercício de memorização, pois a idade e o cansaço tendem a fragilizar a memória. Além disso, eles têm a memória de sua história de vida. É um momento precioso para se valorizar a história individual [...]. Ao contar, narram-se fatos em sequência no tempo e no espaço e descrevem-se cenários e pessoas. Um texto pode ser predominantemente descritivo, dissertativo ou narrativo. Essas características com a análise textual que pode ser feita nos trabalhos dos alunos (PONTUSCHKA, 2013, p.146).

Com relação às atividades de repetição e memorização Zabala (1998, p.42), ao descrever a aprendizagem dos conteúdos factuais, indica que embora esta aprendizagem repetitiva seja fácil, posto que não requer muito planejamento nem intervenção externa, para fazer estes exercícios é imprescindível uma atitude ou predisposição favorável.

Para Tardif (2014, p.118), o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo: “As interações com os alunos não representam um aspecto secundário ou periférico do trabalho do professor: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia”.

Assim, as entrevistas com os docentes que atuaram no curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio são valiosos relatos desse “trabalho interativo” os quais são analisados no próximo capítulo

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO

As entrevistas com os docentes e a aplicação de um questionário aos alunos ocorreram no mês de fevereiro de 2019, tendo os roteiros e as questões sido previamente aprovados pelo Comitê de Ética, conforme Apêndices A, B, C e D.

A ferramenta escolhida para aplicação do questionário foi o *Google Forms*, que possibilitou o fácil acesso e rápido retorno, compreendendo assim, 14 alunos respondentes, totalizando o mesmo número de alunos concluintes do curso observado. As entrevistas, com os três professores selecionados, foram gravadas, após o consentimento dos mesmos, com aparelho telefone celular, conforme o Termo de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral, e as transcrições nos Apêndices E, F e G.

Após a conclusão da fase de coleta de dados dos alunos, bem como a de gravações das entrevistas com os professores e coordenadores de curso, passou-se para fase de análise dos dados obtidos.

Quanto ao perfil dos docentes ressalta-se que todos atuam na Educação Profissional por um período semelhante, entre 10 e 15 anos. Destaca-se, também, que foi a primeira experiência dos três docentes, especificamente, com a Educação de Jovens e Adultos.

Salvo a docente que ministrou o componente curricular “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”, com graduação e licenciatura em Letras, os outros dois professores advêm da área de Hotelaria e, portanto, pertencem à chamada Área ou Base Técnica, sendo que esses últimos participaram de um curso de capacitação, na modalidade especialização, oferecido pela própria instituição para atuar na EJA.

A obtenção do relato dos três docentes evidenciou um fio condutor significativo dos seus papéis no desenvolvimento do curso: temos a entrevistada 3, a docente B. F., que foi uma das responsáveis pelo planejamento e processo inicial de elaboração e implantação do curso na unidade observada. A docente é, portanto, parte da equipe que “montou” o curso. O entrevistado 2, o docente W. E., foi, além de professor de componentes da área técnica, coordenador do curso. O referido docente, no papel de coordenador, foi responsável pela “execução” do curso. Por fim, a docente M. G., entrevistada 1, ministrou o componente curricular “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional” e, portanto, foi a responsável por “receber” e “conduzir” o Plano de Trabalho Docente (PTD) específico para a sua disciplina.

Destacam-se três temas que emergiram das entrevistas e que serão explorados, a saber: a) O dilema do professor entre o real e o ideal; b) A carga-horária do curso e dos componentes curriculares e c) Qual a percepção dos docentes acerca da “Comunicação Profissional”.

5.1 O dilema do professor entre o real e o ideal

A primeira questão apresentada pelos entrevistados foram as dificuldades encontradas desde a elaboração do curso, divulgação, implantação e seu andamento. O dilema que os docentes enfrentaram entre o “real” e o “ideal” pode ser evidenciado em suas falas:

Nunca tinha trabalhado com EJA, foi a primeira experiência [...] É foi muito desafiador. Eu confesso que no primeiro mês de trabalho eu pensei em desistir porque o desafio era muito grande e eu achei, eu desconfiei que eu não desse conta do que talvez os meus, os alunos necessitassem que eu trabalhasse com eles. Eu fiquei receosa de não conseguir perceber num curto espaço de tempo o que era necessário e de repente trabalhar só o que eu achava, o que estava realmente estava no Plano, né? E me parecia que eles precisavam de algo mais diferenciado...além do que estava no Plano. (Informação verbal - entrevista 1)

Com EJA nunca (havia trabalhado). Foi A experiência! [...] Na época que nós começamos o curso de EJA aqui, na nossa unidade, isso aconteceu em 2016, eu imagino que nós não tivemos tempo hábil pra nos prepararmos, para entendermos um pouco mais sobre a modalidade, pra saber como que era a legislação, foi tudo muito rápido. Só começou e pronto, tivemos que nos adaptar. (Informação verbal - entrevista 2)

Não nunca trabalhei com EJA. [...] o meu interesse pelo EJA começou através de um curso que eu fiz aqui no Centro Paula Souza [...] Na época eu era coordenadora de curso na Etec Benedito Storani e nós achamos interessante trazer esse curso pra escola. Foi um super desafio, e eu considero, já a época eu já considerava que essa seria uma experiência pedagógica, tanto pra escola quanto para o currículo. (Informação verbal - entrevista 3)

A professora M.G., entrevista 1, revela, ainda, suas impressões por não se sentir preparada e, como já anteriormente mencionado, a mesma não havia participado de nenhuma capacitação ou treinamento específico para a modalidade em questão:

É verdade! Eu não, eu não me sentia, não me sentia preparada, eu tive que aprender e foi muito gratificante o resultado final. Eu acho que é....essa impressão que eu tenho hoje do progresso da turma e do nosso trabalho tem, está relacionado a, ao tempo...ao tempo em que nós estivemos juntos, porque eu fui a professora que assumiu 4 semestres com ele, com eles. Eu acho que se eu tivesse desistido, por exemplo, no segundo semestre, e se eles tivessem tido cada semestre um professor diferente eu acho que teria, eu acho que teria sido um pouco complicado porque é....eu acho que é muito difícil explicar, inclusive, mas a.... a gente gasta tempo descobrindo o que eles estão necessitando que a gente trabalhe. Então eu acho que a....a manutenção do, do trabalho ao longo do semestre, do professor, eu acho que isso, isso facilitou. Tenho a impressão! [...] Não. Não participei (de capacitação ou treinamento específico para a modalidade), foi assim....na hora, na atribuição a aula estava disponível, eu assumi, né? Na coragem! (Informação verbal - entrevista 1)

Muito de sua insegurança, conclui-se que, advém do conflito, natural, entre a sua formação, que é acadêmica, e, portanto, voltada ao ensino propedêutico, com o ensino profissional. Em outras palavras, é o que Peterossi e Menino (2017, p.105) retratam como a “dicotomia entre o formar para o saber e o formar para o trabalho”. Logo, assume-se que qualquer outro docente de Comunicação, sendo oriundo da Faculdade de Letras, teria o mesmo dilema e percepções similares.

5.2 A carga-horária do curso e dos componentes curriculares

O mesmo conflito reaparece na fala da docente M.G., como pode-se observar na segunda questão elencada para esta análise – a carga-horária do curso e das disciplinas – que ora aparecem como exaustivas, ora como insuficientes:

Considerando o tipo de curso eu sei que o aumento da carga-horária modificaria a duração, a duração do curso. Eu entendo que seja um curso acelerado, já que o aluno sai com duas formações: a do Ensino Médio e a Educação Profissional, mas não é suficiente, a carga-horária de Língua Portuguesa não é suficiente. Principalmente porque não se trata de só trabalhar os conteúdos, os conhecimentos que estão elencados, mas existe uma defasagem, então essa carga-horária realmente ela se torna insuficiente. (Informação verbal - entrevista 1)

Dos meus componentes da base técnica, se a gente comparar com os cursos que a gente chama aqui de modulares, não (foi suficiente a carga-horária). Tanto que havia uma comparação, e aí que entra nosso papel de mediador, no meu caso como coordenador, eu sofri um pouquinho mais, imagino do que os outros professores, porque eles comparavam: “Ah! Professor, porque é que a outra turma, que era a do modular, tenho um componente X que nós não temos?” E aí eu tinha que explicar que o curso era um pouco mais direcionado pro Médio, pra Base Comum e que boa parte da carga horária era dedicada à Base Comum. Então, eu imagino que o nosso curso precisaria passar por uma reformulação, [...] para eles tornar mais atrativo para o núcleo profissional. Então eu imagino que a gente tenha tido uma carga-horária inferior para poder ser compatível com cargas máximas e que ele poderia ter sido melhor nessa condição. (Informação verbal - entrevista 2)

Os alunos também demonstraram impressões semelhantes quanto à carga-horária das disciplinas, contudo relatam, em sua maioria, maior insatisfação com a quantidade de aulas práticas, que pertencem à área técnica, reforçando o relato, acima, da entrevista 2. Quando questionados sobre a carga-horária, de forma geral, todos os alunos responderam que “sim”, a duração do curso possibilitou saberes necessários para a atuação profissional. No entanto, quanto às aulas práticas, apesar de apenas 28% indicar “não” para essa questão, oito alunos descreveram na justificativa que sentiram falta de aulas práticas: “não foi suficiente para aprender algumas técnicas”; “muito conteúdo ficou pra trás, devido as aulas do EJA” (entende-se aqui “aulas do EJA” como as disciplinas da Base Comum); “alguns assuntos não foram tão explorados” entre outros apontamentos.

A questão número seis do questionário dos alunos, referente a quantidade de aulas de “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”, ao contrário da percepção da docente M.G. (entrevista 1), trouxe apenas um apontamento de que seria “pouco tempo para muito conteúdo”. Aqui retoma-se o primeiro tema discutido: o conflito entre o real e o ideal, uma vez que para os alunos a quantidade de aulas desse componente não foi sentida como pequena, mas para a docente poderia ser modificada para que, de alguma forma, eliminasse o que ela mencionou como defasagens.

Ainda sobre a carga-horária, vale ressaltar o relato de B. F. (entrevista 3) que menciona como principal desafio na elaboração currículo a integração entre Base Comum e área Técnica:

[...] não posso, de forma alguma, deixar faltar nenhum um nem outro e isso em um espaço curto, pequeno de tempo. Dois anos e meio, que foi esse curso, na minha experiência, o que eu pude acompanhar, eu acho muito tempo pra um EJA, porque não é fácil você manter os alunos lá dois anos e meio, enquanto que em outros cursos de Educação de Jovens e Adultos, ele acabam fazendo em um ano, um ano e meio, então para a elaboração do currículo a gente pensava muito nisso e na prática, na experiência, a gente viu que isso pesou muito. Tanto que a gente formou com quantos alunos? 14 alunos. Isso é muito ruim. A evasão foi muito grande. Então essa questão de conseguir unir Base Comum e Técnica foi bem complicado. (Informação verbal - entrevista 3)

Este trabalho não se propõe a analisar o fator evasão, porém já foi abordado, resumidamente, na caracterização de como o curso se deu na escola analisada, conforme os dados da Figura 4, no Capítulo 3. Ainda assim, o assunto reapareceu na entrevista 3 e é destacado, também, pelo docente W.E. na entrevista 2:

Esse é um dos fatores que, os alunos quando chegaram a gente teve a maior parte da evasão, provavelmente você já tenha buscado esses dados, mas a maior parte da evasão, o maior número foi logo no primeiro semestre. E aí o que nos causou um espanto, nossa, nós assustamos os nossos alunos. Mas, o que que de fato aconteceu? Muitos deles, um pouco mais à frente eu tive contato, com esses evadidos e disseram: *“olha, o curso é muito longo, em determinada instituição municipal eu faço isso e menos tempo”*. Não, não quero, obviamente, nos comparar, se tem qualidade superior ou inferior, mas eu acho que o tempo, o fator tempo, o tempo de permanência aqui foi um dos fatores complicadores pra que esses alunos evadissem sim. (Informação verbal - entrevista 3)

5.3 A percepção dos docentes acerca da “Comunicação Profissional”

O terceiro tema, sobre a percepção dos docentes acerca da ideia de “Comunicação” e sobre a terminologia “Comunicação Profissional”, trouxe narrativas que colaboram para possíveis respostas à questão desta pesquisa. Quando questionada a respeito, a docente, responsável por esse componente curricular, revelou seu estranhamento inicial:

Isso me chamou a atenção porque nós, professores de português, estamos acostumados a trabalhar com Língua Portuguesa, que envolve aquelas frentes tão conhecidas de trabalho: a Gramática, a Produção de Texto, a Literatura.

Comunicação abarca tudo isso de uma forma mais é...usual eu diria, a Língua Portuguesa fazendo sentido no dia a dia. Então eu entendo a

Comunicação é....como uma necessidade, necessidade básica, que nem todos os alunos, principalmente da EJA, da modalidade EJA, tinham consciência da importância. Eles estavam acostumados com o seu modo de comunicar, oralmente e por escrito estavam mesmo acostumados com esse formato, com essa maneira de se comunicarem. Eu creio que eles terminaram o curso com uma outra noção, de uma maneira mais reflexiva frente ao que é comunicar. Eu acho que o trabalho que a gente foi desenvolvendo, eu e os outros professores que tiveram essa oportunidade de trabalhar com eles também, eu acho que isso ficou claro. E Comunicação Profissional, também, foi ficando claro ao longo do trabalho, no início não. Eles não tinham muita consciência de que em que momento do trabalho é com Cozinha que a comunicação seria importante então na produção das fichas técnicas, que eles tiveram que fazer, na exposição, que eles tiveram que fazer também dos diversos conteúdos e conhecimentos trabalhados em outras disciplinas, é.... eu acho que isso acabou fazendo sentido pra eles também. Pra mim, como professora, e pra eles também. (Informação verbal - entrevista 1)

Novamente, observa-se a dicotomia entre a educação considerada tradicional e a educação profissional. A mesma docente apontou que, na sua percepção, a Comunicação “abarca tudo”, ou seja, foge daquelas “frentes tão conhecidas de trabalho” do professor de Língua Portuguesa e, portanto, causa insegurança em um primeiro momento e sensação de não saber ao certo o que deve ser ensinado. A ideia de Comunicação, por ela apontada, é mais ampla e abarca códigos verbais e não verbais além de causar uma reflexão para sua necessidade e importância.

Os alunos, nas justificativas de suas respostas para as questões sete e oito do questionário, corroboraram com a percepção da docente, que a disciplina colaborou não só para analisar, interpretar e produzir textos, ou ajudar nas demais disciplinas, mas de que engloba as situações reais, do cotidiano, além de ter provocado uma mudança de postura frente ao componente curricular, enxergando benefícios na prática, escolar e fora dela: “com nossas aulas, passei a enxergar os textos de uma outra forma, entender melhor o que eu leio e preocupar-me com o que escrevo.” (aluno 2); “Porque pra todas as entrevistas tem interpretação de textos e eu creio que estou preparada.” (aluno 3); “Interpretação de texto é tudo. Sem isso é impossível exercer qualquer atividade” (aluno 9); “Sim, dando oportunidade de entender a língua e a sua aplicação no dia a dia.” (aluno 10); “Porque eu não me preocupava com a escrita mas percebi e aprendi que para fazer um cardápio é necessário ter combinações e uma escrita correta” (aluno 3); “Durante o decorrer do curso, minha postura profissional e pessoal ficou mais refinada com os ensinamentos. E minha visão ficou mais ampla” (aluno 8).

Os demais docentes entrevistados, também, demonstram um certo incômodo com a terminologia e suas percepções convergem para essa abrangência que a ideia de Comunicação traz:

Quando a gente compara o EJA com o curso modular, por exemplo, muda o nome até do componente curricular. Nessa mudança do nome os alunos até ficam um pouco assustados: “*mas eu vou ter que estudar Língua Portuguesa de novo? Eu já estudei Língua Portuguesa durante tanto tempo na minha vida, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio...*” e mesmo por EJA que estuda isso, a Comunicação muda completamente de figura. [...] Comunicação Profissional é isso; porque se ele começa um curso voltado para o mercado de trabalho, para o mundo do trabalho e não consegue se comunicar, ele fica parado no tempo. Ele vai não pra frente, ele não consegue se estabelecer, ele não consegue crescer profissionalmente, ele não consegue melhorar a vida dele profissional, pessoal, financeira, enfim. Então pra mim isso é fundamental, a Comunicação. Às vezes é difícil pela nomenclatura que as instituições dão, e não é diferente aqui pra nós do Centro Paula Souza, porque ela não se faz entender, ela assusta, ao invés dela aproximar ela assusta. Então “Linguagem, Trabalho e Tecnologia”, Literatura mais não sei o quê. Eles não entendem, nem mesmo eu entendo! Imagina na cabeça de um aluno recém-chegado? Aí ele fala: “*nossa, mas é Língua Portuguesa?*” Não! Vai além de simplesmente ser a Língua Portuguesa, a Língua Portuguesa é o pano de fundo, é a base, mas é voltada mesmo para você ter uma boa comunicação no trabalho. E isso faz com que ele cresça, quando ele consegue entender [...] (Informação verbal - entrevista 2)

[...] as relações interpessoais, elas estão, lógico, estão totalmente ligadas à questão da Comunicação e aquilo que a gente falou no começo das competências sócio emocionais [...] eu acho que, na verdade, quando a gente tá elaborando o currículo, às vezes a gente coloca um nome... e muitas vezes não fica atento à ele [...] Então, mas o que me vem em relação à “Comunicação Profissional” é a maneira como eu vou me portar perante àquela profissão que estou exercendo seja ela qual for. Não é só uma comunicação verbal, é uma comunicação escrita, também, a minha postura...é tudo isso, é isso que vem à minha mente. Eu não sei o que vem à mente do aluno e nem a do professor e nem como o professor vai trabalhar isso. Aí entra o papel do coordenador de curso, ver como que isso tá sendo trabalhado, né? Não só através do PTD, mas tentar conversar com o professor e com o restante da equipe pra ver como isso tá sendo trabalhado. Mas é um problema, né? [...] (Informação verbal - entrevista 3)

Destacam-se, também, algumas das justificativas apresentadas pelos alunos para a questão 10: “Sim, antes do curso eu tive oportunidade de pegar aquela vaga na cozinha que só estava disponível porque ninguém queria ocupá-la. Depois do curso com os

conhecimentos adquiridos eu cresci e mudei a minha posição. Antes eu lavava pratos, hoje sou cozinheiro. Mas lavo pratos também” (aluno 8); “Muito pois hoje não tenho medo de escrever” (aluno 7), “Com certeza, proporcionou uma melhor apresentação pro mercado de trabalho com uma postura mais confiante e objetiva.” (aluno 10) Novamente a reação dos alunos frente a última pergunta do questionário apontou que os conhecimentos adquiridos durante as aulas do componente curricular “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional” colaboraram, ou podem vir a colaborar, para a inserção dos mesmos no mercado, além de reforçar a ideia anteriormente apresentada de que “falar e escrever bem” podem ser um recurso que aumenta a autoconfiança desses alunos.

À medida que os professores, especialmente a docente da disciplina de Comunicação, relataram suas dificuldades e suas experiências na EJA profissionalizante o conflito entre o ensino tradicional e o ensino profissional emerge. Fica evidente, também, a insegurança e o sentimento de despreparo para lidar com esse público e propostas de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões e conflitos dos docentes que são formados pelo meio acadêmico e encontram oportunidades de trabalho no ensino técnico são temas recorrentes do universo da educação profissional. Além desse desconforto, há a própria modalidade EJA e, em especial a EJA integrada à formação profissional, que se configura como um terreno ainda pouco explorado, por fatores que residem desde a sua recente chegada às Escolas de Ensino Técnico à própria descontinuidade dos esforços em construir políticas e um programa global e contínuo para este público, visto que os resultados obtidos até o presente momento não representam um impacto significativo.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido para alinhar a formação do professor e a sua prática docente. Assim, buscou-se contribuir para a teorização dessa prática tão específica que é a Educação de Nível Médio Integrada ao Técnico na Modalidade EJA. Essa modalidade tem provocado discussões, porém ainda há muito por fazer. Dessa forma, este trabalho pôde cooperar para a reflexão dos temas que foram aqui apresentados.

A descrição e o perfil dos alunos do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) permitiu que os primeiros apontamentos fossem contextualizados em uma situação real, dentro de um curso oferecido em uma das unidades do Centro Paula Souza. Tendo como foco a disciplina Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional.

Os resultados obtidos com as entrevistas e os questionários enfatizaram a pertinência da componente curricular Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional para a formação integral do aluno, mas também evidenciam a necessidade de suporte acadêmico ao docente.

Assim, sugere-se que as instituições que ofereçam a disciplina de Comunicação para cursos de Educação de Nível Médio Integrada ao Técnico na Modalidade EJA, estabeleçam um programa de formação em serviço para que o docente se desenvolva profissionalmente e se sinta mais equipado para atuar na educação profissional. Esse trabalho de formação docente pode ocorrer por meio de *workshops*, de forma presencial ou, ainda, por meio de *webinars* de maneira obrigatória para os futuros docentes, especialmente os de Língua Portuguesa e dos demais componentes da Base Comum, que irão atuar na modalidade em questão, para que estes tenham uma maior conscientização do perfil do público da EJA que buscam, também, a formação profissional como forma de ingressar ou ascender no mercado

de trabalho, conforme algumas das justificativas trazidas pelos alunos que responderam o questionário elaborado para esta pesquisa.

Vale ressaltar que o curso foi descontinuado na unidade observada devido à alta taxa de evasão, desde o momento da matrícula muito alunos optaram por desistir sem mesmo obter algumas das certificações intermediárias. Dessa forma, outra proposta para a modalidade analisada seria uma adequação e mudança na grade curricular como forma de diminuir a taxa de evasão, trazendo para o semestre inicial componentes curriculares que de fato levem o aluno a um contato mais específico com a formação profissional como, por exemplo, “Técnicas de Cozinha e Restaurante” ou “Cozinha Fria”, que poderiam ser substituídas pelas disciplinas da Base Comum em um momento posterior.

REFERÊNCIAS

BARATO, J. N. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. Brasília: UNESCO, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Observatório do PNE**. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/10-eja-integrada-a-educacao-profissional>>. Acesso em: 07 de nov. de 2017.

_____. **Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei n. 9.394, de 2008 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm>. Acesso em: 19 de fev. 2018.

_____. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 24 de jan. 2019

_____. **Decreto n. 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em: 9 mar. 2018.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 01 de 5 de dezembro de 2014**. Atualiza e define novos critérios para a composição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, disciplinando e orientando os sistemas de ensino e as instituições públicas e privadas de Educação Profissional e Tecnológica quanto à oferta de cursos técnicos de nível médio em caráter experimental, observando o disposto no art. 81 da Lei no 9.394/96 (LDB) e nos termos do art. 19 da Resolução CNE/CEB no 6/2012. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2018.

_____. **Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2018.

_____. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 8 abr. 2018.

_____. **Constituição (1988)**. Art. 208. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_208_.asp> Acesso em 11 de nov. de 2017.

_____. **Constituição (1988)**. Art. 214. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_214_.as> Acesso em 12 de nov. de 2017.

_____. **Ministério da Educação**. Programa de Integração da Educação Profissional e Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio da Modalidade de Educação de **Jovens e Adultos – PROEJA**. Documento Base, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf> Acesso em: 11 de nov. de 2017.

CENTRO PAULA SOUZA. **Mapeamento das Escolas Técnicas – Dados Gerais, Eixos Tecnológicos e Cursos Oferecidos**. Mapeamento das Unidades do Centro Paula Souza 2017 – 2º semestre. São Paulo. Disponível em <<http://www.cpscetec.com.br/cpscetec/publicacoes/bdcetec/Unidades20172Semestre.pdf>> Acesso em 10 de nov. de 2017.

_____. **Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio Na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: 2015. Disponível em <<http://www.cpscetec.com.br/bdcetec>> Acesso em 07 de jun. de 2018.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**. A linguagem em movimento. 3.ed. São Paulo: Senac, 2004.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIGARO, R. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Diagnóstico dos estudos e pesquisas sobre políticas, estrutura e funcionamento do ensino supletivo na função suplência: relatório final**. 3 v. São Paulo, 1988. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/1813>> Acesso em: 12 de nov. de 2017.

LEÃO, M. de **LEI SARAIVA (1881): O ANALFABETISMO É UM PROBLEMA NACIONAL**. Trabalho apresentado na IX Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – Região Sul (ANPED SUL), 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/929/48>> Acesso em: 03 de nov. de 2017.

MANFREDI, S. M. **Política e Educação Popular**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1981.
_____. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. JundiaíSP: Paco, 2016.

MEDEIROS, M. do S. de A. **A Formação de Professores para a Educação de Adultos no Brasil: da história à ação**. Palma de Maiorca: Tese de Doutorado pela Universitat de les Illes Balears, 1999.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. Verbete Madureza. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/madureza/>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

MORAES, F. de; KÜELLER, J. A., **Currículos integrados no ensino médio e na educação profissional: desafios, experiências e propostas**. São Paulo: Senac, 2016.

MOURA, D. H.; HENRIQUE, A. L. S. **PROEJA: entre desafios e possibilidades**. HOLOS, vol. 2, 2012, p.114 a 129. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/914/536>>. Acesso em: 12 de nov. de 2017.

PEREIRA, M. T. G. O ensino da Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos. In: **Anais do VI Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa Língua, Texto e Ensino**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2014. ISSN: 2237-8758. Disponível em: < <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/351.pdf> > Acesso em: 10 de out.2017.

PETEROSI, H. G.; MENINO, S. E. **A formação do formador**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017.

PIERRO, M. C. Di; HADDAD, S. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Caderno Cedes**, Campinas, maio-ago 2015, v.35, n.96, p.197 a 217. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-9600197.pdf> > Acesso em: 19 de jan. 2019.

PIERRO, M. C. Di; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Caderno Cedes**, Campinas, novembro 2001, vol.21 n. 55, p. 58 a 77. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300005> Acesso em: 01 de nov. 2017.

PONTUSCHKA, N. N. Concepções e práticas de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos. In: MORAES, C. S. V. (Org.). **Educação de Trabalhadores por Trabalhadores**: educação de jovens adultos e formação profissional. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2013. p. 131-166

SANDER, B. **Políticas públicas e gestão democrática da educação**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

SÃO PAULO. **Resolução SE nº 78, de 7 de novembro de 2008**. Dispõe sobre delegação de competência para exercer supervisão de ensino em instituições que especifica. Disponível em <<http://siau.edunet.sp.gov.br>>. Acesso em 13 abr. 2018.

SILVA, S. T. M. **Teorias da Comunicação nos estudos de relações públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEMER, A.C.R.P; NERY, V.C.A.; **Para entender as teorias da comunicação**. 2.ed. Uberlândia: EDUFU, 2009

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Entrevista concedida por M.G. **Entrevista 1** [fev. 2019]. Entrevistador: Beatriz Galhardo Oliva Sanches. Jundiaí, 2019. 1 arquivo. M4a (20min 42s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

Entrevista concedida por W.E. **Entrevista 2** [fev. 2019]. Entrevistador: Beatriz Galhardo Oliva Sanches. Jundiaí, 2019. 1 arquivo. M4a (21min 3s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

Entrevista concedida por B.F. **Entrevista 3** [fev. 2019]. Entrevistador: Beatriz Galhardo Oliva Sanches. São Paulo, 2019. 1 arquivo. M4a (20min 8s.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta monografia.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO DA ENTREVISTA 1

Perfil

- 1) Descreva brevemente sua formação (Me conte como você começou no Magistério...).
- 2) Há quanto tempo você leciona e para quais “níveis” (fundamental, médio, técnico, superior)?
- 3) Há quanto tempo leciona na Educação Profissional? Descreva brevemente sua experiência.
- 4) Já havia trabalhado com EJA anteriormente? (Caso sim: relate sua experiência com este “público”)
- 5) E com EJA integrada à Educação Profissional?

EJA – Cozinha (Centro Paula Souza)

- 6) Você se sentiu “preparada” para trabalhar com este novo perfil de alunos que ingressou na Unidade?
- 7) Você já participou de alguma capacitação ou treinamento específico para a modalidade EJA? Considera que deveria haver essa “preparação” e de que forma?
- 8) Você considera relevante conhecer o histórico da EJA e da EPT em nosso país bem como a legislação vigente para estas modalidades? (É importante conhecer as leis que regulamentam bem como as metas e currículos determinados para a Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional?)
- 9) Qual sua percepção da função da escola, especialmente a de Ensino Profissional?
- 10) E qual sua percepção do docente? Qual é o seu papel como professora de Língua Portuguesa para a modalidade e público em questão?
- 11) Quais foram os principais desafios ao longo dos dois anos à frente da disciplina *“Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”* no curso Técnico Integrado ao Médio na Modalidade de EJA?
- 12) Quanto a carga-horária (semanal e semestral) do componente você considera suficiente?

- 13) Quanto ao Plano de Trabalho Docente (PTD) da sua disciplina você acredita que os objetivos, competências e habilidades determinadas para o curso em questão são condizentes com a sua prática? Quais as dificuldades (ou facilidades) encontradas na preparação e condução das aulas de acordo com o Plano?
- 14) Quais recursos didáticos você utiliza (descreva brevemente o material e como ele é selecionado)? E quais utilizaria se houvesse acesso/disponibilidade?
- 15) O PTD aponta a importância das inter-relações entre teoria e prática, você percebeu se os alunos verbalizaram ao longo do período no que a disciplina ajudou (em outras disciplinas; no mercado de trabalho etc.)?
- 16) O PTD direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar e que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação” e “Comunicação Profissional” – que faz parte do nome da sua disciplina? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO DA ENTREVISTA 2

Perfil

- 1) Descreva brevemente sua formação.
- 2) Como foi seu “ingresso” na área de Educação? 3) Há quanto tempo você leciona?
- 4) Há quanto tempo leciona na Educação Profissional? Descreva brevemente sua experiência.
- 5) Já havia trabalhado com EJA anteriormente? (Caso sim: relate sua experiência com este “público”)
- 6) E com EJA integrada à Educação Profissional?

EJA – Cozinha (Centro Paula Souza)

- 7) Você se sentiu “preparado” para trabalhar com este novo perfil de alunos que ingressou na Unidade?
- 8) Você já participou de alguma capacitação ou treinamento específico para a modalidade EJA? Considera que deveria haver essa “preparação” e de que forma?
- 9) Você considera relevante conhecer o histórico da EJA e da EPT em nosso país bem como a legislação vigente para estas modalidades? (É importante conhecer as leis que regulamentam bem como as metas e currículos determinados para a Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional?)
- 10) Qual sua percepção da função da escola, especialmente a de Ensino Profissional?
- 11) E qual sua percepção do docente? Qual é o seu papel como professor/ coordenador de um curso para a modalidade e público em questão?
- 12) Quais foram os principais desafios ao longo dos dois anos à frente de componentes técnicos e da coordenação do curso Técnico Integrado ao Médio na Modalidade de EJA?
- 13) Quanto a carga-horária (semanal e semestral) dos componentes que você lecionou você considera suficiente?
- 14) Quanto ao Plano de Trabalho Docente (PTD) das suas disciplinas: você acredita que os objetivos, competências e habilidades determinadas para o curso em questão são

condizentes com a sua prática? Quais as dificuldades (ou facilidades) encontradas na preparação e condução das aulas de acordo com o Plano?

- 15) O PTD aponta a importância das inter-relações entre teoria e prática, você percebeu se os alunos verbalizaram ao longo do período no que a disciplina de “Língua Portuguesa

Literatura e Comunicação Profissional” ajudou (em outras disciplinas, nas disciplinas técnicas; no mercado de trabalho etc.)?

- 16) O PTD direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar e que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação” e “Comunicação Profissional” que dá nome ao componente curricular observado nesta pesquisa? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO DA ENTREVISTA 3

Perfil

- 1) Descreva brevemente sua formação.
- 2) Como foi seu “ingresso” na área de Educação? 3) Há quanto tempo você leciona?
- 4) Há quanto tempo leciona na Educação Profissional? Descreva brevemente sua experiência.
- 5) Já havia trabalhado com EJA anteriormente? (Caso sim: relate sua experiência com este “público”)
- 6) E com EJA integrada à Educação Profissional?

EJA – Cozinha (Centro Paula Souza)

- 7) Você se sentiu “preparada” para trabalhar com este novo perfil de alunos que ingressou na Unidade?
- 8) Você já participou de alguma capacitação ou treinamento específico para a modalidade EJA? Considera que deveria haver essa “preparação” e de que forma?
- 9) Você considera relevante conhecer o histórico da EJA e da EPT em nosso país bem como a legislação vigente para estas modalidades? (É importante conhecer as leis que regulamentam bem como as metas e currículos determinados para a Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional?)
- 10) Qual sua percepção da função da escola, especialmente a de Ensino Profissional?
- 11) E qual sua percepção do docente? Como foi assumir o papel de professora e coordenadora de um curso para a modalidade e público em questão?
- 12) Você participou do processo de elaboração dos Planos de Trabalho, PTD, (Laboratório de Currículo) antes da “implantação” do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Médio na Modalidade de EJA na unidade? Descreva um pouco essa experiência. Quais foram os principais desafios?
- 13) Quais foram os principais desafios posteriores a esse processo de elaboração inicial: como se deu a oferta/abertura de vagas (vestibulinho-divulgação) do curso Técnico em Cozinha Integrado ao Médio na Modalidade de EJA?

- 14) Quanto a carga-horária (semanal e semestral) dos componentes curriculares – Base Comum e Área técnica - você considera suficiente?
- 15) Como foram pensados os componentes para área técnica? Qual foi o “ponto de partida” para estabelecer as disciplinas que compõe a grade curricular?
- 16) Para os PTDs específicos da Base Comum, você teria como relatar algo do processo de elaboração? E mais especificamente do componente Língua Portuguesa Literatura e Comunicação Profissional, você tem alguma lembrança?
- 17) O PTD direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar e que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação” e “Comunicação Profissional” que dá nome ao componente curricular observado nesta pesquisa? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE PESQUISA: QUESTIONÁRIO ALUNOS**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**
MAIORES DE 18 ANOS

Prezado aluno(a),

Este questionário faz parte do meu trabalho de Mestrado e seus resultados serão utilizados apenas para fins acadêmicos.

Não existem respostas “certas” ou “erradas”, por isso solicitamos que responda de forma espontânea e sincera. Na maioria das questões você deverá apenas assinalar com um **X** a sua opção de resposta.

Os dados obtidos poderão me ajudar a compreender melhor alguns aspectos da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.

A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação. Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

Agradecemos sua colaboração!

Orientadora: Professora Doutora Helena Gemignani Peterossi

Coorientador: Professor Doutor Rodrigo Avella Ramirez

Pesquisadora: Beatriz Galhardo Oliva Sanches

QUESTIONÁRIO – ALUNOS (EJA)

1) Você já atuava na área de Cozinha **antes** de ingressar no curso?

() Sim* () Não

* Caso tenha assinalado “Sim” descreva **brevemente** sua experiência:

2) **Atualmente** você trabalha na área de Cozinha?

() Sim* () Não

* Caso tenha assinalado “Sim” em que local:

3) O que te motivou a realizar o curso Ensino Técnico em Cozinha Integrado ao Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos?

Preencha com os números de 1 a 5 por ordem de relevância para você sendo
5 = muito importante e 1 = menos importante

- () Localização da escola e ensino gratuito.
- () Conhecer ou aprimorar técnicas da área de Cozinha.
- () Obter o certificado de Conclusão do Ensino Médio.
- () Obter o certificado de Conclusão do Ensino Técnico.
- () Possibilidade de cursar e concluir o Ensino Médio e o Técnico simultaneamente (ao mesmo tempo).

4) Além das certificações obtidas você acredita que a duração do curso (5 semestres) lhe possibilitou, ou possibilitará (caso não esteja empregado), saberes necessários para sua atuação profissional:

() Sim () Não

Justifique **brevemente** sua resposta:

5) Você julga que a **quantidade** de **aulas práticas** atendeu suas expectativas?

() Sim () Não

Justifique **brevemente** sua resposta:

- 6) Quanto às disciplinas da “Base Comum” (Ensino Médio) você considera que a **quantidade** de aulas de **Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional** atendeu suas expectativas?

() Sim () Não

Justifique **brevemente** sua resposta:

- 7) Para você as aulas de **Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional** colaboraram para analisar, interpretar e produzir textos?

() Sempre () Às vezes () Nunca

Justifique **brevemente** sua resposta:

- 8) Durante o curso você percebeu melhora no uso da **Língua Portuguesa** para se comunicar e produzir textos para os outros componentes curriculares (como, por exemplo, no TCC, na elaboração e escrita de uma receita ou ainda nas apresentações dos pratos em disciplinas da área técnica)

() Sim () Não

Justifique **brevemente** sua resposta:

- 9) Durante as aulas de **Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional** qual sua opinião sobre os diferentes recursos utilizados como áudios, vídeos, uso de aplicativos etc.:

MUITO BOM	()
BOM	()
REGULAR	()
RUIM	()
MUITO RUIM	()

Justifique **brevemente** sua resposta:

10) Você julga que os conhecimentos adquiridos durante as aulas da disciplina **Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional** colaboraram, ou podem colaborar, para sua inserção no mercado de trabalho?

() Sim

() Não

Justifique **brevemente** sua resposta:

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Nome: M.G.

Idade: 53 anos

Formação: Mestrado em Educação, Especialização em Análise de Discurso, Especialização em Gestão do Currículo para Coordenadores, Graduação em Licenciatura Plena em Letras: Língua Portuguesa e suas Literaturas, Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Ocupação: Professora do componente curricular “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional” do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) na Etec Benedito Storani

Pq – A pesquisa em questão faz parte do meu trabalho de Mestrado e seus resultados serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Os dados obtidos poderão me ajudar a compreender melhor alguns aspectos da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade. A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação. Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado.

Antes da gente entrar um pouco na questão do curso eu ia pedir para você descrever um pouco sobre a sua formação, saber um pouco do seu perfil profissional.

En – Eu me tornei professora muito cedo. Eu fiz magistério no Ensino Médio então por volta de 19 anos de idade eu já era professora de Educação Infantil. Trabalhei com Educação Infantil por muito tempo, durante muitos anos. Depois iniciei no Ensino Fundamental I, em rede pública estadual. Depois assumi um cargo em...pedi exoneração do Fundamental I e assumi um cargo no Fundamental II, no Ensino Fundamental II e Médio, II e Médio, também no Estado e depois comecei a trabalhar há 10 anos no Centro Paula Souza. Eu me esqueci de outros percursos em rede privada, estou falando só do público, mas eu trabalhei na rede privada também, com curso preparatório para vestibular, com aula de redação, e aulas de Português em curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda em uma Universidade. Essa é, resumidamente, minha história no magistério.

Pq – Então você está já há dez anos na Educação Profissional?

En – Dez anos na Educação Profissional.

Pq – Você pode falar um pouquinho dos cursos, em que áreas de Educação Profissional...níveis?

En – Sim. Eu comecei com os cursos modulares mesmo, cursos só técnicos. Iniciei com o curso de Agroindústria, depois Agropecuária, Turismo, Nutrição, Alimentos, Química,

aí já esses últimos já na modalidade Ensino Médio Integrado...Ensino Técnico Integrado ao Médio, o ETIM, também.

Pq – E você já tinha trabalhado com EJA anteriormente?

En – Nunca.

Pq – Não...

En – Nunca tinha trabalhado com EJA, foi a primeira experiência.

Pq – Então, assim, fala um pouquinho dessa experiência com esse público.

En – É foi muito desafiador. Eu confesso que no primeiro mês de trabalho eu pensei em desistir porque o desafio era muito grande e eu achei, eu desconfiei que eu não “desse” conta do que talvez os meus, os alunos necessitassem que eu trabalhasse com eles. Eu fiquei receosa de não conseguir perceber num curto espaço de tempo o que era necessário e de repente trabalhar só o que eu achava, o que estava realmente estava no Plano, né? E me parecia que eles precisavam de algo mais diferenciado... além do que estava no Plano.

Pq – Bom, vamos falar então do curso específico que a gente trabalhou, na verdade, que foi o EJA na modalidade ETIM, com técnico em Cozinha: é o EJA Integrado na Modalidade Técnico em Cozinha...e aí você já “meio” que respondeu a próxima:

En – Sim, é verdade!

Pq - Se você se sentiu preparada com esse novo perfil?

En – É verdade! Eu não, eu não me sentia, não me sentia preparada, eu tive que aprender e foi muito gratificante o resultado final. Eu acho que é....essa impressão que eu tenho hoje do progresso da turma e do nosso trabalho tem, está relacionado a, ao tempo...ao tempo em que nós estivemos juntos, porque eu fui a professora que assumiu 4 semestres com ele, com eles. Eu acho que se eu tivesse desistido, por exemplo, no segundo semestre, e se eles tivessem tido cada semestre um professor diferente eu acho que teria, eu acho que teria sido um pouco complicado porque é....eu acho que é muito difícil explicar, inclusive, mas a.... a gente gasta tempo descobrindo o que eles estão necessitando que a gente trabalhe. Então eu acho que a....a manutenção do, do trabalho ao longo do semestre, do professor, eu acho que isso, isso facilitou. Tenho a impressão!

Pq – Você participou de alguma capacitação ou treinamento específico para a modalidade?

En – Não. Não participei, foi assim....na hora, na atribuição a aula estava disponível, eu assumi, né? Na coragem!

Pq – Você considera que deveria ter tido uma preparação?

En – Sim! Sim, ainda que a gente assuma sem ter nenhuma preparação que ela acontecesse durante o trabalho, né?

Pq – Você considera relevante conhecer um pouco da história da EJA e da Educação Profissional no nosso país? Bem como a legislação, em que “pé” que está a legislação, como é que era e o que que a gente tem hoje?

En – Sim, eu acredito que a contextualização, vou chamar isso de contextualização, a contextualização do trabalho e da condição do, dos alunos que procuram a modalidade EJA, eu creio que estudo dessa contextualização seja importante pro trabalho que o professor vai desenvolver.

Pq – Eu vou mudar um pouquinho agora a pergunta, sair um pouco dessa preparação, mas qual sua percepção da escola e mais especificamente qual seria a função da escola de Ensino Profissional?

En – É....a função da escola, é eu penso que ela é uma organizadora dos conteúdos, porque os, o conhecimento está à disposição de qualquer um em vários meios, em vários formatos, mas a escola eu acho que a função dela é organização desses conteúdos. Organização de uma maneira que ela faça sentido, que ele né, conhecimento faça sentido.

Pq – e a escola específica de Ensino Profissional?

En – Também...é, ela tem que tá toda voltada pro que está acontecendo no mundo da área em questão é pra que não se ensine algo que não seja condizente com a realidade.

Pq – e a sua percepção do docente? Qual é o seu papel como professora de Língua Portuguesa para essa modalidade em questão? Então vamos pensar um pouquinho no papel do docente e mais específico o da disciplina que você ministra.

En – Eu a....eu percebi como...é muito difícil é a....é ser docente. Ser docente num curso de EJA de Educação Profissional e ser professor de Língua Portuguesa é um desafio muito grande, porque os alunos tinham muita dificuldade, muita defasagem que é....muitos traumas de, de trabalhos já desenvolvidos na escola e uma sensação de falta, uma sensação de que eles não estavam preparados pra estarem ali em relação à Língua Portuguesa como uma aluna disse algumas vezes: *“eu sou burra e não vou conseguir aprender português nunca!”* Então isso me marcou demais e muitos alunos eu acho que só não tiveram coragem de dizer, mas também eu percebia que eles tinham um sentimento de, de derrota em relação ao estudo da Língua, então isso foi muito desafiador.

Pq – A gente já falou, entrou um pouquinho quais foram os principais desafios, eu acho que a gente já abordou essa questão...

En – Sim!

Pq – Vamos falar um pouquinho mais da parte técnica: a questão da carga-horária – tanto a semanal como semestral do componente, você considerou que foi suficiente, que é suficiente?

En – Considerando o tipo de curso eu sei que o aumento da carga-horária modificaria a duração, a duração do curso. Eu entendo que seja um curso acelerado, já que o aluno sai com duas formações: a do Ensino Médio e a Educação Profissional, mas não é suficiente, a carga-horária de Língua Portuguesa não é suficiente. Principalmente porque não se trata de só trabalhar os conteúdos, os conhecimentos que estão elencados, mas existe uma defasagem então essa carga-horária realmente ela se torna insuficiente.

Pq – Bom, e quanto ao Plano, o PTD, o Plano de Trabalho Docente da sua disciplina, você acredita que os objetivos, as competências e as habilidades determinadas para o curso em questão são condizentes com a sua prática? E quais as dificuldades, ou se tiver facilidades encontradas na preparação, na condução da aula de acordo com o que o Plano prescreve?

En – É....como o Plano não é muito diferente de um curso pro outro, o PTD, o formato dele, a como a....as partes são apresentadas, são colocadas, o trabalho por competências, por habilidades, por conhecimento, eu não senti dificuldade em relação à isso e me parece condizente também. Só que quando a gente começa o trabalho e as defasagens aparecem a gente vê que o Plano... ele fica truncado...nesse sentido.

Pq – E os recursos didáticos que você utiliza? Descreva um pouco, o material como que ele é selecionado e quais utilizaria se tivesse acesso?

En – Eu tentei usar...eu usei e acabei adotando mais um recurso ou outro por ter percebido mais facilidade de trabalho com a turma é...o trabalho com Datashow não...eu percebi que não rendia tanto uma discussão é...um diálogo em relação ao que estava sendo trabalhado quanto uma aula expositiva-dialogada e quanto um trabalho com o livro, com os textos, os textos presentes em livros, no livro didático, que era um material que nós tínhamos à disposição. Considerando a classe socioeconômica eu percebi que não era possível solicitar materiais extras, então eu acabei trabalhando com os materiais que estavam disponíveis: que era um Datashow, o livro didático e um texto ou outro curto sendo colocado na lousa e, mas as aulas expositivas-dialogadas eu percebi que foram as que mais, que parecem ter mais, junto com textos, as aulas mais enriquecedoras pros alunos, em que eles participava mais.

Pq – Eu vou acrescentar uma pergunta aqui porque eu me lembrei de um fato deles terem ido ao teatro, eu queria que você comentasse um pouquinho dessa experiência:

En – Sim! Verdade! Foi uma atividade é...eu achei muito importante. Alguns alunos, a maioria dos alunos não, nunca tinham ido, nunca tinham é... participado de uma experiência dessa é...foi diferente porque eles, nós não sabíamos exatamente que não seria uma peça de teatro, mas era um debate dentro do espaço de um teatro e...e eles gostaram muito porque, primeiro pelo espaço, o espaço teatro, que a maioria não conhecia, nenhum teatro, e a oportunidade de assistir a um debate em relação a situação da mulher e nós combinamos que trabalharíamos com um texto dissertativo-argumentativo, sobre a temática, e fizemos isso, e foi muito bom! Fizemos o debate, uma socialização do que cada um conseguiu aproveitar do debate lá no teatro, fizemos essa socialização na sala de aula antes de partir pra produção de texto. Combinamos o, elencamos quais os argumentos que poderiam estar presentes no texto de acordo com o debate que tinha sido assistido e foi uma atividade muito é prazerosa e muito bem aproveitada por eles! Me surpreendeu!

Pq – Voltando, agora, um pouquinho pro Plano, pro PTD, ele aponta a importância dessas inter-relações entre teoria e prática, você percebeu se os alunos verbalizaram, ao longo do período em que você esteve com eles, se a disciplina ajudou, se ajudou em outras disciplinas, se ajudou em algum momento fora da sala de aula, já no mercado de trabalho?

En – Eu não tive muito a oportunidade de observar isso a não ser na FETEC, na Feira Técnica, Tecnológica da escola e me surpreendeu a postura dos alunos durante a Feira, cada um com a sua incumbência, né? De expor assim como todas as outras turmas estavam fazendo... e eles nunca tinham participado apesar de estarem a um tempo já na escola, eles não tinham participado ainda de FETEC e... e fizeram uma excelente participação. Acho que foi essa, foi esse o momento que eu mais percebi a verbalização, a oportunidade de verbalização deles em, num outro momento que não fosse a sala de aula.

Pq – Ainda, também, sobre o PTD, ele direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar e que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação” e “Comunicação Profissional” – que faz parte do nome da sua disciplina? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

En – Sim! Isso me chamou a atenção porque nós, professores de português, estamos acostumados a trabalhar com Língua Portuguesa, que envolve aquelas frentes tão conhecidas de trabalho: a Gramática, a Produção de Texto, a Literatura. Comunicação abarca tudo isso de uma forma mais é...usual eu diria, a Língua Portuguesa fazendo sentido no dia a dia. Então eu entendo a Comunicação é...como uma necessidade, necessidade básica, que nem

todos os alunos, principalmente da EJA, da modalidade EJA, tinham consciência da importância. Eles estavam acostumados com o seu modo de comunicar, oralmente e por escritos estavam mesmo acostumados com esse formato, com essa maneira de se comunicarem. Eu creio que eles terminaram o curso com uma outra noção, de uma maneira mais reflexiva frente ao que é comunicar. Eu acho que o trabalho que a gente foi desenvolvendo, eu e os outros professores que tiveram essa oportunidade de trabalhar com eles também, eu acho que isso ficou claro. E

Comunicação Profissional, também, foi ficando claro ao longo do trabalho, no início não. Eles não tinham muita consciência de que em que momento do trabalho é com Cozinha que a comunicação seria importante então na produção das fichas técnicas, que eles tiveram que fazer, na exposição, que eles tiveram que fazer também dos diversos conteúdos e conhecimentos trabalhados em outras disciplinas, é.... eu acho que isso acabou fazendo sentido pra eles também. Pra mim, como professora, e pra eles também.

Pq – Bom, era basicamente isso. Tria alguma coisa que você gostaria de acrescentar da sua experiência com EJA, algo que eu não perguntei, mas você gostaria de relatar?

En – Eu finalizaria dizendo que foi experiência muito enriquecedor, pra mim. E aquela sensação de desistência, aquela tendência pra achar, no início do trabalho, que não seria capaz porque os alunos me pareciam muito rígidos nas suas concepções é....e parece que isso foi sendo dissolvido, tanto neles quanto em mim. Eu tive que me adaptar, eu tive que ficar mais flexível é...., mas sensível para o que eles necessitavam do que eu necessitava ensinar, eu acho que esse foi o maior ganho de aprendizagem da minha parte nesse trabalho.

Pq – Muito obrigada!

En – Eu que agradeço!

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Nome: W. E.

Idade: 39 anos

Formação: Especialização em Formação Pedagógica para a Educação Profissional de Nível Médio, MBA em Turismo com Enfoque em Negócios, Pós-graduação em Docência em Gastronomia, Graduação em Tecnologia em Hotelaria, Técnico em Turismo Receptivo e Guia de Turismo Regional.

Ocupação: Professor da Área Técnica e Coordenador do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) na Etec Benedito Storani

Pq – A pesquisa em questão faz parte do meu trabalho de Mestrado e seus resultados serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Os dados obtidos poderão me ajudar a compreender melhor alguns aspectos da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade. A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação. Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado. Primeiramente já quero agradecer a sua disponibilidade. Eu sei que é difícil conseguir um tempo, muito obrigada por me conceder essa entrevista.

Eu gostaria que você falasse, brevemente, sobre a sua formação, saber um pouco do seu perfil profissional.

En – Eu sou formado em Hotelaria, eu fiz Hotelaria na graduação, depois eu parti para a Gastronomia como pós. Eu fiz uma pós em Gastronomia, uma Pós em Turismo, voltado mais pro mercado como um todo. Fiz Formação Pedagógica, que eu terminei ano passado, inclusive, e um monte de cursos voltados para a área de Gastronomia, que era pra ajudar nessa, na base pra poder vir pro curso com pouco mais de tranquilidade. Basicamente é isso.

Pq – E como foi sem ingresso na área da Educação?

En – Em 2004 eu fui hoteleiro, por muitos anos, nessa época eu tinha acho uns seis anos mais ou menos de hotel e eu fui convidado, pela minha experiência dentro de hotel, eu fui convidado para substituir um professor num Senac, Senac de Osasco, e ainda ri, eu falei: “mas eu não sou professor eu sou só um hoteleiro”, “não, mas você tem muita experiência e a gente precisa de alguém com experiência técnica na área de hotelaria, então você vai lá como se fosse pra dar uma palestra.” Eu falei: “Ah! Tudo bem! É muito tempo?” “Não, É rápido, umas duas ou três aulas”. Eu acabei ficando por dois meses que era pra substituir uma professora em licença maternidade, e de lá, não parei mais.

Pq – Então há quanto tempo você está lecionando?

En – De 2004 pra cá...quantos anos dá isso? Quinze anos! Nossa, estou velho!

Pq – E há quanto tempo você leciona Educação Profissional?

En – Eu imagino que desde sempre, porque em 2004 foi experiência no Senac, e o Senac é de Educação Profissional, voltado para o mundo do trabalho. Isso foi em 2004, 2005, 2006...

Aliás, quando eu fui pro Senac eu ainda não tinha formação superior. Eu estava começando a fazer a faculdade nessa época, inclusive. Em 2008, eu comecei a dar aula na Unip, então eu saí do mercado profissional, que não deixa de ser, fui pro superior não sei porque separam o superior do profissional, sendo que é um mercado profissional também, fiquei na Unip até 2015. Em 2014 eu vim para o Centro Paulo Sousa, exclusivamente com Educação Profissional. Aí então, se a gente for contar vai ser este tempo todo, mas de educação profissional eu conto, principalmente, o meu tempo aqui no Paula Souza, que são cinco anos agora, completa cinco anos em 2019 e o períodozinho do Senac, que foram várias cartas convite, enfim é um tempinho aí razoável.

Pq – E você já havia trabalhado com EJA?

En – Com EJA nunca. Foi A experiência!

Pq – A experiência? Aí responde já acho que a próxima: se já havia trabalhado com EJA integrado à Educação Profissional?

En – Menos ainda!

Pq – Foi a primeira vez?

En – Foi a primeira vez!

Pq – E você se sentiu preparado pra trabalhar com este novo perfil de aluno que ingressou na unidade?

En – Eu fiz um curso pelo Centro Paula Souza de EJA, que é contado para nós aqui como uma especialização. Especialização, não. Eu acho que pra nós não especialização, é qualificação. Me desculpe, agora não me lembro do que a gente teve por aqui. Eu imagino que se eu não tivesse feito este curso pelo Paulo Sousa, eu estaria menos preparado pra essa diversidade em que a gente tem no EJA. Ainda mais num EJA técnico, voltado para o mundo profissional. Eu já tinha uma noção do público que eu ia receber por aqui, as possíveis dificuldades, coisas assim, mas é... eu creio que isso me ajudou muito. Foi um curso relativamente curto, um curso com seis meses de duração, mas com esse entendimento do que ao público, das possibilidades, das variações, enfim. Eu acho que este curso me preparou.

Pq – Você já me respondeu a próxima: se você tinha participado então de uma capacitação. E então você considera que deveria haver essa preparação. Foi proveitosa? **En** – Sim. Eu acho extremamente importante. Aliás, ela é só um início, porque na prática do dia dia a gente percebe que precisava estudar mais, entender um pouquinho mais. Eu imagino que o curso para nós aqui, ele funcionou para gente também aprender, e muito. Se eles puderam aprender alguma coisa com a gente a gente fica contente, mas eles ensinaram muito pra gente.

Pq – E você considera relevante conhecer o histórico do EJA e da educação profissional no nosso país, bem como a legislação vigente para essa modalidade. Se essas leis que regulamentam, as metas, os currículos determinados para educação de jovens e adultos é importante. E os currículos pra Educação Profissional?

En – Eu imagino que é muito importante, eu entendo hoje que é muito importante. Na época que nós começamos o curso de EJA aqui, na nossa unidade, isso aconteceu em 2016, eu imagino que nós não tivemos tempo hábil pra nos prepararmos, para entendermos um pouco mais sobre a modalidade, pra saber como que era a legislação, foi tudo muito rápido. O curso começou e pronto, tivemos que nos adaptar. O curso que eu fiz, aqui pelo Paulo

Sousa, ele me deu de uma forma muito generalista o que era o EJA relacionado à lei, a legislação, o que era de fato o curso. Mas, a gente aprendeu muito mais na prática.

Pq – Qual sua percepção sobre a função da escola? E especialmente a escola de ensino profissional?

En – No nosso caso, eu entendo que ela funciona como dar esse suporte pro funcionamento do curso. O curso em si, no nosso caso, ele tinha essa intenção dupla, que era a formação de nível médio e mais a formação profissionalizante e que no nosso caso a gente conseguiu de fato integrar, nós tivemos professores que nos auxiliaram a integrar as disciplinas comuns, os componentes curriculares da Base Comum com a Base Técnica. Só que a gente teve que aprender isso ao longo do curso. No primeiro ano, nós tivemos muita dificuldade. Então, a escola nos permitiu essa base. Essa base de suma importância para fazermos a integração.

Pq – E, para você, qual a função do professor? E aí, vou pouquinho mais à frente, qual seu papel como professor e depois de ter assumido a coordenação de um curso nessa modalidade para esse público em questão?

En – O professor, ele funciona, ao meu ver, num curso de EJA, ele vai além de ser um professor, ele é um mediador porque a questão de conflitos é muito grande dentro de um curso como este. Diferença de idade, de pessoas que pararam de estudar há algum tempo, que vieram muito assustados, 20, 15, 30 anos que não colocavam os pés dentro de uma escola e, de repente, vieram em busca de um diploma do Ensino Médio não vieram em busca, especialmente, para o Ensino Técnico. Se bem que a grande maioria deles já trabalhava na área como cozinheiros, como ajudantes de cozinha, só que não sabiam o que iam ter por aqui. Então eu acho que para nós foi um grande desafio, porque o ser professor é muito da construção da nossa carreira, da nossa vivência, mas quando a gente se depara com público que é diferente, eles são diferentes sim, em vários sentidos, a gente deixa um pouquinho de lado o ser professor, aquela coisa mais comum, mais tradicional e aprende a mediar. Eu aprendi a mediar. Eu imagino que todos os nossos professores também. E como coordenador o desafio foi maior. Porque eu tinha que além de mediar as minhas aulas, porque eu era professor da base técnica, da base profissional, como coordenador eu tinha que tentar alinhar o professor do Ensino Médio, da Base Comum, que não estava também preparado, na sua grande maioria, não estava acostumado a trabalhar com esse público e ainda dizer: “olha, você tem que fazer uma ligação do seu assunto com área profissional”. Então assim, foram dois anos e meio de intenso desafio, mas que eu entendo que foram muito bons para todos nós.

Pq – Eu acho que você respondeu a próxima: eu perguntei quais são os principais desafios ao longo desses dois anos e meio, eu vou pra próxima que é mais uma questão específica de carga horária: você acredita que a carga horária dos componentes que você lecionou foi suficiente?

En – Dos meus componentes da base técnica, se a gente comparar com os cursos que a gente chama aqui de modulares, não. Tanto que havia uma comparação, e aí que entra nosso papel de mediador, no meu caso como coordenador, eu sofri um pouquinho mais, imagino do que os outros professores, porque eles comparavam: “Ah! Professor, porque é que a outra turma, que era a do modular, tenho um componente X que nós não temos?” E aí eu tinha que explicar que o curso era um pouco mais direcionado pro Médio, pra Base Comum e que boa parte da carga horária era dedicada à Base Comum. Então, eu imagino que o nosso curso precisaria passar por uma reformulação, isso já foi levado inclusive pro setor, para departamento específico do Paulo Sousa que cuida disso, para eles tornar mais atrativo para o núcleo profissional. Então eu imagino que a gente tenha tido uma carga-horária inferior para poder ser compatível com cargas máximas e que ele poderia ter sido melhor nessa condição. **Pq** – Quanto o plano de trabalho docente, o PTD, das suas disciplinas, você

acredita que os objetivos as competências e habilidades determinadas pra esse curso em questão são condizentes com sua prática? E quais dificuldades, ou facilidades, que você encontrou na preparação e condução das suas aulas de acordo com Plano?

En – O PTD ele foi “recorta e cola” do plano original, do modular. Ele não foi não foi adaptado, não foi pensado pro EJA. Eu tenho que ser sincero com você. Isso bate um pouquinho de frente com a Instituição. Então, assim, o curso não foi feito exclusivamente para o público EJA. É...a parte técnica, eu imagino que eu tenha dado conta, de acordo com a minha experiência, mas eu não sei se isso seria da mesma forma para todos os profissionais, não sei se para os professores. Eu acabei ficando com uma carga um pouco maior dos componentes, eu fui, na maioria das vezes, o principal professor da Base Técnica, dessa turma, e por ele não ter sido escrito especialmente pro EJA, que eu, na minha visão, ele teria que ter uma, um formato diferenciado, até de tempo de duração, o curso durou dois anos e meio, acho que é muito tempo pra um público que ficou muito tempo fora da escola e que veio em busca de algo um pouco mais rápido, obviamente pensando na qualidade. Não pode simplesmente cortar a carga-horária pela metade e esquecer da qualidade. Não, não é isso. Mas eu acho que ele precisa ser melhor estruturado. Então, talvez, as dificuldades que eu tenha tido na construção do PTD, foram em função disso por que eu venho de um curso modular, totalmente estruturado pra funcionar durante um ano e meio e de repente eu venho pra um EJA com dois anos e meio. Mas ,dividindo com Base Comum, e que os componentes não foram adaptados. Eu tive sim essas dificuldades.

Pq – Eu vou acrescentar uma pergunta ao roteiro, já que você comentou da carga-horária ser, talvez, um pouco exaustiva, você acha que esse é um dos fatores da evasão?

En – Sim! Certamente! Esse é um dos fatores que, os alunos quando chegaram a gente teve a maior parte da evasão, provavelmente você já tenha buscado esses dados, mas a maior parte da evasão, o maior número foi logo no primeiro semestre. E aí o que nos causou um espanto, nossa, nós assustamos os nossos alunos. Mas, o que que de fato aconteceu? Muitos deles, um pouco mais à frente eu tive contato, com esses evadidos e disseram: “*olha, o curso é muito longo, em determinada instituição municipal eu faço isso e menos tempo*”. Não, não quero, obviamente, nos comparar, se tem qualidade superior ou inferior, mas eu acho que o tempo, o fator tempo, o tempo de permanência aqui foi um dos fatores complicadores pra que esses alunos evadissem sim.

Pq – Bom, o PTD, ele aponta a importância dessas inter-relações entre teoria e prática, você percebeu se os alunos, em algum momento, verbalizaram, ao longo do período, no que a disciplina “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional” ajudou, se ajudou em outras disciplinas, na elaboração de cardápios, no TCC, ou até se relataram na questão do mercado de trabalho, aqueles que já conseguiram se inserir ao longo do período?

En – Nós tivemos ao longo do curso todo, nós pudemos acompanhar a evolução desses alunos. Nós sabemos como eles entraram, com deficiência principalmente na Língua Portuguesa, e o quanto eles evoluíram ao longo do curso. Alguns alunos chegaram sem conseguir se comunicar, sem conseguir fazer apresentação de um trabalho, e saíram daqui fazendo apresentação de TCC pra público. Então, só por isso, a gente sabe da importância da Língua, da forma como foi abordada, isso é mérito, principalmente dos professores, das professoras, que trabalharam com esses componentes e a gente percebeu, principalmente, em alguns, que conseguiram emprego, que conseguiram melhorar de emprego, que cresceram profissionalmente. Não sei se eu posso citar nome de aluno, mas nós tivemos um aluno, que ele não era da área de Cozinha, entrou, poucos meses depois e muito da motivação que ele teve dentro do próprio curso, ele conseguiu ter benefícios dentro da carreira, dentro de um hotel que é superconcorrido, e que além da concorrência se dá valor, principalmente

praqueles que correm atrás. Então, eu entendo que a Língua ela acompanhou, obviamente, o curso todo e o crescimento deles pra nós foi muito nítido. Então, não tenho dúvida que a construção, e que talvez se tivéssemos, diferente do que eu falei há pouco, mas se tivéssemos até um pouco mais de tempo, dentro do curso, mas voltado pra essa questão da Comunicação Profissional, eu imagino que a gente teria tido resultados ainda mais positivos.

Pq – Já que você abordou o termo “Comunicação Profissional”, eu encerro com essa pergunta que o PTD direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar, que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação” e “Comunicação Profissional”, que dá nome a disciplina? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

En – Quando a gente compara o EJA com o curso modular, por exemplo, muda o nome até do componente curricular. Nessa mudança do nome os alunos até ficam um pouco assustados: *“mas eu vou ter que estudar Língua Portuguesa de novo? Eu já estudei Língua Portuguesa durante tanto tempo na minha vida, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio...”* e mesmo por EJA que estuda isso, a Comunicação muda completamente de figura. Quando a gente fala em Comunicação Profissional é o uso correto, é o uso da forma melhor possível, mas dentro do mercado profissional: como se comportar em uma entrevista de trabalho? A produção de um currículo, por exemplo, a escrita de um e-mail, num mecanismo mais profissional, pra mim Comunicação Profissional é isso; por que se ele começa um curso voltado para o mercado de trabalho, para o mundo do trabalho e não consegue se comunicar, ele fica parado no tempo. Ele vai não pra frente, ele não consegue se estabelecer, ele não consegue crescer profissionalmente, ele não consegue melhorar a vida dele profissional, pessoal, financeira, enfim. Então pra mim isso é fundamental, a Comunicação. Às vezes é difícil pela nomenclatura que as instituições dão, e não é diferente aqui pra nós do Centro Paula Souza, porque ela não se faz entender, ela assusta, ao invés dela aproximar ela assusta. Então “Linguagem, Trabalho e Tecnologia”, Literatura mais não se o quê. Eles não entendem, nem mesmo eu entendo! Imagina na cabeça de um aluno recém-chegado? Aí ele fala: *“nossa, mas é Língua Portuguesa?”* Não! Vai além de simplesmente ser a Língua Portuguesa, a Língua Portuguesa é o pano de fundo, é a base, mas é voltada mesmo para você ter uma boa comunicação no trabalho. E isso faz com que ele cresça, quando ele consegue entender, as vezes um pouquinho tarde porque aí o curso já tá mais no finalzinho mas...

Pq – E a comunicação na área de Cozinha? Dentro de uma Cozinha?

En – Fundamental! A gente até brinca quando a gente vai transportar alguma coisa dentro da cozinha, alguma coisa que é quente e é perigoso, queima, a primeira coisa que a gente ensina o aluno é gritar: *“QUENTE!”* Quando a gente fala o *“QUENTE!”* é exatamente pra que as pessoas saibam, através da comunicação, que tem algo perigoso no ar! Então olha a Comunicação aparecendo, aí!

Pq – Bom, muito obrigada, mais uma vez, professor, pela sua disponibilidade e agradeço a oportunidade de a gente bater esse papo.

En – Eu que agradeço a oportunidade, espero que as informações te ajudem na construção do trabalho e depois que fica pronto traga pra nós expormos aos nossos alunos **Pq** – Com certeza a gente vai apresentar esse trabalho e os resultados dele.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

Nome: B. F.

Idade: 34 anos

Formação: Pós-graduação em Gestão Empresarial, Licenciatura em Hospitalidade e Alojamento e Bacharel em Hotelaria. Ocupação: Membro do grupo de formulação de análises curriculares no Centro Paula Souza, responsável pela padronização de laboratórios do eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer e primeira Coordenadora do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) na ETEC Benedito Storani.

Ocupação: Coordenadora de Projeto e do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos (EJA) na Etec Benedito

Pq – A pesquisa em questão faz parte do meu trabalho de Mestrado e seus resultados serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Os dados obtidos poderão me ajudar a compreender melhor alguns aspectos da Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação, protegendo e assegurando sua privacidade. A qualquer momento você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação. Ao final desta pesquisa, o trabalho completo será disponibilizado no site do Programa de Mestrado. Antes de mais nada eu quero agradecer você por você conceder essa entrevista, muito obrigada! Primeiramente eu queria que você falasse sobre você, sobre a sua formação.

En – Eu sou bacharel em hotelaria, eu trabalho com Educação Profissional há 10 anos, estou no Centro Paula Souza há nove, sou coordenadora de projetos do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, estou aqui na Cetec – capacitações há cinco anos, u trabalho com a formação do formado. Já trabalhei, eu trabalho com o currículo, com a elaboração de planos e de curso desde 2011. Trabalhei no início da elaboração do Técnico em Cozinha integrado a EJA, Educação de Jovens e Adultos. Iniciei na educação profissional através do Senac, comecei dando aula no Técnico em Hotelaria e aí surgiu a Etec e hoje eu estou aqui. **Pq** – E você já tinha trabalhado com Educação de Jovens e Adultos anteriormente? **En** – Não nunca trabalhei com EJA. O meu contato com EJA, o meu interesse pelo EJA começou através de um curso que eu fiz aqui no Centro Paula Souza que era um curso de extensão, não é uma especialização, de Educação de Jovens e Adultos. Eu fiz esse curso, através dele eu pulbiquei, tenho uma publicação de um artigo que é “A Educação de Jovens e Adultos com base nos quatro pilares da educação” e aí comecei a me interessar por isso. Na época eu era coordenadora de curso na Etec Benedito Storani e nós achamos interessante trazer esse curso pra escola. Foi um super desafio, e eu considero, já a época eu já considerava que essa seria uma experiência pedagógica, tanto pra escola quanto para o currículo.

Pq – Eu vou adiantar aqui porque algumas das perguntas a gente acabou respondendo, mas você sentiu preparada pra trabalhar com esse novo perfil de aluno?

En – Eu me sentia, eu me sentia preparada. Eu acho que pelo meu perfil, pela minha personalidade, em conversar, em acolher e saber que eles têm um perfil diferente, esses alunos eles têm necessidades diferentes, você tem que estar todo tempo em cima, conversando e dedicando um tempo diferente às necessidades que eles têm, com relação os problemas que eles trazem da vida, do dia-a-dia, que são outros, são diferentes dos alunos que estão no Ensino Médio, que tem 15 - 16 anos, esses alunos também têm problemas, mas são outros. Um aluno do EJA ele já é.... muitas vezes já é casado, tem seus filhos, suas famílias e muitas vezes pra ele largar a escola e cuidar dos seus filhos em família é muito mais fácil do que um aluno do Ensino Médio com 15 - 16 anos.

Pq – Você fez então capacitação, treinamento específico para Educação de Jovens e Adultos. Você considera que esta preparação é importante?

En – Essa preparação é importante, mas ela me deu mais um embasamento teórico. Eu acho que é mais importante mesmo ou convívio do dia-a-dia, você aprendendo na prática mesmo, estando com eles.

Pq – E você considera relevante conhecer o histórico da educação de jovens e adultos no Brasil, a história da educação profissional, bem como a legislação vigente pra essa modalidade, pra educação de jovens e adultos, para educação profissional? É importante saber sobre suas leis que regulamentam nossas metas, currículos?

En – Sim, considero. Até mesmo porque a gente sabe que no futuro a maior parte dos nossos alunos serão do EJA, né?

Pq – Agora vamos mudar um pouquinho as perguntas, pra você: qual sua percepção, qual é a função da escola e mais especificamente, qual seria a função de uma escola de ensino profissional?

En – Bom, a função da escola, principalmente nos dias de hoje, é conseguir mostrar para o aluno, ou trazer à tona, trazer... o mundo externo para dentro da escola, ou, talvez seja conseguir é...a gente fala trazer...ou levar o aluno para fora da escola, não sei! Talvez os dois! Ou fazer este cruzamento. E da educação profissional, esse papel do aluno, da escola, não... pode repetir? (risadas)

Pq –Qual é a função da escola e mais especificamente, qual seria a função de uma escola de ensino profissional? Na sua percepção.

En – Da educação profissional, da escola com educação profissional, não é só formar, né? Muitas pessoas falam: “a gente tem que formar alunos para o mercado de trabalho”. Não é só isso. A gente tem que formar o aluno para outras coisas, principalmente, hoje, no que diz respeito as competências sócio emocionais e tantas outras coisas. Eu sei que competência sócio emocional é uma coisa que está na moda, a gente tem que tomar muito cuidado com isso. Mas, uma escola de Educação Profissional, ela permite que o aluno esteja preparado pra assumir posições que vão fazer diferença lá na frente como: ter pensamento reflexivo, saber lidar com pessoas. Hoje não basta eu ser um aluno nota 10. Tenho que saber lidar com pessoas, saber me relacionar com pessoas, saber me colocar no lugar do outro, então aí entram algumas das competências sócio emocionais. E esse é um dos papéis da escola: saber trabalhar isso com o aluno.

Pq – E sua percepção do docente, qual que é a função, o papel do professor? Vou ampliar um pouquinho a pergunta: como foi assumir o papel de professora e coordenadora desse curso para modalidade em questão, pra esse público?

En – Bom, o papel do professor para o EJA, muitas vezes é você conseguir cativar esse público, esquecer, não é esquecer que eu tenho que dar aquele componente curricular, aquela

matéria, não é isso. Mas, você trazer esse público para você, fazer com que ele se sinta confiante e muitas vezes ouvir o que aquele aluno tem a dizer é muito mais importante do que chegar e começar a passar um monte de matéria, matéria, matéria, e aluno não sabe por que ele está lá, o porquê que ele tem que fazer então, isso é muito importante! E depois o resto vem como consequência, né...e a outra qual que é?

Pq – Como foi assumir o papel de professora e coordenadora nesse curso? Eu não lembro se você chegou a assumir aulas...

En – Eu não assumi, eu não dei aula. Eu fiquei muito pouco tempo, eu fiquei pouco tempo na coordenação, mas o tempo que eu fiquei eu conversava muito com os alunos porque eles me procuravam pelas dificuldades que eles tinham em ir para escola. Porque eles encontravam muitas dificuldades em casa, ou não tinham dinheiro para ir pra escola, ou tinham problemas com os filhos ou com os maridos, ou não estavam se adaptando porque na “Argos”, que é onde eles faziam antes o EJA era mais fácil, então... eu não achava difícil, eu acho que era um desafio, um desafio muito gostoso, mas eu não conseguia ficar porque tinha, não consegui ficar até o final porque eu tinha outras demandas aqui que não me deixavam continuar na coordenação. **Pq** – Você participou do processo de elaboração dos Planos de Trabalho, do laboratório de currículos antes então da implantação do curso. Eu queria que você falasse um pouco sobre essa experiência, os principais desafios...

En – É o principal desafio da elaboração do currículo é conseguir unir tudo o que a Base Comum precisa, então eu tenho que... unir Base Comum mais a Parte Profissional, não posso, de forma alguma, deixar faltar nenhum um nem outro e isso em um espaço curto, pequeno de tempo. Dois anos e meio, que foi esse curso, na minha experiência, o que eu pude acompanhar, eu acho muito tempo pra um EJA, porque não é fácil você manter os alunos lá dois anos e meio, enquanto que em outros cursos de Educação de Jovens e Adultos, ele acabam fazendo em um ano, um ano e meio, então para a elaboração do currículo a gente pensava muito nisso e na prática, Na experiência, a gente viu que isso pesou muito. Tanto que a gente formou com quantos alunos? 14 alunos. Isso é muito ruim. A evasão foi muito grande. Então essa questão de conseguir unir Base Comum e Técnica foi bem complicado.

Pq – Então você já me respondeu, a gente falou um pouco sobre a carga-horária...

En – Por isso que eu digo que pra mim foi uma experiência pedagógica e que no meu ver, no meu entendimento, não deu certo, né?

Pq – E os desafios posteriores? Teve todo um processo de elaboração inicial, mas como se deu oferta, abertura de vagas, divulgação?

En – Não foi fácil, porque a essa divulgação a gente teve que ir até a “Argos”, em Jundiaí, o curso foi lá, para fazer a divulgação de um em, porque senão as pessoas não entendiam. Primeiro porque esses alunos, esses candidatos tinham muito medo. Medo do que? Do Vestibulinho. Fazer uma prova. Muitos conhecem já a Etec, então, ah, a vizinho já fez, o filho de um amigo já fez. Mas lá tem o Vestibulinho então, passar por uma prova causou, causava muito medo. A questão de ser avaliado. Então, nós tivemos que ir de sala em sala explicar o que era a Etec, explicar um pouquinho o que era o Centro Paula Souza, explicar quais eram as oportunidades, explicar o que era um técnico em cozinha, explicar o que que isso poderia trazer de benefício para esse aluno e quando a gente chegava na parte do Vestibulinho, todo mundo ficava muito assustado. E aí a gente falava que não era uma prova que ia excluir o aluno, o candidato, né daquele processo. Que tinha que fazer uma prova pra você, é uma prova classificatória, para você poder entrar ou não. Mas eu acho que muitos ali deixaram de participar por medo. Porque eles já são pessoas que estão há muito tempo fora de uma sala de aula e passar por um processo desse é um pouquinho assustador. A gente tentou tirar esse processo do Vestibulinho, esse curso do Vestibulinho, mas foi muito em

cima da hora, existe sim essa possibilidade de tirar, aí a gente parou com isso até de tentar internamente, isso junto à administração Central do Centro Paula Souza, mas existe esta possibilidade.

Pq – A gente sabe que para base comum temos os PCNs, os Parâmetros Curriculares, mas, para área técnica, como é que é pensado os componentes para esse o público, com essa carga horária. Como que é o ponto de partida pra estabelecer quais disciplinas iam compor a grade das disciplinas técnicas?

En – É a gente tem que ter, a gente pega o Catálogo Brasileiro de Ocupações, isso a gente tem que seguir... e depois a gente faz uma pesquisa sempre, né...o currículo do Centro Paula Souza, uma das...o nosso coordenador do Ensino Médio e Técnico, é uma exigência dele que a gente sempre esteja em contato com mercado profissional afim de buscar quais são as exigências do mercado, então com isso a gente consegue montar os nossos componentes curriculares, né... isso é muito importante pra que o aluno não fique desatualizado, por isso que de dois em dois anos, ou no máximo de três em três anos, a gente faz atualização dos currículos e, as vezes, até de um em um ano, depende da necessidade de cada curso. Era isso? Eu respondi?

Pq – É, respondeu! E os PTDs específicos da Base Comum tem como relatar algo do processo? **En** – Da base Comum eu não tenho...tinha...eu chegava, eu cheguei a ver, mas eu fiquei pouco tempo na coordenação, era mais a coordenadora do Ensino Médio que acompanhava, mas o que a gente vê é, até hoje né, nós temos o Ensino Integrado, mas Integrado é, nem sei se eu deveria dizer isso, ainda não é nada...porque eu acabo, eu que sou professora do componente técnico, mas eu dou minha aula, o da Base Comum vai lá é dá a aula dele, existem exceções, mas são raras. Então a gente não vê o professor da Base Comum colocando uma coisa que diga respeito ao Técnico e nem o contrário. Então se você for levar ao pé da letra mesmo, não há essa integração onde deveria haver, né?

Pq – E, especificamente, sobre o componente “Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional”, você tem alguma lembrança?

En – Não. Eu não tenho. A....a....o que é muito impor... é lógico que pro EJA é muito importante sim a Língua Portuguesa, a Comunicação, a Comunicação não... o Inglês...o Comunicação Profissional ele foge um pouquinho que é a questão de como, eu acho que escrever um ofício, eu acho...eu não lembro muito desse componente mas eu acho que como um escrever um e-mail, um ofício, alguma coisa assim, não é? Então a gente tem essa preocupação de como esse aluno, e depois de formado principalmente, ele vai se comunicar, se portar perante é o mercado né? Então como que eu vou escrever um currículo, como que eu vou me apresentar, como que eu vou mandar um e-mail. Então é isso muito importante, que é a porta de entrada deles pro mercado, né?

Pq – O PTD direciona o trabalho para que este se dê de forma interdisciplinar e que promova as relações interpessoais assim, como você compreende a ideia de “Comunicação”, que é ampla, e “Comunicação Profissional” – que faz parte o nome da disciplina? Você já fez alguma reflexão acerca desta terminologia?

En – Bom, primeiro que...o PTD direciona, ou deveria direcionar o trabalho interdisciplinar, tá? Isso é uma coisa que poderia gerar um milhão, várias discussões aí, tá! Relações interpessoais é outro tema, outra coisa que poderia gerar também um milhão de discussões e....você me pegou um pouquinho...porque, olha, o PTD direciona o trabalho...bom...as relações interpessoais, elas estão, lógico, estão totalmente ligadas à questão da Comunicação e aquilo que a gente falou no começo das competências sócio emocionais e tudo mais...aí...é a questão do nome “Comunicação Profissional” é... mas o que é exatamente?

Pq – É como você que compreende, quando você escuta “Comunicação Profissional”, o nome da disciplina e se você já fez alguma reflexão, já parou para pensar sobre isso em algum momento?

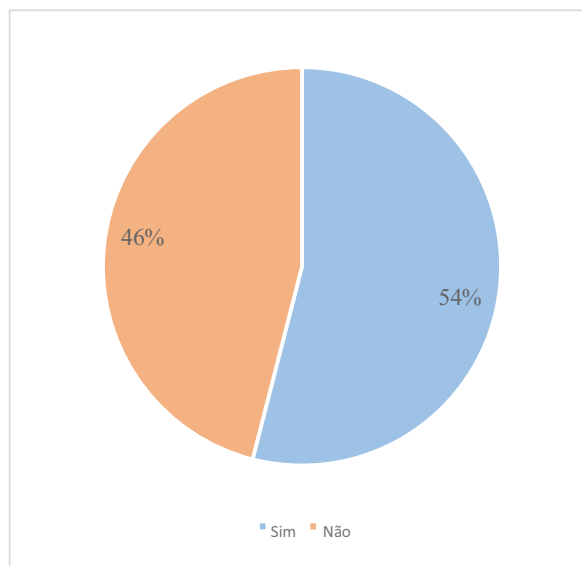
En – Não, nunca parei... eu acho que, na verdade, quando a gente tá elaborando o currículo, as vezes a gente coloca um nome... e muitas vezes não fica atento à ele mas o que vai, o que vai, o que rege esse componente curricular vão ser, infelizmente, as bases tecnológicas e não deveria porque, o que que vai, o que que mantém um componente curricular? As competências e habilidades, não sei se fica claro pra você? Então, mas o que que me vem em relação à “Comunicação Profissional” é a maneira como eu vou me portar perante àquela profissão que estou exercendo seja ela qual for. Não é só uma comunicação verbal, é uma comunicação escrita, também, a minha postura...é tudo isso, é isso que vem à minha mente. Eu não sei o que que vem à mente do aluno e nem a do professor e nem como o professor vai trabalhar isso. Aí entra o papel do coordenador de curso, ver como que isso tá sendo trabalhado, né? Não só através do PTD, mas tentar conversar com o professor e com o restante da equipe pra ver como isso tá sendo trabalhado. Mas é um problema, né? Aí a gente teria que entrar nas questões do PTD, nas questões do Plano de Curso, em outras questões.

Pq – Bom, é isso! Eu agradeço, mais uma vez!

En – Obrigada!

APÊNDICE G – RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO – ALUNOS (EJA)

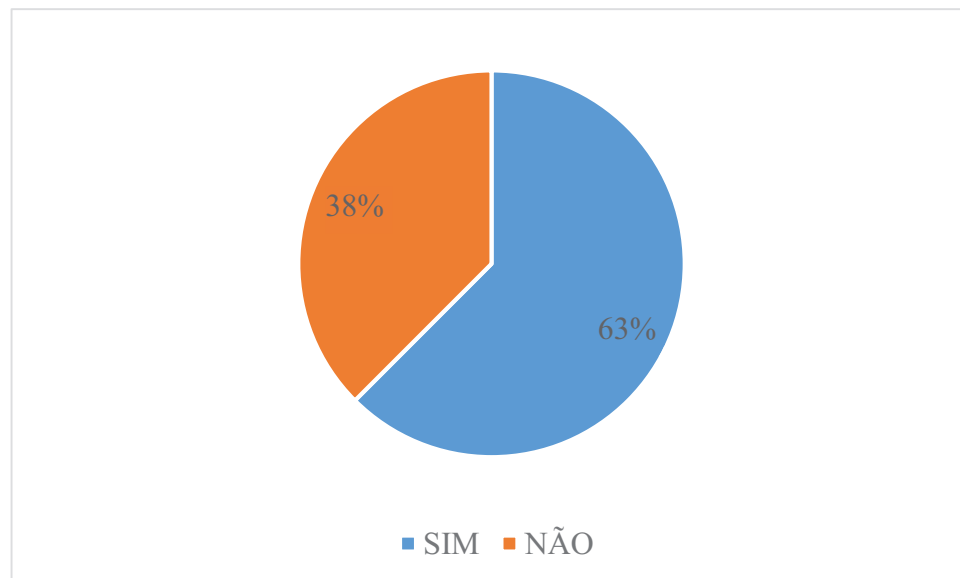
1) Você já atuava na área de Cozinha antes de ingressar no curso?



- Caso tenha assinalado “Sim” descreva brevemente sua experiência (caso tenha assinalado “Não”, escreva “não se aplica”):



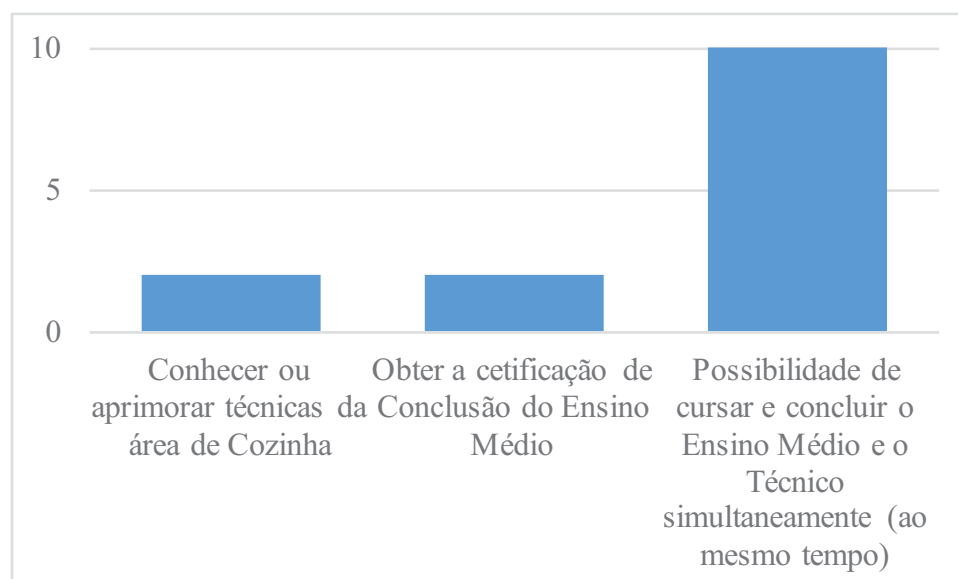
2) Atualmente você trabalha na área de cozinha?



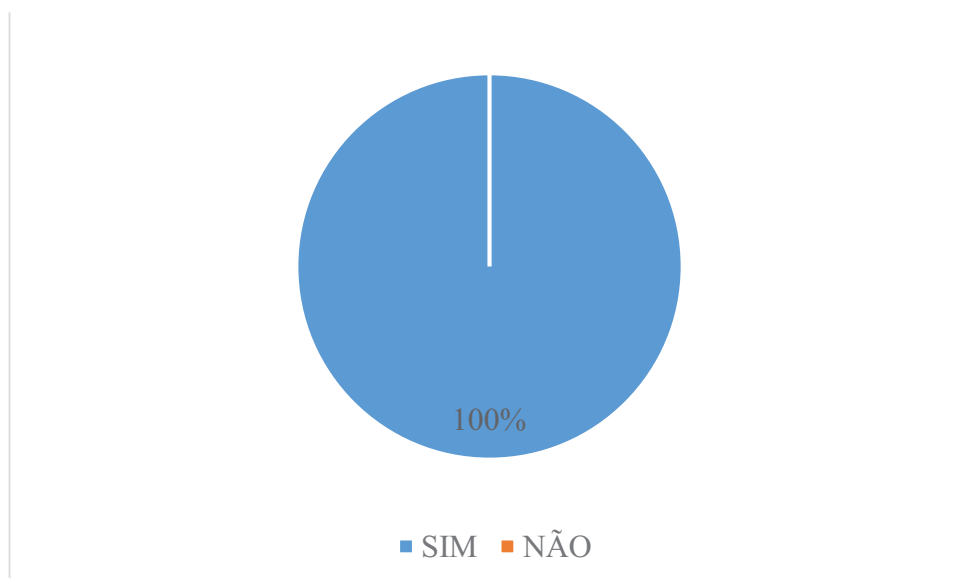
- Caso tenha assinalado “SIM”, em qual local (caso tenha assinalado “NÃO”, escreva “não se aplica”)

- No momento estou desempregada por força maior.
- Atualmente trabalho na lanchonete Point do Salgados, fica lá em Jarinu e é da minha irmã.
- Não se aplica.
- Escola de Gastronomia Academia Gourmet Imperio do Cacau.
- Restaurante e lanchonete Aeroclube.
- Trabalho no hotel Ibis em Jundiaí
- Não se aplica
- Trabalho no colégio Videira Crista
- Na minha marmitaria.
- Escola Sesi Jundiaí
- NÃO
- Agora no momento estou parada só fazendo salgado frito e assado em casa.

3) O que te motivou a realizar o curso Ensino Técnico em Cozinha Integrado ao Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos?



4) Além das certificações obtidas você acredita que a duração do curso (cinco semestres) lhe possibilitou, ou possibilitará (caso não esteja empregado), saberes necessários para a sua atuação profissional:

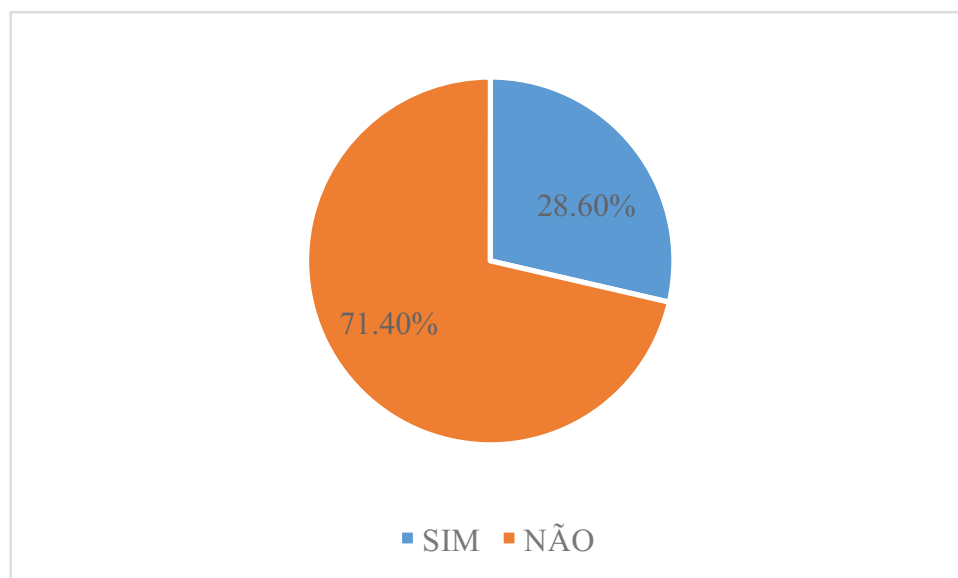


Justifique brevemente a sua resposta:

- Hoje está mais difícil conseguir emprego sem ter o ensino médio.
- Foi um curso completo que me proporcionou grande aprendizado, até mais do que eu esperava.

- Na ETEC tive professores muito dedicados, e que foram fundamentais pro meu crescimento educacional e profissional, e sem dúvida alguma estou preparado pro Mercado de trabalho.
- Acho q é um curso completo, que nos da o que mercado de trabalho exige na área.
- O que aprendi tem aberto portas.
- Tudo ficou mais fácil pra mim na área.
- Me qualificou profissionalmente e me deu novas oportunidades.
- Sim..no curso tivemos um aprendizado necessário para ingressar na área..
- Sim, ganhei aprendizado em várias técnicas exigidas no mercado de trabalho atual.
- Obtive muito crescimento.
- Trouxe informações não conhecidas por mim.
- Talvez apareça uma nova oportunidade.
- Foi mais se durace mais tempo seria melhor passamos pouco tempo em aula prática.

5) Você julga que a quantidade de aulas práticas atendeu suas expectativas?

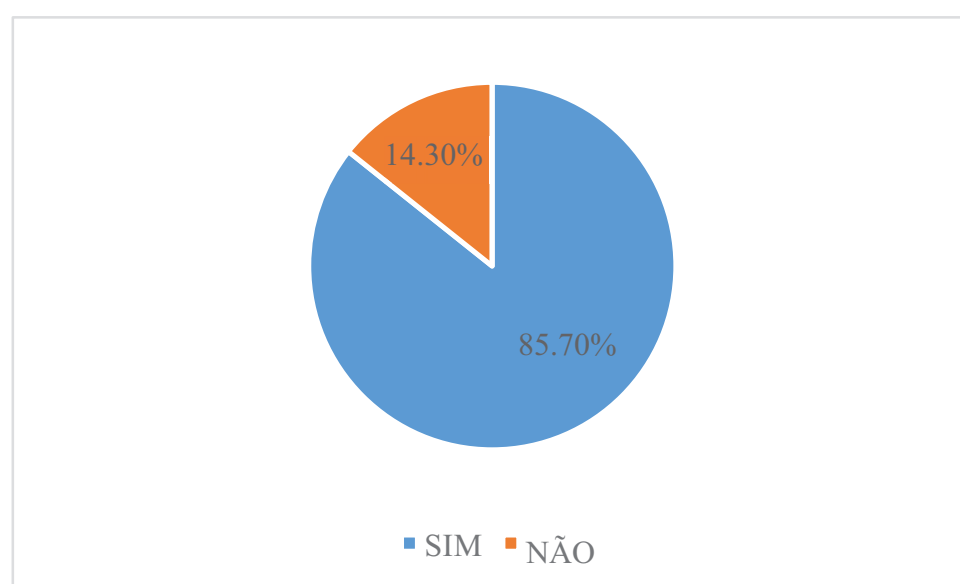


Justifique brevemente a sua resposta:

- Não foi o suficiente para aprender algumas técnicas.
- A maior parte das aulas da parte técnica, foram de forma prática. Além do mais, nossos professores eram bem empenhados para esclarecer nossas dúvidas.
- As aulas práticas para mim foi muito aproveitosa sendo que temos muitos feriados perdemos muitas aulas mas para os próximos cursos técnicos se for possível aumentar as aulas práticas.
- Sim, embora não tivemos algumas aulas práticas, o professor tirou várias dúvidas durante as aulas teóricas.
- Acho que foram suficientes para aprender a profissão.
- Muito conteúdo ficou para traz, devido as aulas do EJA.

- Tudo muito bom.
- Todo o empenho dos professores foram bem aplicado, e absorvido ao máximo pelos alunos.
- Na minha opinião teríamos que ter mais aulas práticas.
- Alguns assuntos não foram tão explorado.
- Foram muito boas as aulas práticas.
- Várias aulas práticas desmarcadas, por motivos pessoais do coordenador.
- Tudo novidade.
- nas aulas prática Eu aprendi mais Eu acho que faltou alguma coisa.

6) Quanto às disciplinas da “Base Comum” (Ensino Médio) você considera que a quantidade de aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional atendeu suas expectativas?

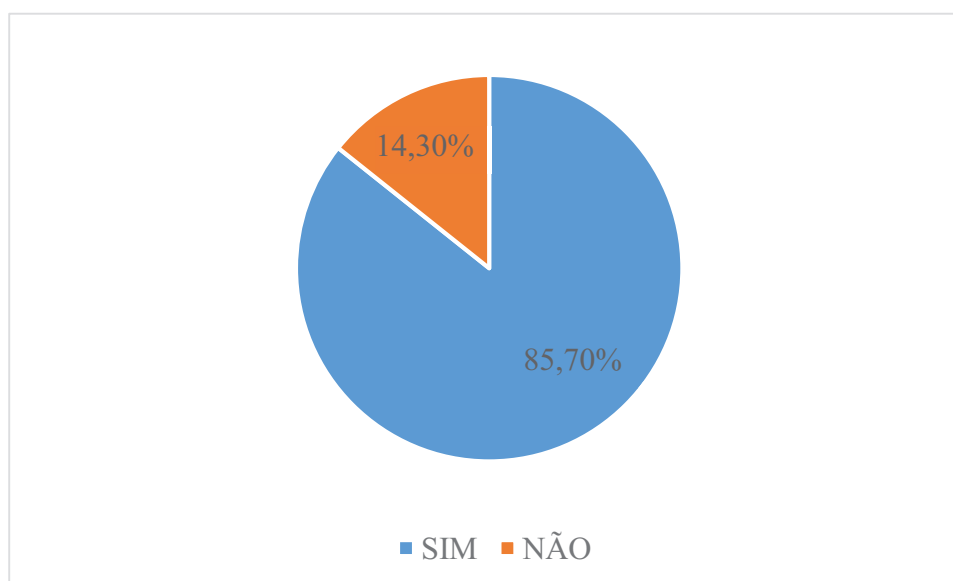


Justifique brevemente sua resposta:

- Foi bastante produtiva.
- As aulas eram bem dinâmicas, e me deixou com muita vontade de aprender cada vez mais.
- Muito mais do que esperava porque eu nunca pensei que teria professores que pudesse nós abraçar com todo carinho e dedicação e ter paciência em ensinar como vocês obrigada.
- Tinha muita dificuldade com a língua portuguesa, e graça as 2 professoras que tive durante o curso hoje consigo escrever melhor utilizando as pontuações.
- Na medida certa pois aprendemos o necessário.
- A professora foi muito competente nas aulas, e aprendemos muito.
- Aprendi muito tudo o que eu precisava.
- Aprendi bastante, não apenas didacamente mas também em situações do dia-dia.
- Pelo pouco tempo que tivemos as aulas foram de grande importância. ○ Sim, aulas dinâmicas e com conteúdo bem explorado.

- Conheci várias palavras que nunca tinha escutado falar.
- Algumas aulas não tinham foco.
- Pouco tempo pra muito conteudo.
- eu acho as aulas de portuguesa foi muito importante aprendi mautas coisas e ainda faltas pois quanto mais nos estuda mais aprende mais E aumenta o nosso desepenho como falar e expressar sem medo de errar estas aulas foi muito importante.

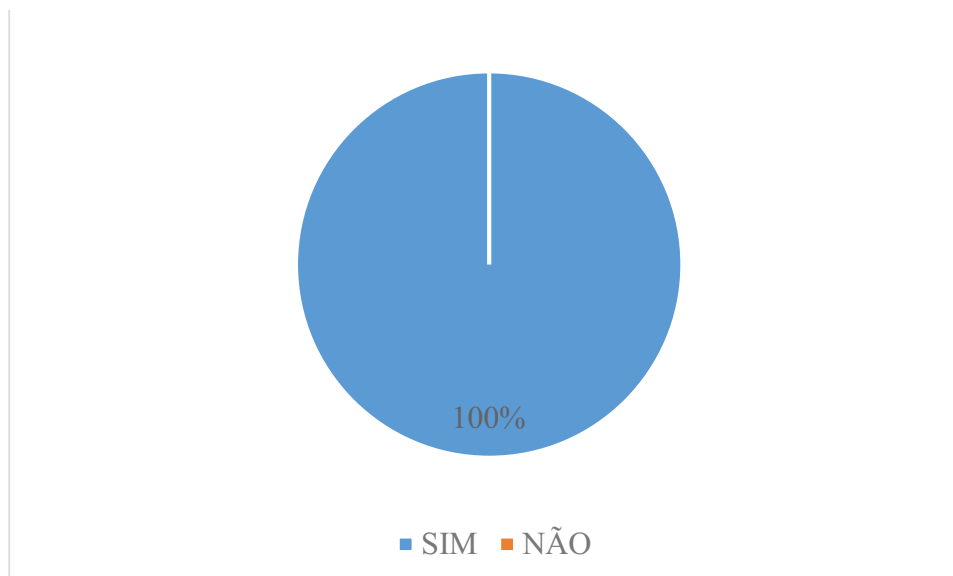
7) Para você as aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional colaboraram para analisar, interpretar e produzir textos?



Justifique brevemente sua resposta:

- A forma de explicar era fácil de entender.
- Com nossas aulas, passei a enxergar os textos de uma outra forma, entender melhor o que leio, e preocuparme com o que eu escrevo.
- Porque pra todas as entrevistas tem interpretação de textos e eu creio que eu estou preparada.
- A professora sempre mandava atividades para casa, e olhava o caderno na aula seguinte, e isso de certa forma nos obrigava a ler e pesquisar mais, sobre a língua portuguesa.
- Depende do tema abordado.
- Aprendi como elaborar textos, ajuda muito nos exames do ENEM.
- Aprendi muita coisa que não sabia.
- Ficou mais claro a minha visão sobre um texto, sabendo como elaborar e obter aquilo que se precisa.
- Interpretação de texto é tudo. Sem isso é impossível exercer qualquer atividade.
- Sim, dando oportunidade de entender a língua e sua aplicação no dia a dia.
- Ajuda em todas as matérias.
- Sim ,estudamos bastante esse item.
- Entender o enunciado.
- Sim me ajudou sempre.

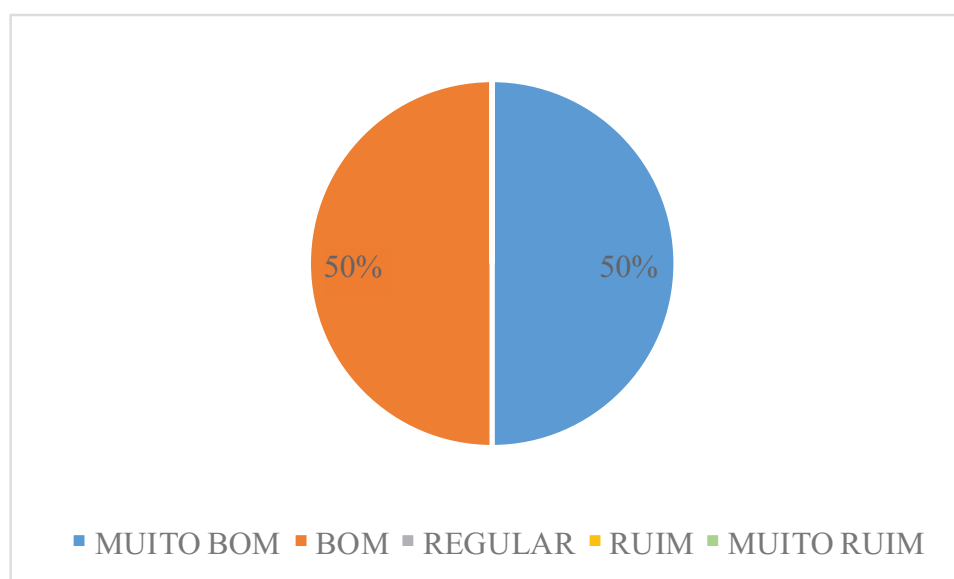
8) Durante o curso você percebeu melhora no uso da Língua Portuguesa para se comunicar e produzir textos para os outros componentes curriculares (como, por exemplo, no TCC, na elaboração e escrita de uma receita ou ainda nas apresentações dos pratos em disciplinas da área técnica)



Justifique brevemente sua resposta:

- Saber expressar. ○ Eu não só melhorei, de fato eu aprendi. ○ Porquê eu não me preocupava com a escrita mas percebi e aprendi que para fazer um cardápio e necessário ter combinações e uma escrita correta.
- Sem dúvidas foi fundamental pra mim.
- A língua portuguesa ficou mais clara, regras que já nem lembrava mais também. ○ Me ajudou muito na elaboração do TCC.
- Ajudou muito.
- Durante o decorrer do curso, minha postura profissional ficou mais refinada com os ensinamentos. E minha visão ficou mais ampla.
- Sim, a melhora em interpretar e na escrita. ○ Facilitou muito para uma escrita direta e objetiva. ○ Tivemos que usar muitas vezes uma linguagem formal. ○ Teve importante papel. ○ A importância do uso de sinais.
- Sim foi bom em tudo a comunicação e o modo de escrever nos texto em todas as disciplinas.

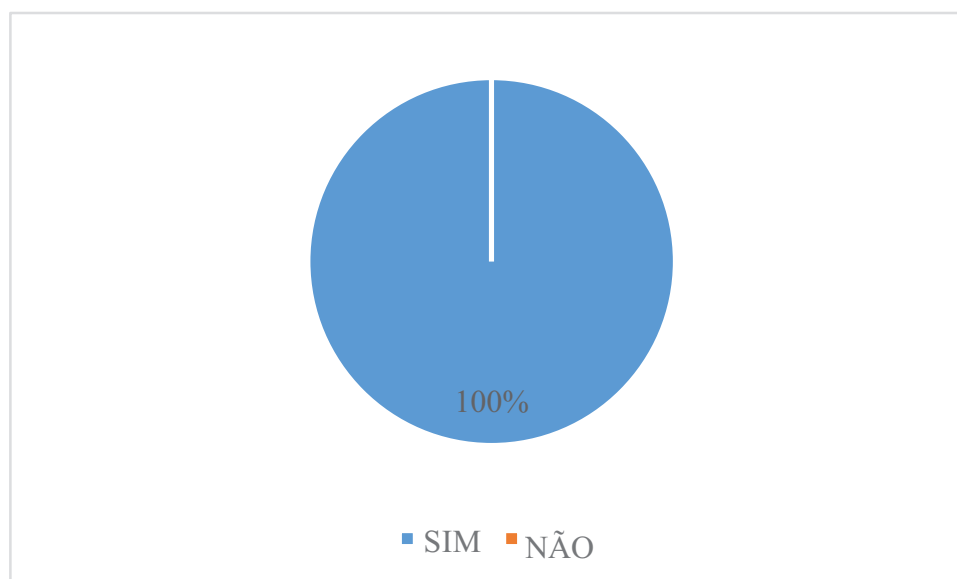
9) Durante as aulas de Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional qual sua opinião sobre os diferentes recursos utilizados como áudios, vídeos, uso de aplicativos, etc.:



Justifique brevemente a sua resposta:

- Pois devido o ritmo do dia a dia. ○ Era bom, mas eu ainda preferia o hábito antigo, professor escrevendo na lousa, e eu repassando para o caderno. Desta forma, me fazia senti-me mais segura com meu aprendizado. ○ Nos dias de hoje e necessário essas ajudas devido o tempo porquê a maioria das pessoas trabalham e estuda.
- Hoje o uso da tecnologia é muito importante pois ela está cada vez mais presente no dia-a-dia de todos nós.
- Facilita muito pra quem já estava a tanto fora da sala de aula.
- Aprendemos brincando, muito divertido.
- Aprendi a escrever melhor.
- Acho maravilhoso todo o meio de ensino que foi utilizado para ensinar. Pois facilitaram nosso aprendizado.
- Tivemos oportunidade de conhecer muitas coisas através de vídeos. ○ Deixa as aulas mais dinâmicas e bem produtiva. ○ Ficava bem mais fácil o entendimento.
- Sempre pode melhorar.
- Aprender coisas com mais facilidades.
- Muito bom em tudo etc...

10) Você julga que os conhecimentos adquiridos durante as aulas da disciplina Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional colaboram, ou podem colaborar, para sua inserção no mercado de trabalho?



Justifique brevemente sua resposta:

- Trabalho com o público e a fala e a escrita são muito utilizados. ○ Todo conhecimento só vem para somar, e como estamos falando da língua portuguesa, com certeza esse aprendizado será peça chave.
- Com toda certeza o meu currículo além de cozinheira agora sou técnica em cozinha.
- Com certeza, pois forma de montar um currículo é a primeira coisa que chama atenção dos empregadores. E a escrita está totalmente ligada as aulas de português.
- Acredito que falar bem e escrever contam muito na hora de concorrer a uma vaga de emprego.
- Tenho procurado me atualizar nas pronuncias.
- Muito pois hoje não tenho mais medo de escrever.
- Sim, antes do curso eu tive a oportunidade de pegar aquela vaga na cozinha que só estava disponível porque ninguém queria ocupa-la. Depois do curso com o conhecimento adquirido eu cresci e mudei a minha posição. Antes lavava pratos, hoje sou cozinheiro. Mais lavo pratos também.
- Tivemos informações necessária para ingressar na área.
- Concereteza, proporcionou uma melhor apresentação pro mercado de trabalho com uma postura mais confiante e objetiva.
- Aprendemos a nos comunicar bem, e até a elaborar um currículo. ○ Uma pessoa que sabe se comunicar bem vai longe. ○ O mercado esta muito exigentes.
- Sim muito. Eu melhorei na em tudo um pouco na escrita.

ANEXOS

ANEXO A – PORTARIA DE DESIGNAÇÃO DE 03-12-2015

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Governo do Estado de São Paulo
Rua dos Andradas, 140 – Santa Ifigênia – CEP: 01208-000 – São Paulo – SP

PORTARIA DE DESIGNAÇÃO DE 03-12-2015

O Coordenador do Ensino Médio e Técnico do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza designa **Amneris Ribeiro Caciatori**, R.G. 29.346.971-4, **Sebastião Mário dos Santos**, R.G. 4.463.749 e **Sônia Regina Corrêa Fernandes**, R.G. 9.630.740-7, para procederem à análise e emitirem aprovação do Plano de Curso da Habilitação Profissional de TÉCNICO EM COZINHA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), incluindo as Qualificações Profissionais Técnicas de Nível Médio de AUXILIAR DE COZINHA e de ASSISTENTE DE SERVIÇOS GASTRONÔMICOS, a ser implantada na rede de escolas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Ceeteps.

São Paulo, 03 de dezembro de 2015.

ALMÉRIO MELQUIADES DE ARAÚJO
Coordenador do Ensino Médio e Técnico

ANEXO B – APROVAÇÃO DO PLANO DE CURSO

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Governo do Estado de São Paulo
 Rua dos Andradas, 140 – Santa Ifigênia – CEP: 01208-000 – São Paulo – SP

APROVAÇÃO DO PLANO DE CURSO

A Supervisão Educacional, supervisão delegada pela Resolução SE nº 78, de 07/11/2008, com fundamento no item 14,5 da Indicação CEE 08/2000, aprova o Plano de Curso do Eixo Tecnológico de "Turismo, Hospitalidade e Lazer", referente à Habilitação Profissional de TÉCNICO EM COZINHA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), incluindo as Qualificações Profissionais Técnicas de Nível Médio de AUXILIAR DE COZINHA e de ASSISTENTE DE SERVIÇOS GASTRONÔMICOS, a ser implantada na rede de escolas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, a partir de 03-12-2015.

São Paulo, 03 de dezembro de 2015

Amneris Ribeiro Caciatori

R.G. 29.346.971-4

Supervisora Educacional

Sebastião Mário dos Santos

R.G. 4.463.749

Supervisor Educacional

Sônia Regina Corrêa Fernandes

R.G. 9.630.740-7

Diretora de Departamento

CNPJ: 62823257/0001-09 286
 Página nº 137

Fonte: Centro Paula Souza
 Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (2015, p.137)

ANEXO C – MATRIZ CURRICULAR

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Governo do Estado de São Paulo
 Rua dos Andradas, 140 – Santa Ifigênia – CEP: 01208-000 – São Paulo – SP

ANEXO – MATRIZ CURRICULAR ANTERIOR

MATRIZ CURRICULAR								
Eixo Tecnológico	TURISMO, HOSPITALIDADE E LAZER							
Curso	Habilitação Profissional de TÉCNICO EM COZINHA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)							
Lei Federal n.º 9394, de 20-12-1996; Lei Federal n.º 11741/2006; Resolução CNE/CEB n.º 1, de 5-12-2014; Resolução CNE/CEB n.º 6, de 20-9-2012; Resolução CNE/CEB n.º 2, de 30-1-2012; Resolução CNE/CEB n.º 4, de 13-7-2010; Resolução SE n.º 78, de 7-11-2008; Decreto Federal n.º 5154, de 23-7-2004.								
Ensino Médio (Base Nacional Comum e Parte Diversificada) e Formação Profissional	Componentes Curriculares	Carga Horária em Horas-aula					Total	Carga Horária em Horas
		Semestres						
	1º	2º	3º	4º	5º			
	Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional	80	60	60	80	60	340	272
	Matemática	60	80	60	60	40	300	240
	Filosofia e Ética	20	-	20	-	20	60	48
	Sociologia do Trabalho	20	-	20	-	20	60	48
	Técnica Dietética e Nutrição	100	-	-	-	-	100	80
	Procedimentos de Higiene e Segurança na Cozinha	100	-	-	-	-	100	80
	Língua Estrangeira Moderna – Espanhol	40	40	-	-	-	80	64
	História	40	40	-	-	-	80	64
	Geografia	40	40	-	-	-	80	64
	Técnicas de Cozinha e Restaurante	-	100	-	-	-	100	80
	Cozinha Fria	-	100	-	-	-	100	80
	Tecnologia da Informação e Comunicação	-	40	-	-	-	40	32
	Projeto Integrador	-	-	60	-	-	60	48
	Atividade Física e Qualidade de Vida	-	-	40	-	-	40	32
	Cozinha Brasileira	-	-	100	-	-	100	80
	Cozinha Internacional Clássica	-	-	100	-	-	100	80
	Língua Estrangeira Moderna – Inglês e Comunicação Profissional	-	-	40	40	-	80	64
	Eventos Gastronômicos	-	-	-	100	-	100	80
	Técnicas de Harmonização	-	-	-	100	-	100	80
	Física	-	-	-	40	40	80	64
	Química	-	-	-	40	40	80	64
	Biologia	-	-	-	40	40	80	64
	Panificação e Doçaria	-	-	-	-	100	100	80
	Artes	-	-	-	-	40	40	32
	Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Cozinha	-	-	-	-	100	100	80
TOTAL GERAL DO CURSO		500	500	500	500	500	2500	2000
Componentes curriculares da Formação Profissional com aulas integralmente práticas (100% da carga horária prática)	1º semestre	Procedimentos de Higiene e Segurança na Cozinha; Técnica Dietética e Nutrição,						
	2º semestre	Tecnologia da Informação e Comunicação; Cozinha Fria; Técnicas de Cozinha e Restaurante,						
	3º semestre	Cozinha Brasileira; Cozinha Internacional Clássica,						
	4º semestre	Eventos Gastronômicos; Técnicas de Harmonização,						
	5º semestre	Panificação e Doçaria; Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Cozinha (divisão de classes em turmas),						
Certificados e Diploma	1º + 2º semestre	Qualificação Profissional Técnica de Nível Médio de AUXILIAR DE COZINHA						
	1º + 2º + 3º + 4º semestres	Qualificação Profissional Técnica de Nível Médio de ASSISTENTE DE SERVIÇOS GASTRONÔMICOS						
	1º + 2º + 3º + 4º + 5º semestres	Habilitação Profissional de TÉCNICO EM COZINHA						
Observações	Trabalho de Conclusão de Curso: 120 horas. A distribuição de Componentes Curriculares da Base Nacional Comum, da Parte Diversificada e da Formação Profissional consta do Plano de Curso e atende à legislação. Carga Horária Semanal Máxima: 40 horas-aula semanais (horas-aula de 50 minutos).							

Fonte: Centro Paula Souza
 Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (2015, p.139)

ANEXO D – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORALTERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente instrumento, o(a) senhor(a) _____
_____, RG: _____, residente e
domiciliado à _____, na cidade
de _____, cede e transfere gratuitamente, em caráter universal e
definitivo ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza a totalidade dos
seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no(s) dia(s)
_____, perante o pesquisador(a) _____.

Fica, portanto, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza plenamente
autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
inclusive cedendo direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

_____, ____ de _____ de 2019

Cedente:
